



IV ANTOLOGIA

ENCONTRO DE ESCRITORES

Monte-alegrenses & Convidados

2021

MONTE ALEGRE DE SERGIPE

© COPYRIGHT 2021 BY ENCONTRO DE ESCRITORES MONTE-ALEGRENSES

Título:

IV Antologia - Encontro de Escritores Monte-Alegrenses e Convidados

Revisão:

A cargo de cada autor

Contracapa:

Hino de Monte Alegre de Sergipe

Capa:

Lucas Messias da Costa

Projeto Editorial

Lumia Escritório de Design

Nossa Senhora da Glória/SE | Tel. (79) 9 9605-0697

Diagramação:

Rubens Ferreira

Todos os direitos desta edição ficam reservados aos autores e à organização. Proibida a reprodução total e ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da lei de regência. Poderá ser reproduzido texto entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil





IV ANTOLOGIA

ENCONTRO DE ESCRITORES

*Monte-alegrenses
& Convidados*

Organização

Carlos Alexandre N. Aragão

Izaque Vieira Machado

Márcia Fernanda Oliveira Borges Silva

Marcos Antônio Pereira Lima

2021

MONTE ALEGRE DE SERGIPE

APRESENTAÇÃO

Em 2015, plantamos a semente em um solo fértil que logo se transformou em uma frondosa árvore que vem ramificando através da I, II, III e IV edição do Encontro de Escritores Monte-alegrenses & Convidados - EEMAC (2015, 2017, 2019 e 2021) e a I, II e III edição do Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe (2016, 2018 e 2020).

Temos a satisfação de apresentar a você leitor (a) a Antologia do IV EEMAC. A obra é composta por poemas e prosas de escritores (as) que têm uma caminhada na escrita e outros (as) que estão dando o primeiro passo. Essa trajetória torna-se mais significativa por termos o abraço afetivo de cada um (a) ao enviar o texto para a publicação.

Para completar a essência dessa obra, encontramos textos de estudantes e escritores que conquistaram os três primeiros lugares no III Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe nas categorias Conto, Crônica e Poema.

O nosso sentimento é de GRATIDÃO aos/às desbravadores(as) da escrita por lapidarem as palavras, pausarem o ritmo, evidenciarem as temáticas, ecoarem vozes, entrelaçarem olhares capazes de criar diversos efeitos de sentido.

É nesse caminho que percebemos a importância de oportunizar a cada Escritor/Escritora um espaço para a publicação dos seus escritos e dessa maneira novos (as) escritores (as) são descobertos (as). Agora só nos resta fazer a degustação dos textos que compõem esta Antologia, caro leitor (a).

Carlos Alexandre Nascimento Aragão
Izaque Vieira dos Santos
Márcia Fernanda Oliveira Borges Silva
Marcos Antônio Pereira de Lima



SUMÁRIO

POESIA

ALBERTO ROIPHE	14
ALVERIANO DE SANTANA DIAS	15
ANDRÉ LUIS SANTOS	17
ANTÔNIO DE PÁDUA GALVÃO	18
ANTÔNIO JOSÉ DE MELO	19
ANTÔNIO MARCOS BANDEIRA	23
BRUNO VINÍCIUS S. PINHEIRO	24
CARLA CRISTINA DE O. GOMES	25
CARLOS OLIVEIRA NASCIMENTO	26
CÉLIA MÔNICA ALVES DA SILVA	27
CELINA BEZERRA DA SILVA	28
CLESIANE CONCEIÇÃO DE ASSIS	29
DAIANE SANTOS RODRIGUES	30
DENIVALDO DOS SANTOS	31
ELAINE OLIVEIRA DA ROCHA	35
ELIA BARBOSA DE ANDRADE	36
EUNICE GUIMARÃES	38
EUVALDO LIMA (O PEQUENO DIMINUTO)	39
FABIANA LISBOA RAMOS MENEZES	40
FLÁVIO CARMO DE JESUS	41
GILEIDE BARBOSA DE S. SANTOS	43
GLAUCIA PAMELA DE JESUS SILVA	44
HELOYSY ALESSANDRA	45
IEDA SANTOS FERREIRA	46
ISABELA SILVA DA HORA	47
JAILSON BARBOSA SILVA	48
JANAÍNA CIQUELERO BELLÉ	50
JANAINE DA SILVA SANTOS	52
JANEILMA COSTA SILVA	54
JOÃO BATISTA DOS SANTOS	55
JOÃO GUILHERME S. FEITOSA	56
JOSÉ EDIRANI V. DO SACRAMENTO	57

KELBER RODRIGUES DE SOUZA	58
KEVIN GELTON ALVES DA S. SANTOS	59
LEUNIRA BATISTA SANTOS SOUSA	60
LÍVIA SOUZA RAMOS	61
LUCAS LAMONIER	62
MAIKON DOUGLAS P. SANTANA	63
MANOEL JOZENIAS DE OLIVEIRA	64
MÁRCIA FERNANDA O. BORGES	65
MÁRCIA REJANE OLIVEIRA SANTOS	66
MARCOS ANTÔNIO LIMA	67
MARCOS ROBERTO G. MONTEIRO	68
MARIA DAS GRAÇAS M. MELO	69
MARIA DE LOURDES FERNANDES	70
MARIA FERNANDA M. DOS SANTOS	71
MARIA ISADORA S. DE JESUS	72
MARIA IZABEL DO NASCIMENTO	73
MARIA JOSÉ DOS SANTOS	74
MARIA KAEELLY DE JESUS SANTANA	76
MARIA LÚCIA DO N. FEITOZA	77
MARIA RITA DOS SANTOS	78
MARILENE ARAÚJO DE BARROS	79
MATTHEUS BORGES SILVA	83
MICAELY LUDHIMILA DOS S. LIMA	84
NÍCOLAS SANTANA SOUZA	85
PRISCILA LOPES DA SILVA	86
RAFAEL DE SOUZA	87
RENILTON GOMES SILVA	89
ROSE SANTANA	90
ROSIMARY DOS ANJOS SILVA	91
SOLANGE DA G. PINHEIRO (SOL PINHEIRO)	93
TINHO SANTANA	94
VERA LÚCIA DOS SANTOS	95

SUMÁRIO

PROSA

ADEBALDO FEITOSA DE S. JUNIOR	98
ALOISIO ROSA	100
ANA PAULA DA SILVA LEMOS	102
PE. ANTÔNIO R. DE SOUSA	103
CARLOS ALEXANDRE N. ARAGÃO	104
DANIEL DA ROCHA SILVA	107
DOMINGOS PASCOAL DE MELO	110
EDEMAR LIMA OLIVEIRA	112
ELIEZER SANTANA JÚNIOR	114
EVISON DA SILVA SOARES	116
FERNANDA SOUZA	117
GABRIEL DOS SANTOS	119
GLAUCILANE SANTOS DA SILVA	121
HENDRICKSON R. MELO DA SILVA	123
ITLA DENISE DE OLIVEIRA AMORIM	125
IZAQUE VIEIRA DOS SANTOS	126
JEAN MARCOS DA SILVA	129
JILBERTO RODRIGUES DE OLIVEIRA	131
JOSÉ ALAN PEREIRA LEITE	133
JOSÉ JOELIO DOS SANTOS	135
JOSÉ NUNES SANTANA	136
JOSÉ PEDRO FILHO	140
LUCIANO ACCIOLE GOMES	142
LUCIENE DE OLIVEIRA	145
MARIA GORETE DE MACEDO LIRA	147
MARIA JOSÉ SANTOS BARNABÉ	150
MARIA LUZINETE FONTENELE	151
MARTHA DANIELLY DO N. MELO	155
MAURÍCIO MATTOS LOPES	157
MIRASELMA DAS NEVES SARDINHA	158
SILVANIA BATISTA DOS SANTOS	160
VALDETE ALVES	162
WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA	163

CONTO**III CONCURSO LITÁRIO DE MONTE
ALEGRE DE SERGIPE**

LUCAS MESSIAS DA COSTA	168
MARCELO DE JESUS MOURA	172
ALIEDSON LIMA	174

CONTO ESTUDANTE

VICTOR HENRIQUE BISPO JASON	180
MILENA CAROLAINE D. DA SILVA	184
MARIA ELIZA DA SILVA ARAÚJO	186

CRÔNICA

ROBISON SÁ	190
JOSÉ BARROS DOS ANJOS	192
JOSÉ THIAGO DANTAS COSTA	194

CRÔNICA ESTUDANTE

KAUÃ ALVES DOS SANTOS	198
MARIA LUCYELMA F. DE MELO	199
MATHEUS ALVES BARROS	201

POEMA

FRANKLY ROLIM	206
IASMIM SANTOS FERREIRA	207
ALEX XELA LIMA	209

POEMA ESTUDANTE

ALANY NUNES MACEDO	212
MATHEUS ALVES BARROS	213
MARIA LUCYELMA F. DE MELO	214



POESIA

Quando o nosso olhar estiver embriagado pela poesia, conseguiremos enxergar o outro com suas imperfeições e diferenças, respeitando-o e possibilitando que nossos olhares tenham uma interação ativa e transformadora. Assim, a arte da poesia se concretizará entre nós.





ALVERIANO DE SANTANA DIAS

É pernambucano, natural de Recife. É médico Veterinário, formado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, com Pós-Graduação em Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável. Tem residência fixa em Picuí-PB, cidade que o adotou com o título de cidadão Picuiense, em 11/12/94. Membro efetivo da Academia Paraibana de Letras Maçônicas (APLM), ocupando a cadeira de Nº 14. É escritor e poeta, com participação em mais de dez antologias. O poema, Mãos Estendidas, foi selecionado entre os duzentos e cinquenta melhores pelo concurso nacional de novos poetas – 2020, pela editora Vivara. No III concurso literário de Monte Alegre, ficou em nono lugar com o poema, Não Sou Mais Do Que Posso Ser, presente nesta Antologia. Tem vários artigos publicados na Revista Maçônica O BUSCADOR. Editou o livro de poesias intitulado: ENCANTOS DA POESIA.

NÃO SOU MAIS DO QUE POSSO SER

Sou o perfume, sou o espinho da flor,
Sou o regato por onde o rio escorre.
Sou o colorido, sou toda a cor,
Sou toda a alegria, não sou a morte.

Sou a eterna escuridão, sou a luz do dia,
Sou o brilho, sou a paixão, sou o teu amor.
Quando estás triste, sou a tua alegria,
Quando sofres, conforto a tua dor.

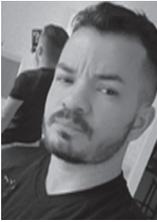
No frio, sou o manto que te esquenta,
Meu corpo é o lençol que te cobre.
No calor, quando ele te descobre,
Todo o meu desejo por ti aumenta.

Não sou nenhum puritano ou santo,
Para a tua vida santificar.
Nunca fui e não sou nenhum espanto,
Nem sou demônio pra te infernizar.

Não posso ser o que queres que eu seja,
Pra isso eu deixaria de ser eu mesmo.
Não sei me camuflar em teus desejos,
Nem me esconder para que não me vejas.

Hoje, sou tudo o que sempre quis ser,
Não mais do que Deus me permitiu.
Sou uma manhã que o Sol transgrediu,
Ferindo a noite até o amanhecer.

Sou teu homem, a paixão da tua vida,
Sou a ternura, a paz do teu interior.
Sou todo o amor na mais justa medida,
Diante de ti não sei mais quem sou.



ANDRÉ LUIS SANTOS

Técnico em Secretaria Escolar – PROFUNCIÓNÁRIO (2010), graduado em Matemática (UNIT/SE, 2009) e em Geografia (UFS/SE, 2014). Pós-graduado em: Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França (2011), Gestão e Educação pela Faculdade Pio Décimo (2013), Especialização Direitos Infanto-juvenis no ambiente Escolar “Escola que protege” pela Universidade Federal de Sergipe (2015). Mestrando do Programa de Pós-Graduação de Ensino de Ciências e Matemática da Membro Correspondente da Academia de Letras, Música e Artes de Salvador (ALMAS – Bahia), Membro Correspondente da Academia Canindeense de Letras e Artes (ACLAS) de Canindé de São Francisco/Sergipe. Membro Efetivo, cadeira nº 17, da Academia Gloriense de Letras (AGL), Nossa Senhora da Glória, Sergipe. Finalista na seletiva Lei Aldir Blanc pela Fundação de Cultura e Arte Aperipê de Sergipe (FUNCAP/SE) e Secretaria de Educação e Cultura de Nossa Senhora da Glória/SE (SEMED). Autor do Livro Faces – Diversas imagens poéticas (2021) e do Livro Ocultos Poéticos (2021).

ENTRELAÇADOS

Duas almas apaixonadas,
 Duas almas entrelaçadas.
 Vem cá, me dá a mão.
 Deixa o coração falar,
 Deixa os sentimentos transbordar.

Deixa eu te mostrar.
 As belezas do mundo da paixão
 Do amor e sentimentos de gratidão
 Vem cá, me dá a mão.
 Deixa o gostar florescer.
 Deixa o relacionamento acontecer.
 Faz ele enaltecere.

Almas que por um momento
 Foram rompidas.
 Mas, logo deram formas de se reencontrar.
 Para se amar
 Se entrelaçar.
 Vem cá, me dá a mão.
 Deixa eu cuidar do coração.
 E numa redoma de vidro
 O colocar,
 para sempre poder zelar
 E cuidar.

Vem cá, me dá a mão.
 Deixa a paixão florescer.
 Deixa o amor enaltecere.

Vem cá, me dá a mão.
 Vamos fazer acontecer.
 O relacionamento entrelaçar.
 Vamos fazer e nos cuidar.
 E para os momentos compartilhar.

Vem cá, me dá a mão.
 Vem viver a emoção.
 Escuta o que o coração tem a falar.
 Vem comigo se entrelaçar.
 E no amor, nos cuidar.



ANTÔNIO DE PÁDUA GALVÃO

Poeta Antônio Galvão, Belo Horizonte, economista, professor, assessor parlamentar CMBH, produtor de cultura, formação em psicanálise, publicou 06 livros, criador TV POETA & POESIA

ESCAVADOR DE ALMA

Nasci mineiro
Garimpo preciosidade
E sensibilidade

Escavei na alma
Uma mina de
Pura essência

Na cava profunda
Toquei no ser

No buraco
Mais abissal
Senti a verdade

Na bateia separei
Sentimentos preciosos
Diamantes de fé
E as pedras toscas do
Animal homem

Emponderei de rica
Lavra de afeto
Encontrei o
Diamante luminoso da
Transcendência

Na bateia surrada
Do mar de dentro
Num fosso profundo
Achei o ouro primal

O encontro marcado
O veio da alma,
Amor, Deus e liberdade



ANTÔNIO JOSÉ DE MELO

Nascido e criado em Monte Alegre de Sergipe. Filho de Celina da Silva Melo e Antônio Santos Melo. Licenciado em Ciências da Natureza e Matemática – UFS, professor de Matemática, pós-graduado em Biologia e Matemática - FAVENI. Servidor público do Estado de Sergipe. Ator e um dos fundadores do Grupo de Teatro “Foi por Você”.

FORRÓ ALEGRE

Quero saudar nosso povo
Puxando pela memória
Terra de grande cultura
Nessa longa trajetória
De teatro à cantor
Tem vaqueiro cantador
Que compõe a nossa história

Não cabe tudo em um poema
Nem também em uma canção
Como nós “tamo” em junho
Já surge inspiração
Essa data sempre pede
Falar do Forró Alegre
E do nosso “Sanjoão”

Meados de 93
O prefeito no São João
Criou um grande festejo
Nessa mesma ocasião
Bandeirinhas e palhoças
Trazia o povo da roça
E de toda Região

A festa era completa
Com forrozeiro astuto
Tocava o pé de serra
Era gostoso o tumulto
Da baixa verde saia
E na cidade se via
O Casamento do matuto

Como o próprio nome diz
É um tempo de alegria
é forró Alegre no Palco
No vulcão e na Ruinha
A cidade é enfeitada
Tem o forró da molecada
E também lá na pracinha

Ao lado do 28
Foi o seu local primeiro
Teve a praça do forró
com o Vitor Sanfoneiro
hoje é praça de eventos
que também trouxe o talento
de Giltinho Boiadeiro

Chupa cabra, Paulo Nunes
Zito e Zete e Banda Xepa
Discarada, Zé Ramalho
E também Calcinha Preta
Teve até um Xote Play
Que a hoje não sei
Se era banda ou era treta

Tem Mattheus tem Andrey
E também fogo na Saia
Erisvaldo de Carira
E até balai de gaia
Eita gota Serena!
teve flor de Açucena
pra aumentar a gandaia.

É muito artista bom
E muito não foi citado
Não dar pra falar de todos
Mas sintam-se abraçados
Tem algo que sempre lembro
O show de Jarbas moreno
E também anjos alados.

Eu sei que é forro Alegre
Mas tudo aqui se mistura
Lembro da comida típica
Dos trajes e da formosura
Tem a fogueira queimando
Os rojões se estourando
E canjica de fartura

O que jamais vai faltar
É a quadrilha Junina
Que começa na escola
Tem menino e tem menina
Pra isso não tem idade
Tamanha diversidade
De adulto a pequenina

Mas não para por ai
Tem a atração principal
Que na noite de são João
Junta todo o "pessoá"
Se não "guenta" se entregue
E a quadrilha forró alegre
Incendeia o "arraiaí"

O forró só acabava
Quando amanhecia o dia
Tinha o café da manhã
A grande roda se abria
todo mundo ali dançava
os casais se abraçava
pois não tinha PANDEMIA

Hoje viramos história
Patrimônio cultural
Infelizmente nossa festa
Não é mais no arraiaí
Ninguém vai se entregar
Vamos todos pra o sofá
Ver o forró Virtuá

Que saudade das quadrilhas
Que saudade das Gincanas
Do casamento do matuto
Que era um pouco sacana
Mas não vamos desistir
Ainda vou assistir
O forró de Aritana

Esse último já dizia
De uma forma bem alegre
Todo mundo já ouviu
E não há aqui quem negue
Essa era canção;
"Forró bom lá no Sertão...
Tem que ser em Monte Alegre"

Por isso lavem a mão
Ou passe o "alquingel"
A máscara é importante
E essa doença é cruel
Se eu estiver com sorte
Ainda vou dançar xote
E escrever mais um Cordel



ANTÔNIO MARCOS BANDEIRA

Graduado em Licenciatura Específica em Português, Pós Graduado em Gestão e Docência do Ensino Superior, Pós-Graduado em Gestão e Coordenação Escolar. Professor de Língua Portuguesa de escolas Estaduais de Educação do Ceará. Membro Correspondente da Academia Literocultural de Sergipe, ALCS, Membro da AVLPL Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura.

SILÊNCIOS

Silêncios imperam se esfacelam
Nas velas e procelas mais velas!!!
E silenciam as vozes atrozés
mais não dos algozes, ferozes!!!

Silêncios, presentes
e assim tão ausentes
urgentes, latentes
fortes e valentes não calam
falam, exalam amor!

Silêncios,
Exaltam a vida
Início ou partida e na lida
Nos ensinam e exprimem
Sonhos, realizações
Desejos, emoções
E em cada uma das ações
Nos dizem:
Não mantenham-se em silêncio.



BRUNO VINÍCIUS S. PINHEIRO

Nascido em 21/09/2008 em Aracajú-SE, reside no Povoado Crioulo, município de Amparo de São Francisco-SE, o jovem estuda na Escola Municipal Ivany da Glória Freire, em Amparo de São Francisco SE, é membro do Projeto Viajando na Leitura, em Amparo de São Francisco, é Neoacadêmico da Academia de Letras Estudantil de Japoatã- ALEJ e pretende lançar seu primeiro livro na Bienal do Livro em Itabaiana-SE no ano vindouro.

ELEMENTOS: ÁGUA 1

Nosso planeta é formado
De água e outros elementos
E a água é um composto
Que guarda muitos conhecimentos
Agora esqueça os problemas
E venha desbravar comigo esse tema
Que é de um inteiro um fragmento.

Sendo elemento ou não
A água ainda é moradia
Motivo para a vida
Motivo para alegria
Sem ela não poderíamos viver
Sem ela plantas e animais iriam morrer
Porque vida não existiria.

Se a água ocupa na nossa vida
Um espaço gigante
Porque tratamos ela
Como se não fosse importante
Não venha dizer que não sabia
Pois é lixo no mar todo dia
Que a quantidade é impressionante.

São tantas toneladas
Que parecem até mentira
Nosso futuro estará contado
Se não pararmos com esse bota e tira
Botando lixo e tirando pescado
Ninguém pensa no oceano coitado
Depois querem se fazer de vítimas.

Vamos repensar nossos atos
E da água vamos cuidar
Porque ela é um bem
Que um dia pode acabar
Então vamos nos prevenir
Pois o que é bom pode sumir
E isso ninguém quer experimentar.



CARLA CRISTINA DE O. GOMES

Formada em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar e pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Servidora Pública. Atualmente, exerce a função de pedagoga e psicopedagoga nas redes de ensino pública e particular. Acredita que a família é o centro de tudo. E que o Amor, a Humildade e a Fé abrem todas as portas. É membro efetivo da Academia Municipalista de Sergipe do Café Poético Sergipano e do Sarau Sergipano de Mulheres.

AMO DESFEITO

Promessas foram feitas
Promessas foram desfeitas
Ficará apenas recordação
De um amo desfeito
Perdemos a emoção
Cada um na sua estrada
Carregando a sua dor
Sem culpado ou culpada
É o fim de um amor
Não consigo entender
Parecia tudo tão normal
O meu caminho eu trilharei
Do passado é só lembrança
Tudo isso tendo como princípio
De uma pura desilusão
Dei minha vida para ser feliz
E foi isto que você não quis
Cada um na sua estrada
Carregando a sua dor
Fez nascer nos meus olhos
A enxergar o que eu não via
Que o tempo fez saber
Falso foi o seu sorriso
Se me lembro faz doer



CARLOS OLIVEIRA NASCIMENTO

Filho de Maria Josefa Oliveira Nascimento e José Batista Nascimento, nasceu em Aracaju, é natural de N. Srª da Glória/SE. É Licenciado em História – UNIT, atuou como Tutor/Monitor e Mediador dos Pragams Mais Educação e Novo Mais Educação.

MEU CHÃO

Apaixonado pelas paisagens do Alto Sertão.
Acordar com o canto do galo e o mugido da mimosa não tem melhor não.
Por isso que nunca saio do meu chão.

Meu sertão gracioso,
Que não saio do meu pedacinho.
Que vou ficando, ficando por aqui até o finalzinho.



CÉLIA MÔNICA ALVES DA SILVA

É Mestre em Ciências da Educação, licenciada em Língua Portuguesa, Ciências Biológicas, Artes e Pedagogia. É Pós-graduada em Pedagogia do movimento para o Ensino fundamental e Médio, Português/ Literatura, Língua Espanhola, Biologia e Psicopedagoga Clínica e Institucional. Leciona no Município de Japoatã desde os 14 anos, sendo efetivada aos 16 anos, após passar no concurso Municipal. Já exerceu a função de coordenadora pedagógica, trabalha atualmente na Escola Dr. José Rollemberg Leite, Ministra aula em Pós-Graduação, foi formadora do Currículo Sergipano na disciplina de Artes em Japoatã. Já publicou seus poemas em várias antologias Sergipanas e em outros estados e na Revista Atração. Idealizadora do projeto Reescrevendo Fabula na Escola Rollemberg Leite, Chá Literário da Escola Eliete de Melo onde foi coordenadora pedagógica da mesma. com o objetivo de descobrir jovens com habilidade de escrever contos, crônicas e poesias, dando oportunidades de entrar no mundo da literatura no qual está sendo realizado com sucesso. Atualmente, a professora é Presidente da Academia de Letras e Artes de Japoatã-AJLA, ocupando a cadeira de nº 4, Coordenadora da Academia de Letras Estudantil de Japoatã- ALEJ, Organizadora do DPASCOAL CULTURA E ARTES DE JAPOATÃ.

SÓ VIVA!

A vida é tão frágil
Tão curta e passageira
Que deixamos de viver
Por algumas besteiras

É tolice a mágoa guardar
É tolice culpar o outro
Para nossas falhas esconder
É tolice deixar de viver

Viva com amor
Viva com bondade
Viva o belo
Deixe de lado a maldade

Perdoe e ame mais
Distribua amor e acolhimento
Se coloque no lugar do outro
E viva cada momento.

Viva, só viva!



CELINA BEZERRA DA SILVA

Nasceu no Rio de Janeiro, mora em Salvador há 25 anos. Formada em Letras com Especialização em Educação Inclusiva e Educação da Infância e Ludicidade. Tem 3 livros publicados, e é coautora em 14 antologias e coletânea. Membro Correspondente da Academia Litero Cultural de Sergipe e da Academia Internacional Mulheres das Letras. Faz parte do movimento Mulherio das Letras Nacional, Bahia e Sergipe. Professora da Rede Pública Estadual de Sergipe em S. Cristóvão.

DISTÂNCIA

Daqui de minha cidade
Te sinto assim
Tão Distante...
Mas estás dentro de mim
Que até o instante
Fica com cheiro de jasmim.
Você aí do seu lugar
Pensando em mim
Pensando em me encontrar
Com beijos de carmim.
Hoje a distância é ainda maior
O amor é o que nos faz sonhar
Com o dia que será melhor
Para nosso sonho realizar.
Enquanto isso não acontecer
Eu aqui vou te esperar
Pois meu melhor sonho
É com você acordar.



CLESIANE CONCEIÇÃO DE ASSIS

É estudante do Ensino Médio Integral, do Centro de Excelência 28 de Janeiro. Gosta de ler e participa da Oficina Interescolar “Eu conto, tu contas, nós escrevemos” como bolsista PIBICjr.

QUEM SOU?

Eu sou de Sergipe
E vou contar a minha história
Já fui rico
Mas isso foi em tempos de glória
Diziam que eu era um moço bonito
Mas isso não importa
Sou um senhor
E...
Por favor
Da sociedade não me exclua
Prazer, eu sou
Um morador de rua...



DAIANE SANTOS RODRIGUES

Reside na cidade de São Domingos – SE, professora de Língua Espanhol, estudante de mestrado na área Estudos Linguísticos na linha de pesquisa Linguagem: Identidades e Práticas Sociais (PPGL/ UFS). Possui, pós-graduação em Língua Portuguesa pela Faculdade Jardins. É pesquisadora e tem interesse nas seguintes áreas de estudo: Ensino-aprendizagem do espanhol, literatura, identidade cultural, (re) construção de identidades socioculturais, questões étnico-raciais, decolonialidade e elaboração de materiais didáticos.

POR QUE ME PERSEGUEM?

Perseguem-me se tenho a pele negra.

Perseguem-me se tenho o cabelo crespo ou cacheado e deixo-o lindo e livre.

Perseguem-me porque ocupo um cargo de trabalho renomado.

Perseguem-me se tenho diploma de nível superior.

Perseguem-me porque sou mulher, negra, professora e independente.

Mas quer saber a verdade?

Podem me perseguirem a vontade, pois quanto mais há perseguição ou incredulidade do meu potencial eu sigo defendendo e correndo atrás dos meus direitos.



DENIVALDO DOS SANTOS

Formado em Filosofia e Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Formado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pós-Graduado e Mestre em Educação Global, pela Flórida Christian University. Além do ministério sacerdotal, dedica-se ao exercício da Psicologia, escrita de textos, contos, crônicas, cordel, poesias dentre outros.

O RIO E A FLOR

A história de um encontro
De um rio e uma mulher,
Na encosta de uma serra
Pôs-se a caminhar,
Por uma trilha, a floresta a explorar
A mãe natureza, contemplar!

Uma orquestra a natureza a formar
A mulher, o belo a encontrar
O zumbido de água começou a escutar
Era um pequeno rio na grotta a passar,
Sentiu-se atraída para na água tocar,
Foram os pés, primeiro a molhar.

Uma bela mulher, o rio a olhar
Com as duas mãos na água mergulhar,
Levando ao rosto para refrescar
Logo ouviu uma voz a falar,
Gente, não havia mais ninguém no lugar
Quem comigo está a falar?

E respondeu: sou eu, o Rio!
Senti seu corpo no meu a tocar
Não poderia deixar de te cumprimentar,
Nunca vi um rio falar!
Pois falo, a vida em mim está
E quem toca em mim vai a vida ressignificar.

Entre mais em mim, pois quero te falar
A mulher entrou no Rio
Até sua cintura a água chegar,
Não tenha medo bela mulher
Em mim nada vai te machucar,
Mas quero uma verdade, assim revelar.

Você me vê belo e imponente,
Mas tenho um medo que dar para arrepiar
Não me acostumo com a ideia de no mar chegar,
Sei que lá minha identidade vou perder
O mar vai me derreter,
E nunca mais rio, vou ser.

A mulher comovida ficou
Lágrimas de seus olhos jorrou
Assim o rio logo perguntou:
E você mulher qual é a sua dor?
Como a vida te machucou?
O que te faz gemer de dor?

O rio escutou a mulher e se compadeceu
Nunca a mulher se sentiu tão confortável,
Com olhar de amor e ao rio agradeceu.
O rio lhe propôs a mulher renascer
Para no seu interior a beleza crescer,
Três vezes mergulhe no meu ser.

A mulher mergulhou e sentiu renascer
Tirou a água dos olhos, palmas a bater,
As vidas em mim exaltam o teu ser!
A mulher sentiu força que a fez tremer
O rio lhe disse uma vida nova em ti nascer,
Pela segunda vez mergulhe para se refazer.

A mulher mergulha sente o sofrimento diluir
Ao levantar uma vida nova fluir,
Uma linda salva de palmas a ouvir!
O rio começou a sorrir,
Nova a mulher a sentir-se
Pela terceira vez, para você ressurgir.

Pela terceira vez mergulha no ventre do rio
 Fica em seu ventre até o mal diluir,
 Ao levantar, leveza a sentir!
 Ò mulher em mim a vida renovou
 Todo seu ser banhado ficou,
 Agora és a pura casa do amor.

A mulher muitas lágrimas derramou
 A emoção seu coração tomou,
 A vida do rio lhe abraçou
 Assim lhe falou:
 A partir de agora um rio de água viva,
 Foi colocado em seu interior.

A mulher foi saindo e na beira do rio parou
 As duas mãos na água molharam,
 E ao rosto elevou, seu ser energizou,
 Quando a mulher ia saindo e o rio gritou
 Lembra que te falei do meu medo e dor?
 A mulher para traz olhou e assim o rio falou:

Já estive no mar e meu medo desapareceu,
 Quando ia chegando meu ser tremeu,
 Dentro do mar identidade de oceano o Senhor me deu!
 A mulher palmas ao rio ofereceu,
 Pegou seu calçado e agradeceu
 O caminho de volta percorreu.

Ao subir o inclinado caminhou suspirou
 A sua esquerda uma linda flor lhe arrastou
 De joelhos diante dela ficou
 A mulher a flor beijou,
 Seu ser todo se energizou
 O bálsamo da flor logo se espalhou.

Obrigada, a flor falou
 Nunca se viu flor falar!
 A identidade do rio em mim, está!
 A mulher ouviu: a flor não podes arrancar
 Está aí para a vida perfumar,
 De quem no rio a alma foi lavar.

Sou rio, sou flor a perfumar
Por todo lugar onde andar,
Saberão que o rio-flor vou manifestar...
Assim a mulher da floresta a se afastar
No meio do caminho louvor elevar,
Senhor do mundo no Rio-flor está.

Abriu seus braços para o inverso alcançar
Deu um giro de 360 graus para tudo espiar
Seu corpo do chão a levitar!
Quando no seu mundo chegou
A população novidade nela enxergou,
É a pura cara do amor.

Assim expressou:
Sou rio, casa viva do amor
Sou perfume e ganhei arte de ser flor!



ELAINE OLIVEIRA DA ROCHA

Filha de Zenilta e Jorge, mãe de Roger e Emily, nasceu em 13/11/1974, às 18h, na Cidade de Aracaju. Professora Pós-graduada, foi alfabetizada desde os 5 anos de idade enquanto sua mãe ensinava seu irmão; cursou o Ensino Fundamental em Aguada e Carmópolis. Normalista no Ensino Médio e graduada na UFS pelo PQD e pós-graduada em Pedagogia do Mov. Do Ens. Fund. E Médio. Começou a ler e escrever pelo incentivo da professora Gisélia Mendes. Com seus textos participou de concursos de poesia nos municípios do Estado de Sergipe e Alagoas. Uma das fundadoras do Café com Poesia e tem cadeira na AMS Academia Municipalista de Sergipe.

O ENCONTRO DOS RIOS

Na curva que o rio faz
 Percebemos o entrelaçar das águas
 O Rio Siriri vem banha-se no Rio Japarutuba
 Águas densas e escuras
 Ceifadoras de várias vidas
 Porto de Aguada
 Pedacinho do céu
 Encontramos um belo lugar
 Lugar do nascente ao poente
 Embelezador do olhar
 Águas ora tranqüila,
 Oras traiçoeira.
 Dependendo das influências do luar
 Vegetação nativa e manguezais
 Enobrecem meu pedacinho de lugar
 Lugar que transmite paz
 Aonde o Bom Jesus dos Navegantes no 1º de janeiro vem abençoar
 Trazendo devoto de todo lugar.
 Porto dos pescadores;
 Porto dos moradores;
 Porto dos enlutados.
 Porto meu belo Porto
 Pedacinho do paraíso
 Porto dos Rios
 Rios que desaguam no mar
 Porto de Aguada
 Aguada meu lugar.



ELIA BARBOSA DE ANDRADE

Natural de Graccho Cardoso -SE, residente e Aquidabã- SE. Licenciada em História e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe-UFS. Atualmente, é professora da rede pública e privada do município de Aquidabã- SE. Membro Efetivo da Academia Aquidabãense de Letras Cultura e Artes

CASA DE TAIPA

Daquele vilarejo gosto de lembrar,
da casa de taipa e dos campos verdejantes,
das borboletas coloridas nas flores a pousar.
Da velha mangueira e da moenda,
do caldo da cana caiana,
do alpendre e da rede a balançar.
Dos terreiros limpinhos,
da amarelinha e do pular,
do curral de pau a pique
do cheiro do leite,
do fabrico do queijo,
e da boiada a pastar.
Das plantações no entorno da casa,
ainda posso sentir
o cheiro da flor de laranjeira
onde morava o bem-te-vi.
O algodoeiro com sua brancura
e a batata doce com seus canteiros a florir.
Do milharal e suas belas bonecas
da manga docinha
e de tudo que se plantava ali.
Das águas cristalinas da fonte
tive o prazer de beber,
também lembro do riachinho
onde nadavam os lambaris.
O caminho da escola,
e do apito do trem que ainda posso ouvir.
Das brincadeiras de criança
do contador de estórias,

fazendo-nos sorrir.
Tudo ficou lá no passado,
mas não quero nunca esquecer
da minha infância em Bananeiras
e de tudo que lá pude viver.

Aquidabã, 27 de abril de 2019.



EUNICE GUIMARÃES

Maria Eunice Guimarães Santos Garcia, natural de Japoatã, nasceu em 26/03/1964, servidora pública federal aposentada do INSS, graduada em Enfermagem, pela UFS, pós-graduada em Direito Previdenciário, pela Gama Filho. Escritora, poetisa e fotógrafa. Acadêmica da ALV- Academia Literária de Vida, da ALCS- Academia Literocultural de Sergipe, e da AMS – Academia Municipalista de Sergipe, patrona da Academia Estudantil de Letras de Sergipe, membro do Café Poético Sergipano, Poemas do Brasil, e vice-presidente do Sarau Sergipano de Mulheres, com publicações em antologias e revistas no Brasil e Exterior.

MULHER PLENA

Mulher plena...

Traz esculpido no rosto, o mapa da vida
Dos teus olhos, irradiam sabedoria
Sua pele tem, a maciez do algodão
Nas mãos, ficaram as marcas do labor
Na alma, a leveza que brota do coração.

Essa tal maturidade, chega para ficar!

No auge da vida, a mulher continua cheia de vitalidade e,
Pressa, ela não tem!
Sonho não lhe faltam e florescem a cada dia...
O hoje é, o seu melhor momento!

Ninguém a segura! É momento de usufruir,
Mesmo que digam o contrário...
Ela é aliada do tempo e tem o que precisa...
Paz, Harmonia e Amor, brotando do seu Eu!

Ah, mulher menina! Assim é você nessa fase:

Serena, cheia de beleza, aberta a relacionar-se
Com o transcendente, com a natureza e com o próximo... você é “Bem viver”!



EIVALDO LIMA (O PEQUENO DIMINUTO)

É natural da pacata cidade de Feira Nova/SE, filho do vaqueiro Daniel Lima dos Reis e da primeira professora do referido município, Maria de Lourdes dos Reis. O mesmo depois de sua orfandade materna, começa a rascunhar alguns desabaços e mais tarde publica em um dos seus mais de trinta livros de cordéis como em poesias espalhadas em diversos livros de poesias solos e ou em antologias, com as suas digitais. O mesmo é filho de Feira Nova, Natural de Nossa Senhora da Dores e residente e comerciante na cidade de Nossa Senhora da Glória/SE, qual escolheu para viver com a sua esposa a professora Marta Maria da Silva Reis e com os seus filhos: Kaippe Reis, Brizza Danielle, Bárbara Kaizze, Lizzy Fernanda e a sua netinha Maria Lyz.

UMA MARCA QUE NOS MARCA SARAU NO CORETO

Filhos desta geração
Clamavam em oração
Uma oportunidade
Pra decantarem o sertão
Divulgar a região
Em sua comunidade.

E tornou-se um show à parte
Não sei se de Júpiter ou Marte
Com responsabilidade
Essa equipe se reparte
E com arte enaltece a arte
E se fazem autoridade.

2017 meava
E o que mais se esperava
Tornou-se realidade
Frutos de uma equipe brava
Em julho, se instalava
No coreto da cidade.

Que Deus continue à frente
Deste projeto excelente
Que com muito amor segue
Tendo sonho como amuleto
Deste Sarau no Coreto
Qual sempre honrou Monte Alegre.

Um encontro sem igual
Um show sensacional
Para todas as idades
E se erguia a final
O memorável Sarau
Rumo a eternidade

Serenidade em estilos,
Música em vários estilos
Com bela sonoridade,
Sempre garantiram brilho
Conduzida por um filho
Daquela sociedade.



FABIANA LISBOA RAMOS MENEZES

Professora da escola pública, atuando na cidade de Umbaúba, desde 1998. Licenciada em Letras-Português, Especializada em Filosofia e Literatura, Mestra em Letras e doutoranda - Linguística. Em um relacionamento sério com a Literatura e flertando com a Linguística, à qual se dedica no doutorado, pesquisando o universo de violência contra crianças e adolescentes no ambiente intrafamiliar, principalmente, as meninas.

A CHAVE POR DENTRO

O grito sufoca por não sair
O apelo não ousa revidar o desaforo
E cala;
E segue pagando com o que lhe dá
A vontade tem medo de se mostrar
O direito nasce sem respirar
E pede perdão
E pede um pouco mais
E não sabe como lucrar.
Se doa por bondade
Obedece para reestabelecer
É ordeira para merecer.
E se hoje acordar e os olhos abrir?
Se a chave por dentro der a volta em si?
Imaginar além do que disseram até aqui?
Enxergar bem mais do que a vida feliz?
E fala...
Só você pode abrir
Só você pode seguir
Perseguir e acreditar
Enfim, se rebelar.
E anda...
Sem que te deem para pagar
Sendo teu próprio tronco
Colunas feitas de pranto
Na pose do teu sustento
Revela o empoderamento
Quando a porta sozinha bater.
E segue...



FLÁVIO CARMO DE JESUS

Natural de Salvador. Reside no povoado Lagoa do Barro, em Santa Brígida-BA; ex-aluno do Colégio Municipal Pedro Batista. Teve seu primeiro poema publicado na Antologia Natal com Poesia 2020, da Biblio Editora. É participante da Oficina Manhã Literária da ASLA: (Academia Santabrigidense de Letras & Artes), tem participações nas Antologias do II Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados, Encantos Nordestinos, e IV ESDDEL (IV Encontro de Escritores e Leitores do Sertão).

A PLANTA AMARELA

No sertão da Bahia aonde fui trabalhar
 Lá no meio do mato bem perto de um riacho
 Aonde fui me alojar
 No meio do matagal tinha uma casa velha
 Um jardim tão bonito que parecia uma aquarela

A casa era tão grande, mas, só tinha uma janela
 Lá de longe eu avistei uma planta linda e bela
 Até fingir de esquecido e não olhei pra ela
 Era a mais linda do jardim
 Ficarei muito feliz se um dia alguém der pra mim
 Aquela planta amarela

Um dia fui passando em frente à casa velha
 E vi uma velhinha jogando água nela
 Ela olhou pra mim e começou a chorar
 Você me lembra um rapaz que um dia me fez amar

Meu filho tem planta de todo jeito que chega até matar
 Tem plantas que são maravilhosa e são difíceis de encontrar
 Sempre foi muito raro, essa planta amarela no sertão da Bahia
 Aonde eu passei um dia
 Encontrei umas delas

Seu moço puxe a cadeira e sente perto de mim
 Eu vou contar a história de uma filha, e aconteceu bem assim
 No tempo do cangaço quem mandava era lampião
 Ai daquele que desfizesse da ordem do capitão
 Eram tempos difíceis naquele grande sertão

Um dia eu estava em casa escorada na janela
Chegaram tudo de vez e fecharam a cancela
Ficamos todos assustados e começamos a chorar
Lampião respondeu: logo vamos todos se acalmar

Estamos hoje aqui só pra descansar
A manhã sairemos cedo antes do galo cantar
Vamos comer minha gente e comemorar
Arrastar o chinelo até o sol raiá

Lampião antes de ir embora deu um presente pra mim
Uma planta amarela a mais linda do jardim
Antes do galo cantar eles pegaram descendo
Na descida do riacho o sol estava nascendo

Essa é uma história que fiz questão de contar
Eu não disse quem sou, mas agora vou explicar
Sou a mãe de Maria Bonita a mais linda das fitas
Que já existiu nesse lugar.



GILEIDE BARBOSA DE S. SANTOS

Filha de Pedro Barbosa de Souza e Josefina Francisca de Souza. Residente em Aracaju-SE. Natural de São Miguel do Aleixo-SE, cidadã do município de Feira Nova-SE. casada, mãe, avó. Jornalista, publicitária, interior designer, artesã, especialização em marketing e em didática do ensino superior. Aposentada. Escritora. Membro Efetivo Fundador da Academia Gloriense de Letras (AGL) e da Academia Municipalista de Sergipe (AMS). Participante de diversas antologias poéticas. Fundadora do Clube de Leitura Papos e Livros e da empresa virtual @donafinaarts.

MEU POR DO SOL

Essa é a hora do meu silêncio interior
 Em meus devaneios nostálgicos
 navego a pensar
 Em mais um dia que escurece
 à espera da noite
 Oh! Sol!
 Como é lindo acompanhar
 a sua trajetória
 Você lentamente escondendo-se
 e vai deixando marcas
 Em meio às maravilhas ofertadas
 das mãos do Criador
 Vem sol!
 Viajo nesse instante contigo, sol
 Num vôo livre embalada
 pela sinfonia dos pássaros
 Curtindo o crepúsculo
 de uma tarde de lembranças
 Ofuscada pelo alaranjado
 das nuvens incandescentes
 Sigo o teu brilho
 nas folhas secas das árvores
 Eu queria alcançar-te, sol
 Pois sinto-me sumindo
 no firmamento infinito
 Preciso renascer
 para contemplar um novo dia
 Oh! Sol!
 Quero nesse fim de tarde

ser como uma gaivota
 Que sobrevoa plenamente
 regressando à partida
 Para desfrutar a grandeza
 de viver a liberdade
 Vem sol!
 Presenteie-me
 com a essência da tua beleza
 Que agora se esconde
 para renascer amanhã
 Vem me trazer sua paz
 que acalma
 Preciso deparar-me
 com a felicidade
 que busco encontrar
 Oh! Sol!
 Quero assim como as nuvens
 que te abraçam agora
 Revelar-te um segredo
 no auge da minha melancolia
 Que assim como o céu te abraça
 sem demora
 Encontrei o meu grande amor
 em uma majestosa tarde
 De Pôr do Sol!



GLAUCIA PAMELA DE JESUS SILVA

Natural de Nossa Senhora da Glória (SE), filha de D.Eulina e Zé de Rosa, mãe de Hivys e Pérola. Autora da Obra “A menina que respirava versos”. Graduada e Licenciada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Tiradentes. Pós- Graduada em Gestão e Educação pela Faculdade Pio Décimo. É Poetisa, Professora de Língua Espanhola da Rede Estadual de Ensino de Sergipe. Membro da AGL, cadeira nº24. Participou de distintas seletas e concursos literários.

BAILARINA TRISTE

Entorpecida de vazio e dor,
Segue bailando a bailarina da caixinha
Embalada a uma canção que rememora o amor,
Dançando triste e sozinha!

Adormecida em nuvem negra de carmim,
Esquecida feito Ilha de ferro naufragada,
É apenas na memória ou em tela de cetim,
Fica a incógnita guardada.

E então dispersa num maremoto,
Girando, girando no vale de desespero,
Sem pressa, convicta do terremoto,
Que abala até o mais forte picadeiro!

Segue quarentenando paulatinamente,
E na roda da infinitude,
Verseja seus inscritos poeticamente,
Em desatino, regada a ácie e plenitude!



HELOYSA ALESSANDRA

Tem 13 anos, é aluna no Colégio espírito Santo, é membro da Academia de Letras Estudantil de Japoatã - ALEJ, ocupando a cadeira de nº 8. A jovem, além de escrever, toca flauta e toca no ukulêlê, já participou do II sarau de Neópolis, VII encontro de escritores da Antologia de Canindê-SE, Porto da folha, e Santana do Ipanema-AL, I antologia do Café poético Filosófico de Pão de Açúcar -AL. É conhecida entre os 100 Melhores poetas Lusófonos contemporâneos de 2019 pela Literarte – Rio de Janeiro.

LUA

Me vi amando teu brilho
 Me achei nas suas quatro fases
 Me perdi tentando ser igual a ti
 Mas percebi que você era única
 O mais lindo satélite de todo o universo
 A mais perfeita em relação aos teus traços.
 Oh, lua, amo seu jeito
 Amo cada detalhe seu
 Você me inspira a cada dia
 Com sua independência
 E suas estrelas a te seguir.
 Caminha solitária, sem perceber
 A inspiração que transmite
 Aos corações apaixonados
 Aos corações solitários
 As asas que querem se libertar
 E ser tão preciosa e importante
 Como a luz do teu luar
 Que leva luz
 Para a escuridão acabar.



IEDA SANTOS FERREIRA

Nascida em Propriá/SE, 74 anos. Casada, e uma amante da Literatura.

EDUCADOR LETRADO

Minha gente
Vamos ler e escrever
Por que o momento da leitura
Faz a gente escrever
Não deixe de lado os seus livros
Sem primeiro não ler
Coisas preciosas têm escritas
Que só nós podemos entender
Não fique confuso com alguma palavra
Vamos logo recorrer
Ao livro chamado dicionário.
Porque ele nos dá prazer
Não olhe a minha insistência
Sobre ler e escrever
Pessoas que não entendem desse assunto
Não fazem o mundo crescer.
Por isso a leitura e a escrita
Trazem muita informação
Na vida cotidiana
De todo cidadão
Nós, professores pedagogo
Queremos andar informados
Fazendo o uso dos livros
Para nos tornarmos
Educadores letrados.



ISABELA SILVA DA HORA

Nasceu em 28/03/2009 na cidade de Campina Grande, na Paraíba, e tem 12 anos. Filha dos agricultores Edvaldo Maurilio da Hora e Apoliana Suênia da Silva Gomes. É aluna do 7º Ano A do C. E. Z. P. T, Pov. Colônia. Integrante da Manhã Literária da ASLA – (Academia Santabrigidense de Letras e Artes). “Ela é um filme de ação com vários finais”. Essa é a sua primeira participação em antologias literárias.

MULHER DA HORA

Venho de um nordeste sofrido
De mulher de coragem que vive contente
Que não tem medo de homem
Nem de cabra valente

Mulher que luta duro para ocupar o seu espaço
E homem que se acha o dono do mundo
E quer colocar a mulher pra baixo

A mulher conseguiu ocupar o seu lugar
O que antes vivia a sonhar
Hoje são projetos a realizar.



JAILSON BARBOSA SILVA

Nascido em Estância, mas residente no Pov. Água Fria, Salgado-SE. Casado com Zênia Reis, três filhos: Jessel, Zaíra e Zaiane. Professor há 33 anos, licenciado em Letras/Português e mestre em Ciências da Educação pela Uninter –Py. Autor do livro de poesias “Pedaços de mim: sentimentos”. Escultor com esculturas em vários municípios sergipanos e algumas no estado da Bahia.

AINDA ME LEMBRO...

Do fogão à lenha que pretejava todo o telhado
De buscar água no chafariz perto da escola
Dos amigos, às escondidas, brincar de bola
Da enxadinha que ganhei aos sete anos
De ir trabalhar na roça passando pelas veredas
Do galo cantando para me acordar, era o alarme
Ainda me lembro...

Dos passeios da professora, os que não me permitiram ir
De lavar os pratos e varrer os terreiros para ajudar minha mãe
De descascar macaxeira para minha grande família
De chorar à noite inteira com lancinante dor de dente
Do cheiro da pipoca dos amigos e que não podia comprar
Ainda me lembro...

Da única briga de rua que tive com um amigo que já se foi
Da palmatória nos dias de sabatina
De uma suspensão ainda na sexta série
De copiar o livro de Português, mesmo comprado e tão caro
De um corte de cabelo na máquina zero, obrigado por meu pai
De correr quilômetros em pleno meio-dia para não perder a aula
Ainda me lembro...

De algumas cintadas que não mereci
De muitas outras bem merecidas
Dos terçoís no canto do olho
De algumas promessas nunca cumpridas
Dos abraços que não ganhei do meu pai
De saber do choro da minha mãe na minha despedida
Ainda me lembro e essas lembranças transformaram-me em quem hoje sou.
Ainda bem que me lembro...

De andar muitos quilômetros para a casa do meu avô
De pular fogueira e queimar bombril em noite de S. João

Dos brinquedos improvisados com o disponível
De descer a ladeira até o rio enroscado no pneu
De brincar no quintal e voltar da cor de terra
Ainda bem que me lembro...

Do cheiro de cuscuz com apenas metade de um ovo
Dos muitos contos e histórias de livros usados e trazidos por minha irmã
Das bolas de assopro compradas no "natal de Água Fria"
Do balanço das barcas puxadas por cordas
Das vezes que fui à feira levado por minha mãe
Ainda bem que me lembro...

Dos ensinamentos da minha primeira professora
Das cartas para minha irmã distante
Dos muitos amigos que permaneceram até hoje
Dos inúmeros contos e histórias, mesmo tão pobre
De chegar em casa ensopado por falta de um guarda-chuva
De sentir ainda hoje o sabor e o cheiro das raras uvas e maçãs
Do balanço tão querido no galho da jaqueira
De procurar uma merenda subindo na goiabeira
Ainda bem que me lembro...

Das reuniões e passeios do grupo de jovens
Do domingo de manhã, único dia que tínhamos pão
Das disputas com os irmãos para ver quem tirava mais piolhos
Da primeira vez que vi uma televisão colorida
Da minha primeira calça comprida
De tantas histórias repetidas contadas por meu avô
Dos barquinhos de papel colocados na correnteza da chuva
Das pipas feitas com palitos de coqueiro e papel de seda
De adormecer olhando a lua por um buraco no telhado
Dos cartões para o natal e dia das mães feitos com cartolina e papel de presente

Dos caroços de jaca cozidos para virar lanche
Das vontades infantis de ultrapassar fronteiras que permanecem até hoje
Das aulas de catecismo que fizeram-me conhecer Deus
Da fila de irmãos para aprender as orações
Das tentativas vãs para aprender a tocar violão
De descansar na roça fazendo tranças com palha da pindobeira
Do gosto do caju do canto do cemitério
Das santas missões de madrugada na capela
Das carências e bonanças que fizeram a minha infância
Da beleza estonteante da menina e que tempos depois trocamos alianças
Dos abraços carinhosos dados por minha mãe.
Ainda bem que me lembro...



JANAÍNA CIQUELERO BELLÉ

É licenciada em Pedagogia (CESF) e pós-graduada em Psicopedagogia (FSG). Vencedora de Concursos Literários Regionais. É coautora de mais de 40 coletâneas Nacionais até o presente momento. É membro vitalício da AIL (Academia Independente de Letras) e da AILAP (Academia Internacional de Literatura e Arte Poetas Além do Tempo). Publica seus textos no Recanto das Letras com o pseudônimo Palavras Líquidas e na Revista Internacional The Wolf Bard.

MILAGRE LÍQUIDO

Posterior a longa jornada,
um João-de-Barro recolhe-se ao seu ninho
no alto de uma Araucária e repousa suas asas.
Com o lindo espetáculo do pôr-do-sol,
o astro rei também se despede do palco do dia
dando lugar à noite que se sobrepõe
e consigo traz seu manto negro salpicado de estrelas.
Aliás, as estrelas brilhantes só podem ser vistas à noite,
que revela diante de nós o mistério visível em outros tons,
o restante é camuflado pela escuridão.
A lua confidente espia a chegada
de uma multidão de nuvens carregadas de promessas.
A Terra, coberta por uma leve camada de pó,
parece intuir o que em instantes se fará presente.
O vento sopra anunciando a mudança esperada:
Tempo sereno em mutação serena.
Tudo pronto e o milagre líquido,
dádiva celestial,
encontra o acolhedor terreno fértil
que abriga os tesouros da vida.
É a água sagrada que sacia as sedentas sementes,
as raízes e outros pequenos seres vívidos.
E eu, em meu insólito ser, prefiro essa chuva dadivosa
de transparentes metáforas,
de melodia pacífica derramada do céu,
que esvazia as nuvens,
cai em incontáveis gotas,
dança nos telhados ao ritmo da própria orquestra,
lava as impurezas

e renova a vida.

Enquanto isso, uma diversidade de sementes

germina no silêncio dos seus desejos

e delas brotarão esperanças de cura.

O corolário ciclo vital da fotossíntese

torna a natureza mutável com ideal perfeição.

Também torna visível os milagres de Deus

num recorte do espaço e tempo terrenos

aos olhos dos espectadores crédulos e incrédulos

das criaturas Divinas que formam a grande família humana...

E essa poesia viva, de pura emoção líquida,

faz prosa na alma poética e nos desafia

para descortinar o nosso coração

e descobrir qual é o milagre líquido vital

que impulsiona a existência

ou que desejamos desaguar.



JANAINE DA SILVA SANTOS

Tem onze anos, cursa o 5º ano do Ensino Fundamental, no Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira, Povoado Colônia – Santa Brígida-BA. É integrante da Oficina Manhã Literária da Academia Santabrigidense de Letras e Artes (ASLA), e participante da II Antologia do Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados.

SAÚDE DA FAMÍLIA

Quero sobre a higiene falar
Começando pela a do corpo
Por isso é bom as unhas cortar

Lavar as mãos depois de ir ao banheiro
Com sabão ou bastante detergente
Após as refeições escovar os dentes
E tomar banho debaixo do chuveiro

Então vamos a casa higienizar?
Assim como precisamos de banho
A nossa casa precisa de faxina
E isso não tarefa apenas de menina

Uma vez por semana deixe
As janelas abertas para arejar
Cuidar dos tapetes e dos colchões
E colocar os travesseiros para
Banho de sol tomar

Lugar lixo é na lata de lixo
Bem tampada não junta mosquito
Não escare no chão
Isso é coisa de porcalhão

Cuide da higiene dos alimentos
É preciso lavar bem as mãos
Antes de preparar a refeição
Para que não vire um tormento

Lave as frutas e verduras antes de usar
Cubra os alimentos que irá te alimentar
Só coma carne bem cozida
Isso evita qualquer dor de barriga

O leite deve ser bem fervido
Antes de por nós ser ingerido
O fogo e sua alta temperatura
Mata bactéria que nem parasita atura

E então gostaram das dicas?
Cuidar bem do corpo,
Cuidar bem dos alimentos,
E cuidar bem da casa
Ou seja... Cuidar bem da saúde da nossa
Família e, também dos nossos animais
Essas são dicas que acho bastante legais.



JANEILMA COSTA SILVA

Nascida em Nossa Senhora da Glória, tem 39 anos, mora na zona rural de Monte Alegre de Sergipe desde criança, atualmente, permanece na cidade nas horas de trabalho efetivo. Graduada em Letras/Português - UNIT, Pós-graduada em Práxis e Docência-Pio X. Leciona desde 2008, professora da rede estadual a 5 anos. Evangélica. Ama a profissão, ama o que faz, gosta muito de ler e escrever, ama desenvolver trabalho social na comunidade.

EU ESCREVO

Porque meus sonhos se traduzem no papel.
A palavra é a voz do meu coração.
E se ela se perder entre as vírgulas e pontos,
Eu escrevo
Porque meus pensamentos transbordam na ponta da caneta.
E se um dia eles se perderem no sopro do esquecimento,
Eu escrevo
Porque meus olhos transparecem a essência da minha emoção.
E se o tempo os fecharem um dia
Eu ainda escrevo
Em cada rosto que leu a minha palavra em recordação
e a vida do sentimento que escrevi
Eu escrevo
O imortal da palavra
Eu escrevo
Porque escrever é meu prazer.
Eu escrevo
Porque escrever é dar liberdade a alma
Escrever é reviver o que o passado não traz de volta
É dar vida à palavra
É viver o sempre e eternamente vivo.
Escrever é imensuravelmente, escrever.



JOÃO BATISTA DOS SANTOS

Aprendiz de poeta, professor de Sociologia, História, Filosofia e Projeto de Vida, com Mestrado em História e especialização lato sensu em Ensino de História, Geografia, Didática do Ensino Superior e Empreendedorismo.

A MOÇA DA JANELA

Sol se escondendo por traz das montanhas
Corre em mim as lembranças de ti ó pedacinho do céu
Que as tardinhas faziam do meu olhar um brilho límpido
Ao fitar na janela teu cabelo escorrendo feito manto em véu

Teu sorriso inocente banhado em timidez
Feito sol que se punha deixando crepúsculo meu olhar
Que diante da beleza enfeitando a janela
Esperaçava o coração com o desejo de te amar.

O cansaço do boia fria
Era um convite à desesperança
Mas o dia esperando o teu olhar
Fazia-me forte, valente, esperança.

Sem nunca senti teu calor, frio, respiração
Sempre fostes motivo dos meus mais nobres desejos
Que aquecia minhas noites frias
Vindo em sonhos com afagos e beijos.



JOÃO GUILHERME S. FEITOSA

Natural de Nossa Senhora da Glória, está cursando o 3º ano no Centro de Excelência Manoel Messias Feitosa. Encontrou na poesia uma forma linda de expressar os seus sentimentos, que na maioria das vezes ficavam apenas no seu interior. Quer mostrar a todos jovens que nada é impossível.

TEMPO PASSAGEIRO

Os dias foram passando
Os pássaros continuam a cantar
Os pães estavam assando
E dona Maria continua a costurar.

O cheiro do café começa a circular
O calor do sol continua a esquentar
As rosas continuam a cheirar
O caçador continua a caçar
E do céu começa a choviscar.

O verde da natureza
Sorria de alegria
Ao sentir aquela pureza.

Os pássaros continuam a voar
Os rios continuam a encher
E a vida não para de passar.



JOSÉ EDIRANI V. DO SACRAMENTO

Busca prioridades no estudo da alma humana para poder entendê-la. Alma esta que pulsa emoções em se tratando da arte de viver para poder relativamente compreendê-la. Desse modo descobre ferramentas adequadas para realização desse trabalho que visa o bem-estar de todos, que são as rimas melodizadas nas claves sonoras da racionalidade harmoniosa da vida que possuímos.

Incentivo de um “chapéu de couro.”

Planta a terra moço
Cultiva-a com devoção
Cultive pelo menos o almoço!
Preciso lembrar-te
Que ela é teu torrão?
Digo e repito irmão
Enquanto você a despreza
O poeta vem de lá
Senti esse perfume matreiro seguro e cheiroso
Que em sua poesia fá-lo inspirar
O gênio e o braço forte
A luta, o sangue, o mandacaru e o carcará!
Moço!
Planta-a com devoção
Apesar da seca inclemente
Há também tempo de bom trovão...
Que verdura tão bonita fica quando chove: que animação: é São João!
Faz velho caboclo aparecer
E com Padim Cícero
A Jesus agradecer
Lembrando os “fios” que fugiram do berço
Como da cruz fuge o Cão
Não quiseram aprender com o “veio” deles a importante lição
Pois foi ao sertanejo que Deus disse: “filho, tomai conta do sertão!”
Assim, planta a terra, moço!
Cultiva-a com devoção
Para o futuro da Nova Canaã
Apesar de vida malsã
Planta-a com esperança
De que um dia o Mundo
Reconhecerá
Que será
Celeiro rainha da nossa Nação



KELBER RODRIGUES DE SOUZA

Graduado em LETRAS/PORTUGUÊS e Pós-Graduado em DOCÊNCIA E TUTORIA EM ENSINO A DISTÂNCIA pela Universidade Tiradentes e em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS (2020), pela Faculdade Única de Ipatinga (MG). Professor da Rede Estadual de Educação na Escola Estadual Bráulio Cavalcante. É Membro Efetivo da ACADEMIA GLORIENSE DE LETRAS - AGL, ocupando a Cadeira 18 e Membro Correspondente da ALAS.

ARACAJU ANCORADA NO TEMPO

Eis,
Aqui está:
Minha cidade
Ancorada no mar das ilusões.
Pintada sobre uma aquarela,
Aprisionada no porto da solidão.
Em que porto estas?
És linda, cidade minha.
És brilho, cor e paixão!

És leve...
Tal qual o pequeno barquinho
Que flutua
Nas águas cálidas
E se perde
Em meio aos pensamentos remotos.
Como se os dias passassem
E as horas não.

Sinto meus olhos se perderem
No horizonte distante
Como aves que andam sumidas
E andorinhas feridas
Que pairam desoladas.
E no espelho das águas límpidas
Vejo surgir noites e madrugadas
Que à beira do sono
Transpira bálsamos de saudades.



KEVIN GELTON ALVES DA S. SANTOS

Filho de Alessandro dos Santos e da Professora Célia Mônica Neocadêmico da ALEJ de Japoatã/SE, estudante de recursos humanos. Já publicou em algumas antologias como: I e II Antologia de Porto da Folha, VII Encontro de Escritores e Leitores Canindeenses e convidados. Antologia Casadense e Santana do Ipanema e nas entrelinhas do amor.

DE QUE SERVE?

O que é o dia sem o sol?
O que é a noite sem a lua?
Se tudo tem seu complemento
De que serve minha mão longe da sua?
Como se tem plantas sem chuva?
Como se pesca o peixe sem a linha?
Por que viver na escuridão
Se nenhuma alma nasceu para ficar sozinha?
De que serve a cabeça se ela não pensa?
De que serve a água se não rega a semente?
Pra que serve o amor para aqueles que
não o sentem?
Se ontem é passado
E o hoje é presente
O amanhã não será um mistério bonito
se viver o agora estando ausente.
O sentido desse compilado
É não ser orgulhoso
Precisaremos sempre de alguém
ao nosso lado.
Seguir em frente é um gesto lindo
Mas o dia sempre será perdido
Se passar por ele sem dar nenhum sorriso.
Pensar no amanhã é importante
Às vezes o medo nos cega
Mas há sempre como seguir adiante.
A queda é inevitável
Ficar no chão é opcional
Se sentir com medo e inseguro
É algo natural.
Mas o caderno que escrevemos
Hoje já é um livro
A história não termina com um final feliz
Por que o livro é infinito.



LEUNIRA BATISTA SANTOS SOUSA

Nasceu em Nossa Senhora da Glória, SE, Brasil, onde ainda hoje reside. Escritora, poetisa e jornalista. Graduada em Letras Português/Espanhol pela UNIT. De Professora/Educadora a Auditora Fiscal Tributária da SEFAZ- SE, aposentada. Coautora do livro Nossa Senhora Da Glória e Sua História (1978), marco dos 50 anos de Emancipação política. Autora do livro O Espelho da Felicidade (2014) e Asas Poéticas (2019). Participou de 68 Antologias com poesias e de 18 Revistas com poesias e artigos. Membro Fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS), cadeira 03, Patrono Marcelo Déda Chagas. Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL), cadeira 16, Patrona Maria Helena de Andrade Pereira.

CASO ATEMPORAL

Que o bom senso e a civilidade
Se entrelacem às estrelas
No empoderamento do eu
E que a ciranda da emoção
Desperte um espetáculo de gratidão.

Que o cheiro da verdade
Com as primícias da reflexão
Exteriorize a palavra explícita
Perceptível no tempo
Despido de vaidade.

Que o implícito amplie
As voltas que o mundo dá
Destacando o indubitável
Escondido no olhar.



LÍVIA SOUZA RAMOS

Sergipana, estanciana, filha de Maria Helena Souza Ramos e Francisco Sales de Oliveira Ramos, é licenciada em Letras Portugêses/Inglês, especialista em Educação de jovens e adultos e Metodologia do Ensino superior. Atuou como professora de Língua Portuguesa nas turmas de EJA até o ano de 2017. Amante de filmes e livros, dedica-se à escrita de poemas e crônicas, baseados em sua vida pessoal e no mundo cotidiano. Suas primeiras publicações foram na Antologia, do 1º, 2º e 3º Encontro de Escritores Monte-alegrenses e convidados. Em 2016, na I Antologia Poética do Sarau Sergipano de Mulheres e, em 2017, II Antologia Poética de Sergipe.

SEM VOCÊ

É uma saudade absurda
 Uma dor tão aguda
 Inquietação
 Angústia
 A voz soa muda.
 Lembranças afloram aos instantes
 Pensamentos e porquês sem respostas
 O uso do "se" se faz presente
 Insistente.
 Lágrimas acompanhadas de dor e revolta
 Novamente inquietação
 Angústia
 A voz soa muda.
 Um desejo de ter outra chance
 De ter a despedida
 De dizer o que não foi dito
 De poder usar o grito.
 De ter esse merecimento
 De usar um pouco mais o tempo
 Pra dizer do amor que tive
 E do quanto fui feliz
 Por ter partilhado uma vida
 Do jeitinho que sempre quis
 Cheia de afeto e compreensão
 De um amor que será eternizado
 De sonhos concretizados
 E outros que não se realizarão.
 Essa dor na alma continua
 Cruel e fria, inimiga do tempo que breve me fará entender
 Essa inquietação
 Essa angústia
 E essa saudade tão dolorosa de você.

(In memoriam de Jacir Cruz Cabral)



LUCAS LAMONIER

Licenciado em Letras/Português, Bacharel em Administração, Formado em Teologia pela EFTEL – Diocese de Propriá, Pós-graduado em Literatura Brasileira e Portuguesa, Secretário Executivo da Paróquia Nossa Senhora da Glória, Membro do Conselho Municipal de Educação e do Conselho Municipal de Cultura. Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras. Integra várias antologias estaduais, nacionais e internacionais. Idealizador do Encontro Gloriense de Escritores e Leitores, do Encontro Gloriense de Blogueiros Literários, do Concurso Literário Profa. Maria Iracema Santos e da Geladeiroteca em Nossa Senhora da Glória. Organizador das Antologias EGEL, O Florescer das Letras no Jardim do Sertão e Antologias de casa/escola em plena pandemia de amor.

HISTÓRIAS

Contadas, vividas, inesperadas
Do real ao virtual,
Do olhar à palavra.
Singelamente, vagueando o íntimo
Do pulsar fragilizado.

Era uma vez...
Ou duas, ou três... talvez!
Certa era agora
No limiar da hora.
Ora... ora não demora
A imaginação
Aflora.

Silenciosamente,
Rasteiramente,
Assombrosamente,
Não mente,
Explora.

Ouvidos
Ávidos, antenados, desejosos
De um final feliz
D'um felizes para sempre
Ou até que a morte os separe.



MAIKON DOUGLAS P. SANTANA

Jovem monte-alegrense, escritor e amante do esporte. Concluiu o ensino médio em 2019. Participou da Antologia do 3º Encontro de Escritores Monte-Alegrenses & Convidados.

MUITO TEMPO SEM AMAR

Beijar sem amar
Fácil de encontrar
Beijar pra marcar
Difícil não encontrar.

Já não posso mais ficar
Muito tempo sem amar
Ou será sem beijar?
Melhor nem comentar.

Não quero me apaixonar
Mas quero beijar
Beijar sem apegar.
are.



MANOEL JOZENIAS DE OLIVEIRA

Residente em Quixadá, Ceará. É professor da rede estadual de ensino. Licenciado em Pedagogia com especializações em metodologias de ensino, planejamento, gestão e avaliação educacional. É admirador da literatura de cordel utilizando-a na sua prática pedagógica cotidiana através do Projeto Educordel – Educação como ação-reflexão e(m) literatura de cordel.

NOSSO CANTO DE LUTA

Sobre as terras do Brasil
Caminho com minha amada.
Caminhamos entre revolucionários,
Caminhamos entre os sem-nada.
Caminhamos para o combate,
Levando poesia entre as armas,
Para seguirmos cantando
NOSSO CANTO DE LUTA.

Entre as florestas do Brasil
Caminho com minha amada.
Caminhamos por veredas,
Caminhamos abrindo estradas.
Caminhamos entre oprimidos,
Caminhamos unidos,
Pois fazemos da vida
NOSSO CANTO DE LUTA.

Pelas favelas do Brasil
Caminho com minha amada.
Caminhamos entre os sem-teto
Caminhamos entre os sem morada.
Sofremos entre desempregados,
Ficamos esfomeados
Fazendo da libertação
NOSSO CANTO DE LUTA.

Sob o céu do meu Brasil
Faço amor com minha amada.
Fazemos passeatas
Passeando de mãos dadas.
Fazemos amigos
Ao fazemos história.
Fazendo da poesia
NOSSO CANTO DE LUTA.



MÁRCIA FERNANDA O. BORGES

Licenciada em Letras/ português, pós-graduada em Direito da Criança e do Adolescente, Escola que protege. Leciona desde os 21 anos. Escolheu o magistério para desde o seu 2º grau. Ama a Literatura de Cordel desde a sua infância, pois ouvia sua mãe recitando trechos de cordéis, mas foi na sua formação acadêmica que descobriu que podia escrever os seus cordéis expressando seus sentimentos. Filha de Maria Oliveira Dias e Manoel Borges de Almeida. É Membro Fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS)

A DOR DA TRAIÇÃO

A traição acontece
Em todas as diversidades
Seja no relacionamento
No trabalho ou amizade
É uma dor tão cruel
Que mata sem piedade.
A pessoa que foi traída
Se sente um nada, ninguém
Não consegue ser feliz
A tristeza se torna um bem
Não se deixa ser amada
E não consegue amar ninguém.
Se a traição foi no trabalho
Aí as coisas não andam
A dor corrói o seu peito
O pensamento é quem comanda
A alta estima fica baixa
O trabalho não flui, desanda.
Se a traição foi na amizade
Aí o bicho pega, a pessoa fica mal
De todo mundo desapega
Desconfia de tudo e de todos, vive sempre em alerta.
Por isso eu digo, quem foi traído
Preste bastante atenção
Não viva se maltratando
Não feche seu coração
Pois aquele que traiu
Também sofrerá traição.



MÁRCIA REJANE OLIVEIRA SANTOS

Graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Psicopedagogia Inclusiva, Educação Global, Inteligências Humanas e Construção da Cidadania e Mestre em Ciências da Educação pela Flórida Christian University. Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção – Paraguai. Membro da Academia Municipalista de Sergipe – AMS. Artigos publicados e participações em livros, revistas científicas, Antologias e Coletâneas Literárias.

A LUZ DA EMOÇÃO

A luz da minha emoção
É caminho sem lucidez,
Guarda-me em lágrimas
Ao desejar-te, insensatez!

No entanto que encanto
Desatina o coração,
Dor, dilacera incerta
Simples grão na imensidão.

Deveras certos momentos
Fuga, rasga, transborda
É caixa, luz e busca
Sentimento que esborda.

Perdendo-me no deserto da alma
Encontro-me no escuro,
Protege-me da luz, da lucidez
Incerteza, obscuro!

Aquece minha alma ardente
Riso, choro, inconsequente
Carência de mortal
Amor delinquente.

Querer inebriar-me
Na canção do teu olhar,
Carinho, mimo que reluz
Nossos olhares a esfolhar!



MARCOS ANTÔNIO LIMA

É escritor, Cronista, Poeta e Acadêmico, natural de Paulo Afonso – BA. Membro Fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS): Cadeira 22. Membro Fundador e Presidente da ASLA (Academia Santabrigidense de Letras & Artes): Cadeira 01. É Membro Correspondente da Academia de Letras de Paulo Afonso (ALPA), Cadeira 28. Autor das obras poéticas; Amor em Versos & Reversos (Scortecci Editora - 2001); Jardim de Árida Poesia (Editora Kazuã – SP/2016); Aquarela Poética (Coletânea Abrindo Alas – 2017), e dos Romances Regionais: Um homem à sombra de seu destino (Editora Garcia – 2018), e De Gameleira à Colônia, Uma saga nordestina (Editora Garcia – 2019). Marcos é integrante da Comissão Organizadora do Encontro de Escritores & Leitores monte-alegrenses & Convidados, é mentor e um dos organizadores do I e II Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados, e da Oficina: Manhã Literária da Academia Santabrigidense de Letras & Artes

SAUDADES DE MINHA TERRA

Saudades dos álacres campos da Baixa Verde
Do peixe fresquinho pescado no riacho
Da cocada de coco feita no tacho
Do milho feito pamonha na palha verde

Saudades da cavalgada do Casamento Matuto
Das corridas de argola e das vaquejadas
Do gostoso arrasta-pé com a mulherada
Nas noites de leilão, pescaria e rala bucho

Saudades dos gols do Santo André Esporte Clube
Do goleiro Zé Véio e suas defesas espetaculares
Saudades do churrasco na viva brasa dos bares
De um zagueiro Xerife dono de belos chutes

Saudades do meu Sergipe, e desse povo gentil
Dos amigos que feito flores brotam aos Monte
De forma Alegre, de alma leve, porém varonil.



MARCOS ROBERTO G. MONTEIRO

Mestre em Direito pelo UFC, Oficial de Justiça do Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe, autor dos livros: Hermenêutica Constitucional do Provimento em Comissão (UFS), A História do Tênis de Mesa Sergipano (Infographics), Fundamentos Bíblicos do Sistema Jurídico (Artner), Pentateuco para Hoje (Image), Mestre da Palavra de DEUS, cantor e compositor.

ALBERTO E SEU VIOLÃO

Para Alberto Silveira, violonista sergipano

Um amigo, um violão,
Sete notas, uma canção,
Companheiro de vida,
Eterna lição.

Menino aprendiz,
Sem preocupação,
Tempo de sobra,
Para a criação.

Cresceu o dom,
Virou profissão,
Antes diversão,
Agora é caminho.

Segue a construção,
Carreira consolidada,
Talento aprovado,
Sempre bênção.

Alegre ou triste,
Ouça seu coração,
E acompanhe o casamento,
De Alberto e seu violão.



MARIA DAS GRAÇAS M. MELO

Natural do Ceará, formada em Direito pela Universidade Federal do Ceará. É Desembargadora Federal do Trabalho do TRT da 20ª. Região, com sede em Sergipe.

IANA

Do parto sente a mãe intensa dor
Imersa em incontida felicidade
Vê nascer de seu ventre uma bela flor
Envolvente, desde sua tenra idade.

Tez morena, olhos grandes e amendoados
Dos cabelos, a negritude da graúna
Meiga, deixa todos apaixonados
De casa, da escola onde quer que se reúna.

Para trás, vai deixando a doce infância
Vive agora seu momento adolescente
Com sabedoria, inteligência e temperança
Do futuro, vive a plantar férteis sementes.

Para os pais, é alegria, pura emoção
Intensa, é valorosa essa doce criatura!
Ver o mundo com realismo e sem ilusão
Verdadeira, é muito pródiga de ternura.

Para Iana que completou quinze anos, sempre muito atenta a tudo que a rodeia,
uma pessoa muito valorosa.



MARIA DE LOURDES FERNANDES

Graduada em Pedagogia. Acadêmica da ALASAC-Academia de Letras e Artes da SAC-Sociedade de Assistência aos Cegos do Ceará. III Feira Brasileira do Cordel- Textos publicados em várias antologias no Brasil e no exterior. FLI7- Festa Literária Sete de Setembro I Ceará em Letras-UFC. Integrante da Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura, textos publicados em várias Antologias pelo Brasil em especial no nordeste brasileiro. Textos publicados no Jornal Vida Brasil em Houston Texas Estados Unidos e Revista Cultive-Genebra.

PALAVRAS NÃO DITAS

Quantas palavras que não falamos,
quando deveriam ser faladas.
E, quantas falamos na hora
e de maneira errada.
Quantas pessoas magoamos
e não falamos,
não o que gostaríamos
ou o que a pessoa queria ouvir,
mais sim o que precisava ser falado.
Quantas pessoas poderíamos ter ajudado
com nossas palavras na hora certa.
Quantas palavras presas no coração,
procurando o momento certo pra sair,
muitas vezes fazendo mal a quem as guarda.
Quantas palavras jogadas ao vento,
sem saber a quem vai atingir,
até ferindo a quem não merece.
Meça suas palavras quando for falar,
meus avós já falavam.
Temos que ter cuidado com as palavras,
Elas têm poder de construir ou destruir,
de levar um ser ao céu ou ao inferno.
Por isso se não souber o que falar não fale.
Se não for pra construir
é preferível que fique em silêncio.



MARIA FERNANDA M. DOS SANTOS

Nascida em Aracaju e apaixonada pelo sertão e seus encantos. Menina sonhadora e apaixonada pelas artes.

SER MONTE ALEGRE

Ser Sergipe ser Sertão,
Ser Monte Alegre do meu coração,
Eu nasci em outro lugar,
Mas Monte Alegre é meu lar,
Tem caatinga para valorizar,
Porque é o solo do meu lugar,
Cidade tranquila e aconchegante,
Do Sertão dos viajantes,
A vaquejada eu não conheço,
Mas é tradição do povo daqui,
Alexandrina e João,
Faz crescer a fé no meu Sertão.



MARIA ISADORA S. DE JESUS

Nasceu em 2001, em Nossa Senhora da Glória-SE. Atualmente reside em Monte Alegre de Sergipe e está cursando Engenharia Civil na UFS. Filha de Luzinete de Santana e Joza Gomes de Jesus.

Perdeu a magia

Olhar o céu não é mais poesia
A boneca deixou de ser filha
A vida tornou-se escura e fria
O mundo encantado perdeu a magia.

Seu olhar perdeu o brilho
Um toque não é mais bem-vindo
Assusta-se a todo tempo
O monstro permanece escondido.

A noite demora a passar
Ela não queria estar ali
Seu corpo pede a morte
A voz para se calar.

A angústia lhe persegue
O medo é voraz
A criança sorridente
Não sorri mais.

O paradigma criado
Talvez não será quebrado
Causou-lhe dor demais
Será monstro ou bom rapaz?



MARIA IZABEL DO NASCIMENTO

Escritora, membro de projetos, incluindo “A poesia indo à escola”, escreve desde 12 anos, tanto poesias como crônicas e cordéis, é fascinada pela literatura, tendo um afeto especial por livros. Desbrava cada vez mais o mundo e as perguntas que surgem, é amante da filosofia e luta por causas sociais, tais como a luta contra o racismo, machismo e homofobia.

DIFUSÃO

De todas as crises, você é a eterna
Eterna dor improvável de cura,
A invenção e permanência te fazem aumentar,
A modernidade do mundo faz você se encaixar,
Encaixe perfeito nas memórias.

A inconstância do medo me diz: grite, é só gritar,
Mas o paradoxo diz
Que para isso precisa emitir um som,
Não estou emitindo, nem se quer Sartre
Me tira do vácuo com o seu existencialismo.

Me cansei da filosofia?
Me canso da superfície,
Da superfície do amor
Amamos um desejo,
Um dia Nietzsche falou.

Proporções diferentes,
A cada escrita fico perdida,
Talvez a inautenticidade esteja presente
De verdade na minha vida.



MARIA JOSÉ DOS SANTOS

Nasceu em Aguada/Carmópolis-SE em 20/12/1958. Filha de Joana Barbosa da Conceição Santos e Eduardo Lima dos Santos. Estudou o 1º grau na escola Rural em Aguada e da (5ª a 8ª) na E. P. J. Sampaio. E o colegial em Japarutuba e no Costa e Silva em Aracaju-SE onde recebeu seus primeiros prêmios literários. No ano de 1990 prestou vestibular na UFS, sendo aprovada no curso de Geografia. Na mesma instituição fez o Bacharelado e Mestrado em Geografia.

SAUDADES

Saudades...

da minha infância querida
quando vivia com meus pais e irmãos
naquele humilde pedaço de chão
onde nasci...tudo era belo
e tinha cheiro de terra

saudades! da minha casa de taipa
e de varanda onde se via o sol nascer
sinto ainda o cheiro do chão e dos matos
sinto o cheiro da terra, da alvorada e da chuva caindo
molhando o chão e umedecendo as telhas e paredes
sem reboco, da minha casa querida

saudades dos meus brinquedos:
bonecas de pano e cabelo de milho...
das brincadeiras: de manja, esconde-esconde, boca de forno,
de pular cordas, gangorra...até de árvores que cair um dia...
eu sinto saudades.

saudades da escola rural onde aprendi o ABC
das abelhas fazendo mel nas árvores do meu quintal
e das ninfas encantadas que embelezavam
e enchiam de pólen o nosso milharal.

Saudades do tempo de outrora
do tempo que passou e não me fez esquecer
dos festejos juninos: micareme, batalhão e brincadeira de rodas.
assistir cinemas!!! no mercado, correr pelos campos
com os pés descalços sobre a areia quente.

saudade de ir buscar água na fonte
com pote na cabeça, tirar lenha na mata do Dr.
o dono de todas as terras que cercavam a casa
onde eu e minha família morava...lá tudo era belo
e se ouvia da janela o canto:
fogo pagou e sabiás.

Saudades das pessoas que conversavam
das plantações e da riqueza da terra que tudo dava.
saudade! de deitar na esteira em noite de luar
e ouvir estória de Trancoso...mulas sem cabeças,
lobisomem, tirador de fígado,
fogo corredor e caipora.

Saudade da mata! encantada.
de sentir o cheiro da chuva molhando o chão
tudo era belo na aurora de minha infância
sinto saudades quando podia voar
correr sem parar por essa estrada sem fim
e hoje apesar de minhas asas serem podadas
eu não perdi o encanto de sorrir.



MARIA KAEELY DE JESUS SANTANA

Cursa a 3º série do Ensino Médio integral no Centro de Excelência 28 de Janeiro. Filha de Maria Geilza Santana(professora) e José Candido Neres de Jesus(agricultor), participa de projetos como “A Poesia Indo à Escola”, “De mãos dadas com a poesia” e a “Plêiade cavalo-do-cão”.

DESCONHECIDO QUALQUER

É complexo olhar ao redor
E não conseguir se enxergar.
Procurar apoio
Em quem deveria o apoiar
E não encontrar.

É complexo aprender sozinho a arte do:
“Está tudo bem!”
Afinal, o mundo e a vida
São programados de bons e maus momentos.

Viver intensamente é o que resta...
Todo dia uma batalha, uma alegria, uma derrota e uma tristeza,
Que andam juntas
Lado a lado.

E assim, a balança da vida
Se equilibra.
E só ao final,
Você percebe
Quem realmente as pessoas são,
Mas continua sem saber
Quem é você mesmo.



MARIA LÚCIA DO N. FEITOZA

Natural de Paulo Afonso, pertencente a etnia Pankararú. Funcionária Pública, trabalha como bibliotecária na Escola Municipal Manoel Nascimento Neto, desde 2007. É a idealizadora e coordenadora do Projeto Aventureiros da Leitura que já participaram de quatro antologias. É Membro da Academia Santabrigidense de Letras e Artes (ASLA), Técnica em Infraestrutura Escolar pelo IFBA, e está no último período de Pedagogia pela Uniasselvi e faço 2º período de Licenciatura em Letras pela UNEB.

LUA LINDA

Lua linda e tão bela
Tão longe e tão perto a brilhar
Traz lembranças de nós na janela
Bem abraçados a sua beleza apreciar.

Lua linda e tão bela
Que por muitas noites veio nos guiar
Tantos dias e anos nos amando através dela
Que por sua beleza iamos nos acariciar.

Lua linda e tão bela
Que nos fez enamorar com sua leveza
A cada dia nos apaixonar inspirados nela
Hoje te vejo aqui sozinha e lembro de tudo com clareza.

Lua linda e tão bela
Como hoje queria nos teus braços me aninhar
Voltar no tempo e admirar tua beleza
E agora com certeza com mais paixão iria te amar!!!



MARIA RITA DOS SANTOS

Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena pela Faculdade Pio Décimo, Pós Graduada em Educação e Gestão, Tem poesias publicadas em jornais de Sergipe, Rio de Janeiro e Salvador. É ativista cultural. Participou do Anuário de Poetas do Brasil de 1984, é coautora na III Antologia Poética de Sergipe, na Antologia Re- Existir a poesia como forma de resistência do 5º Festival de Poesia de Lisboa/ Portugal e na IV Antologia de escritores Santanenses e Convidados – Eternizando Sentimentos e na VII Antologia Canindeense e Convidados É membro fundadora da Academia Sancristovense de Letras e Artes, - Cadeira nº 03 Patrona Maria Paiva Monteiro (Marinete Paiva), atualmente é a Presidente desta mesma Academia; membro fundadora da Academia Literocultural de Sergipe, patrono José Gonçalves Barroso (o Vigário Barroso) membro do coletivo Café Poético Sergipano e do Sarau Poético de Mulheres, faz parte dos movimentos Mulherio das Letras Portugal, Mulherio das Letras Espanha e Mulherio das Letras União Europa.

ESPERA

Sem pressa, nem desespero, espere em Deus
O que Deus tem para nós tem hora certa de chegar.
Não se lastime
A vida é bela
Vista aquela blusa amarela
Peça um cafuné
Ande de bicicleta ou a pé
Importante mesmo
É observar o cenário,
reunir forças
Olhar para a luz das estrelas
Sistematizar as ideias
e caminhar
seguir em frente
Imprima
A manutenção de sua altivez
Mesclada de sensibilidade e sensatez
Recheada de detalhes
Aprecie a afeição,
contemple com valorização
a amabilidade na aparência do céu
Admirando você.



MARILENE ARAÚJO DE BARROS

Natural de Iatí –PE. Graduada em História e Pós graduada em Gestão Escolar. É professora aposentada da Rede Estadual de Ensino de Sergipe. Iniciou seu magistério no ano de 1984, encerrando a sua carreira profissional como diretora na Escola Estadual José Inácio de Farias em Monte Alegre de Sergipe – SE. É divorciada e mãe de quatro filhos: Samuel, Saul, Calvet e Verena. Participou da I, II e III Antologias do Encontro de Escritores Monte-alegrenses & Convidados.

MARIA PERNAMBUCANA

01

Neste momento sublime
No qual o amor emana
Vou contar uma História
A qual a ninguém engana
De uma grande mulher
Maria pernambucana.

02

Todos temos uma História
E não se pode negar
É a da nossa existência
Que só Deus pode traçar
Cabendo a nós como filhos
Junto ao Pai caminhar.

03

Há quem vive neste mundo
Simplesmente por viver
Mas tem exemplo de vidas
Que fazem por merecer
Compondo uma bela História
Que dá gosto conhecer.

04

Então meu caro leitor
Eu peço sua atenção
Para meus versos seguintes
Saídos do coração
Pois tratam de uma mulher
Orgulho deste sertão.

05

Essa mulher é Maria
Minha irmã muito querida
Que agora peço licença
Porém de forma atrevida
Pois neste momento vou
Relatar a sua vida.

06

No dia 12 de outubro
Do ano 56
Nascia a irmã Maria
Em terras de camponês
Presente vindo de Deus
Em meio aos filhos seus.

07

No sertão pernambucano
Interior de Águas Belas
Na fazenda Riacho Fundo
Residiam os pais dela
Que tinham nas proximidades
Uma grande parentela.

08

José Gabino e Lucina
É o nome dos seus pais
Dos filhos ela é a terceira
E nasceram outro mais
Se criaram doze filhos
Oito moças e quatro rapazes.

09

Como Maria de Fátima
Na pia foi batizada
A assistente do parto
De mãe Lica era chamada
E seus padrinhos de vela
João e Maria Machado.

10

E ali no Riacho Fundo
Crescia nossa Maria
Vivendo épocas difíceis
Que jamais esqueceria
Mais três coisas não faltavam
Fé amor e alegria.

11

Na companhia dos pais
Foram várias as moradias
Pois seu pai José Gabino
Ocupou muitas freguesias
E em todas as mudanças
Lá se ia a Maria.

12

Riacho Fundo e da Forquilha
Também Serra do Uruçú
Garanhuzinho, Lourenço
Ou Aguazinha de Lulu
Quando nos procuravam no Norte
Nós já estávamos no Sul.

13

Trapiá Federação
E também o latí
Nos serviram de morada
Isso posso garantir
Só que o nosso destino
Nos guiou até aqui.

14

O saudoso Zé Gabino
Só pensava em se mudar
De caminhão, carro de boi,
Em jegue com caçua
Pois o que o velho queria
Era um novo lugar.

15

Me diga nobre leitor
Se tá da História a gostar
Pois é com muito prazer
Que quero continuar
Mas de agora em diante
Só em Maria vou falar.

16

Maria teve uma infância
Do jeitinho que Deus quis
Cuidava dos seus irmãos
Isso eles é quem diz
E nas noites enluaradas
Brincava e era feliz;

17

Na fazenda Riacho Fundo
Lugar por todos amado
Em meio ao povo cigano
Que ali ficava arranchado
Maria e seus irmãos
Construíram um legado.

18

Com o tempo nossa menina
A juventude chegou
Trazendo grande beleza
Que a todos admirou
Sendo a mais bela moça
Em todo lugar que passou.

19

A sua vida escolar
Foi um tanto complicada
Eram poucas as escolas
Naquela época atrasada
Mas Maria deu início
E seguiu sua jornada.

20

A sua primeira escola
Foi na Cacimba Cercada
Depois Gigante e Salóá
Tendo o Lourenço por morada
Cursando o admissão
Na época muito falada.

21

No ano setenta e três
Começou a ensinar
Por ser a mais estudada
Ali naquele lugar
Foi lá no Garanhuzinho
Que começou a lecionar.

22

No início trabalhava
Numa modesta residência
Porém no ano seguinte
Vendo sua competência
Foi construída uma escola
E lhe entregue à docência.

23

No ano setenta e seis
Lá se vem uma mudança
Dessa vez pro Trapiá
Isso guardei na lembrança
Que para a jovem Maria
Será de grande importância.

24

A fazenda Trapiá
A latí pertencia
Como existia uma escola
Na citada freguesia
Facilitou o trabalho
Da professora Maria.

25

Quando aquela bela jovem
Chegou naquele lugar
A sua grande beleza
Começou impressionar
A um belo rapagão
Existente no Lugar.

26

O nome dele era Paulo
Filho de seu João Balbino
Honesto e trabalhador
Neto de seu Etelvino
Que ao conhecer Maria
Selaram o seu destino.

27

Foi amor à primeira vista
Você pode acreditar
No mesmo ano os jovens
Resolveram se casar
E foi o padre Horiel
A cerimônia realizar.

28

Próximo à casa dos seus pais
Foi a primeira moradia
Depois no sítio Catolé
Foi morar Paulo e Maria
Vivendo assim suas vidas
Com amor e harmonia.

29

Em qualquer lugar que fosse
Que a Maria morasse
Nunca faltou uma escola
Pra que ela lecionasse
Pois por ter capacidade
Tudo se tornava fácil.

30

Depois do Sitio Catolé
Morou na Barra do Tigre
Depois veio pra Sergipe
Assim a História diz
E na fazenda Soares
Fincou a sua raiz.

31

No estado de Sergipe
Muito o casal conquistou
Maria volta aos estudos
E a faculdade cursou
Se graduando em letras
Demonstrando seu valor.

32

E o seu grande esposo
Também pra trás não ficou
Trabalhou de sol a sol
Muito suou derramou
E em um grande fazendeiro
O moço se transformou.

33

Eles tiveram dois filhos
Chamados Júnior e Tadeu
Júnior é pernambucano
Diferente do irmão seu
Que em terra sergipana
O dito menino nasceu.

34

A família de Maria
Na região criou fama
Possui ela duas noras
Que são mulheres bacanas
Uma é chamada de Angra
E a outra de Eliana.

35

Possui dois casais de netos
Que com alegria falo
Paulo César e Luiza
Lívia e também João Paulo
Verdadeiras maravilhas
Sangue de Maria e Paulo.

36

E agora em nome de Deus
Que tanto ama as Marias
Quero parabenizar
Porque hoje é o seu dia
Pelo seu aniversário
E sua aposentadoria.

37

E para finalizar
Fica aqui o meu recado
Siga o exemplo de Maria
Ame e também seja amado
Coloque Deus na sua vida
E construa seu legado.

FIM

Poço Redondo – SE – 12 de outubro
de 2015



MATTHEUS BORGES SILVA

Nascido em Jacobino – BA, hoje naturalizado Sergipano, atuante na área musical, gosto de poesia, arte, da vida em toda sua essência.

A LABUTA

Meu Oxente não te irrita
Nem palavras que falte acento
O que te deixa azedo
É o meu lindo lugar
Aqui tenho pomar
Doce laranja lima
Uma dura rotina
Do terreno roçar
Aqui devo regar
Pé de cajá de manga e caju
Tomate, melão e umbu
Pra na sua casa entrar.

Pode me chamar de matuto
sem leitura ou analfabeto
De moreno encardido ou de preto
Homem de tanta fé pra rezar
Que acredita no dom de plantar
E viver juntos dos animais
Mas que nunca será capaz
De lhe ofender ou apenas julgar
Sou nordestino e insisto amar
Mulher, planta e toda criatura
E que amo e honro minha cultura
Sou Nordeste e nunca vou deixar.



MICAELY LUDHIMILA DOS S. LIMA

Tem 10 anos, estuda o 4º Ano no Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira, Povoado Colônia, Santa Brígida - BA. É integrante da Oficina Manhã Literária da Academia Santabrigidense de Letras & Artes (ASLA), e participante da II Antologia de Escritores Santabrigidenses & Convidados e do IV Encontro Sertanejo de Escritores e Leitores (ESDEL).

FAZENDA SÃO JOÃO

Na fazenda do meu avô João
Que fica lá pros lados do Raso da Catarina,
Onde brincamos eu, os meninos e as meninas
Dizem que é no Raso,
A morada da caipora e do azulão
Mas, é lá que podemos correr de pés descalços
E sentir o chão
Todo tipo de animais silvestre
Se tem por lá
E podem ser visto por pedestre
O gato do mato, a onça preta e o lobo – guará
Tem também pássaros lindo de se ver
Arrecuam, curió, graum, lambu,
Estevo, caboclinho, e arara azul
Pois digo pra você
É o Raso, um bom lugar para se conhecer.



NÍCOLAS SANTANA SOUZA

Tem 13 anos, estudante do 8º ano do Colégio Santa Sara, Nossa Senhora da Glória, SE, participante de antologias da região, gosta muito de Aracaju, colecionador de carrinhos da hot wheels, também gosta de nadar, além de ser um garoto muito esperto e inteligente, coroinha da Igreja Nossa Senhora Aparecida, Nicolás é temente e grato a Deus e a sua família, em especial a sua mãe que o incentiva a ser escritor.

SÃO JOÃO EM ARACAJU

Uma festa nordestina
Recheada de forró
Aracaju fica linda
Igual um bom borogodó
Num espaço de bandeirolas
No maior festejo do estado
Surge o forró caju
Onde a festa abre espaço
Ao som de arrasta pé
E tradicionais quadrilhas de Sergipe
Dentro do barco do forró
Surge o que há de melhor
A marionete do forró
Sai do oceanário de Atalaia
Segue para a praia formosa
Onde tem gente dengosa
No Museu da Gente Sergipana
Baião ferinha barco que voa
O São João e bem tradicional
Comida típicas no arraial
Nos mercados Tales Ferrais e Augusto Franco
Doces de Propriá, fumo de Lagarto e queijo de Glória
Durante os festejos juninos
Tudo fica muito lindo
Para finaliza meu repente
Convido todos vocês
A conhecerem de repente
Aracaju terra da gente



PRISCILA LOPES DA SILVA

É de Florianópolis, aluna do 5º ano do C. E. Z. P. T, Pov. Colônia. Integrante da Manhã Literária da ASLA – Academia Santabrigidense de Letras e Artes, com participação no I Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados; I Encontro de Escritores e Leitores Portofolhenses & Convidados; Antologia Natal com Poesia, da Biblio Editora, II Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados, e IV Encontro Sertanejo de Escritores & Leitores (IV ESDEL), e Encantos Nordestinos.

SER POETA

Oh quem me dera ser poeta
Pra cantar belas canções em seu louvor
Escrever lindos poemas
Com doces frases de amor.

Os poemas são pássaros líricos
Que chegam dos livros que se ler
Pousam no amago de cada ser
E quando alçam voos, tornasse onírico

Ser poeta, é voar nas asas da imaginação
É ter o carisma dos amantes
E ter sensibilidade, é ter visão

É alimentasse da poesia que estava em mim
Das estrofes da alma que estava bem ali
E quando feliz descobri, sentir-me querubim.



RAFAEL DE SOUZA

Nasceu em 08/02/96, filho de Maria de Fátima Castro de Souza e José Agnaldo dos Santos. É natural de Poço Redondo/SE. Desde 2007, reside em Monte Alegre de Sergipe, município que o acolheu com muita cordialidade. É esse carisma que o agrada nas terras monte-alegrenses. Em 2013, o poema o conquistou e ele adentrou a este universo, escrevendo poemas e participando de projetos. Publicou textos em diversas antologias. É membro da comissão do FESPOFABV (Festival de poesia falada da Baixa Verde), participou da “Plêiade Cavalos do Cão”, “Poesia indo à escola” e faz parte do projeto “De Mãos dadas com a poesia” projetos que incentivam a literatura e a escrita no município de Monte Alegre de Sergipe. Além disso, tornou-se membro do Grupo de Arte Cênicas “Foi Por Você” no qual o objetivo é evangelizar através da arte. No ano de 2016, foi laureado no VIII Prêmio de Divulgação Científica e Inovação Tecnológica, com a fotografia “A Poesia na Escola” e em 2017 foi premiado na categoria Cientista Junior do referido prêmio. Desenvolveu pesquisa científica no Centro de Excelência 28 de Janeiro. No ano de 2018, lançou seu primeiro livro de poesia “A Poesia e o eu: entrelaçados”. Em 2019, foi agraciado com o Prêmio Destaque Cultura da Cidade de Monte Alegre de Sergipe.

NOITE VAZIA

Nesta noite vazia
 Fecho os meus olhos
 E todas as lembranças voltam e me fazem
 Sentir...

Alegre,
 Triste,
 Sozinho...

Nesta noite vazia
 As músicas já não têm
 O mesmo

Tom,
 Melodia,
 Sintonia...

Oh, que Saudade!
 Do seu ser,
 Do seu sorriso,
 Do seu abraço,
 Do seu carinho,
 De VOCÊ!

Nesta noite vazia
Eu só queria te

Ver,
Sentir,
Ouvir...

Nesta noite vazia
Lembro-me de ti
Mas você se foi.
Coração ainda aberto
Senti sua falta,
Sua ausência
Meu velhinho...
Nesta noite vazia
Não conseguirei dormir...



RENILTON GOMES SILVA

Nasceu no Sumaré, povoado de Piritiba na Bahia. Desenvolveu-se como profissional e como gente em Miguel Calmon - Bahia (terra de adoção) e desde 2006 reside em Feira de Santana. cursou História na UNEB (Jacobina - BA). Publicou com edições independentes Crônicas de Canabrava: outras veredas (2013); O banco da praça está vazio (2017) e Memórias de qualquer lugar (2019). Agora, em 2021 pela Garcia Editora publicou Calça-Curta: histórias e memórias de Canabrava do Piemonte. Em 2000 foi premiado no Concurso de Poesias Dermival Miranda Santos (Miguel Calmon) com o poema Morte da Morte.

CANTAROLANDO

Cantei para a musa dos meus sonhos
soltei tudo que sentia
meu canto, eterno canto
era bonito, suave, poesia
para a deusa do meu viver
cantei
andei cantarolando
cantei, canto amando.



ROSE SANTANA

Filha de Janete Alves da Silva, casada com José Orinaldo de Santana, mãe de Jônatas Emanuel Santana Neto e Aine Noemi Alves Santana, nasceu em Monte Alegre de Sergipe – SE. Graduada em Letras/ Espanhol, Pedagoga. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica e Psicologia da Infância. Realizou cursos de AEE (Atendimento Educacional Especializado) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Rio Grande do Sul e Educação Física Inclusiva para Pessoas com Deficiência pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Minas Gerais e Mestra em Ciências da Educação - com ênfase em Educação Inclusiva pela Universidade Interamericana - PY. Autora dos livros: 1. Inclusão começa na família – uma história real, 2. Acessibilidade em Canindé – Vista essa Camisa, 3. Heroínas Anônimas e 4. Dor da Alma. 5. Um Século Cheio de Graça. Co – autora de 24 Seletas. Membro efetiva da Academia Canindeense de Letras e Artes (ACLAS) cadeira nº 14.

SERIA MAIS FÁCIL

Seria mais fácil ter uma rotina menos cansativa e doentia.

Seria mais fácil ter um tempo para nós e fazer as coisas sem cobranças e imposições.

Seria mais fácil não estar inserido em hostilidades internas e existências

Seria mais fácil não ouvir tantas críticas e mais fácil ainda, não precisar dar explicações por questões insignificantes.

Seria mais fácil não precisar tomar cuidado com cada palavra proferida, cada atitude, gesto, olhar e toque.

Seria mais fácil não viver o cativo que padecemos, mesmo sendo difícil e áspero.

Seria mais fácil não viver na prisão interior, aquela que aprisiona corpo e alma e traz questionamentos infundos.

Seria mais fácil sermos livres e não cativos de nós mesmos.

Seria mais fácil viver a simplicidade e não precisar chamar atenção por coisas que fazemos.

Seria mais fácil respirar livremente, correr na chuva, brincar com amigos sem cobranças e interrogações.

Seria mais fácil preservar as amizades sinceras, aquelas que não nos abandona.

Seria mais fácil não ouvir a dor do outro, lidar sabiamente com as nossas.

Seria mais fácil não precisar lidar com a ingratidão.

Seria mais fácil não se preocupar com pequenas coisas e ao chegar em casa depois de um exaustivo dia, desligar –se de si mesmo.

Seria mais fácil não viver com uma constante pressão interior lhe acusando de algo que ficar atrás.

Seria mais fácil não viver uma vida de sacrifícios, condicionada por lágrima e empenho para negar o que realmente queria fazer e dizer.

Seria mais fácil viver independente das circunstâncias

Seria mais fácil amar, amar sem medidas.



ROSIMARY DOS ANJOS SILVA

Natural de Pacatuba-SE, monte-alegrense de coração desde os quatorze anos, nasceu em 12/12/1972, brasileira, casada com José Augusto, mãe de Jerlyan e Jerciany, avô de Anny Valentina e Anna Liz, anjos de luz. Tem por formação graduação em Letras-Português e Pós-graduação em Docência e Tutoria pela UNIT. Filha de militar aposentado, Ricardo Gabriel e Maria Auxiliadora(in-memoriam), ex-professora do antigo primário, por quem foi alfabetizada. Atualmente, funcionária pública estadual.

GRATIDÃO

Senhor, poupa-me do desejo e da vergonha de um dia ter
que me achar melhor que os outros, livra-me do laço dos inimigos...

Faze-me acreditar, cada dia mais no teu amor de pai.
Não permita envaidecer-me pelo meu andar, meu falar...

Que as palavras que de minha boca surjam, sejam todas para ti,
E através de mim, brilhem e reluzem mais que eu, pois sem ti, Senhor, eu nada sou.

Que o branco dos meus cabelos simboliza os anos de minha vida,
por menor que ela seja, minha juventude já eleva aos quarenta.

Bondoso pai, tem piedade de mim, dos que sofrem, transforma a cada dia
o meu coração para que eu possa perdoar nos seus caminhos.

Transforma meu ser, e o ser de quem ainda não conhece o seu AMOR.
Seu amor de pai.

Faz-me querer viver conforme os seus ensinamentos,
deixar de achar e sempre Acreditar, que sem ti eu nada sou.

Que eu não seja:
lamento, mas alento,
pranto, mas alegria,

Minhas histórias não sejam fantasias, mas experiências e ensinamentos
a outras vidas, seja valor.
Deixe-me louvar seu AMOR, seu AMOR de pai.

Deixa-me ser mais mãe, mais filha, mais avó, tia...
Permita que em mim, tenha um pouco Maria, mãe e rainha Augusta aos céus.
Que meus dons sejam lembrados como alguém que sempre amou produzir um pouco da arte.
Da arte que as mãos produzem em seus gestos, Amor.

A ti, Senhor, só Gratidão!

Gratidão por tudo que fui e sou,
não compensa chorar pelo que já passou.

Se eu não perdoei, que eu possa perdoar para que também seja perdoada,
Ele, o perdão, é benévolo e traz leveza a alma, cura nossas feridas ...

A melhor prática de AMOR, cura-nos, Senhor! Sem ti eu nada sou.

Cuida daqueles onde eu não posso ir, não posso estar.
Cura, sobretudo nosso coração e todo nosso interior.
Cansado e fatigado pela vida, Senhor.



SOLANGE DA G. PINHEIRO (SOL PINHEIRO)

De Cristinápolis/SE. Teóloga/Historiadora, considera-se uma “Aprendiz de Poesia”. Publica em Antologias Literárias, dentro e fora de Sergipe, no site Recanto das Letras. Mem. Fund. Acad. Cristinapolitana de Letras e Humanidades, Acad. de Letras do Brasil Suíça-Núcleo Sergipe.; Membro da Academia Lítero Cultural de Sergipe, da Acad. Municipalista de Sergipe e da Academia de Letras de Aracaju-ALA. Recebeu o “Troféu Falcão de Ouro” na IV Bienal do Livro de Itabaiana, “Troféu Amigos de Glória e das Letras”, pela AGL/SE em 2017; A Ordem do Mérito: ALBS em Santa Catarina, Salvador/2018, Sergipe 2019. Troféu Caju de Ouro, SE/2019.

ANGÚSTIA

Almas entristecidas
Nostalgia perene
Gargantas sufocadas
Úmido terreno em precipício
Solidão noturna
Tristeza sem fim
Incertezas a nos confundir
Amanhã sem o raiar do dia

Dias sem Sol
Olhares perdidos
Rostos desfigurados

Eternidade!

Homens sem planos
Olhos marejados
Rasgando o Cerrado
Riso transtornado
Orbitar sem rumo
Ruas sem saída.



TINHO SANTANA

Poeta, escritor, cordelista, Jornalista DRT-2052/SE, um amante das letras e das artes. É Graduado em Administração pela Universidade Tiradentes, especialista em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional pela Faculdade Cândido Mendes; está cursando uma especialização em Gestão de Empreendimentos Turísticos pela UFS. Autor do Livro Versos Sertanejos e do Cordel Uma Canindé de Sonhos. Participou de diversas antologias como: I, II, III, IV e V Encontro dos Escritores Sergipanos, I, II, III, IV e V Encontro dos Escritores Canindeenses (idealizador) I Encontro Aracajuano de Escritores, Encontro de Escritores Monte-alegreses, I e II Encontro de Escritores Sertanejos, Antologia Poemas do Brasil, Escritos do José (organizador), Abrindo ALAS I e II, EGEL, I Antologia Poética de Sergipe, Retalhos da Alice (idealizador) entre outras, editor chefe da Revista Sertão na Mídia e também é imortal fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano – ALAS e Presidente fundador da Academia Canindeense de Letras e Artes – ACLAS. Contatos: (79) 9 9603-5842 e-mail: tinhosantana.adm@hotmail.com

BURGOMESTRE NÃO EXISTE

As belezas do sertão
Por aqui podemos ver
E assim reconhecer
De forma muito segura.
Mesmo, às vezes, em censura
O povo daqui persiste,
Porém, fico meio triste
Com as formas de “migué”,
Pois aqui Canindé
Burgomestre não existe.

Aqui tem literatura,
Trazendo a união
Através do coração
E muita desenvoltura.
Incentivando a leitura,
Fazendo com que todos liste
E de certa forma insiste
Mostrando a arte como é,
Mas aqui em Canindé
Burgomestre não existe.

É difícil entender
Escutem o que estou falando
Mesmo alguns não concordando
Te falo como amigo:
Pense, reflita comigo.
Se aqui isso existe
Cidadãos ficando triste
Criança, “homi” e “mulé”
Por saber que em Canindé
Burgomestre não existe.

Estipêndio atrasado
Ente sem direito a comer,
Por aqui eu posso ver
Com isso fico indignado,
Me sentindo um derrotado
Pergunto: tu viste?
Que eu estou muito triste
Sem perspectiva, mas com fé
Porém em meu Canindé
Burgomestre não existe.



VERA LÚCIA DOS SANTOS

Nasceu em São Cristóvão/SE. Formada em Letras, pós-graduada em RH e Gestão Escolar. É funcionária pública, professora, poetisa e mãe. Apaixonada por literatura. Vice-presidente da Academia Sancristovense de Letras e Artes, membro do Café Poético Sergipano e do Sarau Sergipano de Mulheres. Foi classificada no V Festival de Poesia de Lisboa, tem poesias e textos publicados, e é coautora de várias antologias.

RECORDAÇÕES

Saudades do barulho do mar,
Do vento em meus cabelos,
Saudades do barulho da chuva,
Do cheiro da terra molhada.

Saudades do silêncio da paz,
Do luar da minha terra,
Saudades do sorriso no olhar,
De pessoas que sempre amarei.

Saudades das tardes no jardim,
Das flores dançando ao ar,
Saudades das gaivotas e bem-te-vis,
Seus voos, seus cantos e encantos.

Saudades de mim,
Menina-moça a sorrir,
Saudades do meu velho,
Saudades, saudades, saudades.

*Lembranças do tempo que passei ao lado do meu pai.



PROSA

A conversa entre leitor e autor possibilita um prostrar de
compartilha e de confiança. Ambos são entrelaçados
pela palavra que os conduz para mundos cristalizados,
periféricos, rebeldes e de esperança. Vamos prostrar!





ADEBALDO FEITOSA DE S. JUNIOR

Nascido em N. Sra. da Glória, formou-se em História pela Universidade Federal de Sergipe. Atua como professor das redes estadual e municipal de N. Sra. da Glória. Membro efetivo da AGL desde agosto de 2017, ocupando a cadeira no. 21, cujo Patrono é o magistrado, professor e escritor lagartense Joaquim Prata Souza.

VOX DEI

Findava novembro, passava dezembro e chegava janeiro. O verão, em todo o seu incandescente auge, assolava o sertão e tudo secava. Mas, de quando em quando, um temporal se armava e o céu parecia tremer. Primeiro, o ar esquentava além da conta, depois vinha os ventos com violência, anunciando o aguaceiro. E então as nuvens rugiam. Os trovões ribombavam e o mundo era inundado por uma versão em menor escala do dilúvio de Noé.

Era umas três da tarde quando o dia escureceu lá pras bandas do rio. Manoel Juca estava na lida, num pedaço de roça perto do São Mateus. Sua esperança era uns pés de palma que começavam a secar. Não chovia desde setembro. O padre Joel, que vinha uma vez no mês rezar missa na capelinha do povoado, recomendou que povo fizesse uma novena pra São Pedro e Santa Bárbara. As mulheres se puseram a debulhar o rosário e entoar os cânticos sacros. Os homens tomaram enxadas, picaretas e pás e golpearam a terra, dura e seca como eles.

O calor era reinante. Por um mês inteiro, dezembro, não se via um fiapo de nuvem no céu. O gado magro mugia, reclamando de sede. Depois, silêncio.

Mas, naquela tarde de janeiro, o céu se encobriu de chumbo azulado e um bramido distante chegou aos ouvidos de Manoel Juca, trazido por uma brisa que se aligeirava, espalhando o pó amarelado pelo pasto seco. Ele parou e olhou para o norte. Parecia o fim do mundo chegando.

Correu para casa velha de taipa. Se aquela chuva toda caísse por ali, pensava, faria o pequeno riacho próximo encher, até transbordar. Não seria a primeira vez. Manoel Juca esperava não ser daquela vez.

O vento, que não dava as caras há umas semanas, rapidamente se transformou numa ventania que lançava as folhas secas num turbilhão violento. Aqui e ali, rodaminhos se formavam e morriam na mesma velocidade. A poeira cegava.

A muito custo, Manoel Juca chegou em casa. E com ele a trovoada. Adelina,

a mulher, berrava com os meninos mais velhos para que entrassem. O caçula, Arnaldo, estava atônito. Não sabia o que era aquilo. Tinha uns sete anos, e nunca havia visto o mundo naquela revolta. O medo começou a lhe tomar o coração e as lágrimas desciam quentes pelo rosto vermelho.

Então veio um trovão. E mais outro. E outro. Os relâmpagos iluminavam toda aquela pobreza num piscar de olhos. Os meninos mais velhos chegaram. Sorriam. Tinham tomado um bom banho com a chuva pesada que agora caía. A mãe bradava, mas a voz era abafada pelo ronco lá fora. Parecia que as nuvens se partiam e o ar se quebrava a cada estrondo.

Manoel Juca olhou para o filho menor. Arnaldo se encolhia por detrás da mãe. O pai o chamou. Relutante, ele foi.

- Chore não, meu fio. Isso é coisa de Deus. Ele mandou chuva pra nós. – passou a mão calosa pelos cabelos claros do menino. – Quando vem o trovão, é Deus falando com os anjos. – explicou. – E as vês, Ele fala alto demais. Aí nois escuta aqui na terra.

As lágrimas continuaram a rolar. Arnaldo queria que Deus parasse de gritar com os anjos.

- E eles fizeram o que, painho? Mode quê Deus tá brabo com eles?

O pai riu. E seu rosto cansado foi iluminado por um relâmpago. Nunca pensara que Deus se zangava com alguma coisa. Não sabia o que dizer ao menino. Apenas o abraçou.

Arnaldo viu muitas trovoadas depois daquela. Cresceu. Foi pra escola. Leu nos livros que o trovão era um fenômeno da natureza. Mas nada lhe tirava da cabeça de que era Deus passando um belo sermão nos anjos travessos. Ele entendia da fúria da natureza, mas a temia, acima de tudo. Era homem feito, maduro, cercado de filhos e netos. Mas, quando o trovão estrondava e o relâmpago riscava as nuvens, Arnaldo voltava a ser criança e se calava diante da voz que vinha do céu.

E exigia o mesmo silêncio de quem porventura estava ao seu lado no momento da trovoada. Cobria espelhos, televisão, desligava as luzes. E eu sempre achei uma ironia curiosa que o mesmo trovão que ele tanto temia também estava em sua potente garganta.

Mas, tenho cá pra mim, que Arnaldo perdeu o medo das trovoadas. Agora as vozes que ele ouve são de fato celestiais, indizivelmente belas. No Céu que ele hoje contempla não há mais trovões...



ALOISIO ROSA

Graduado Letras Vernáculas-UFS; Pós-Graduado Linguagem Literatura-UNIT; Pós-Graduado Direito Constitucional.

PENSÃO DA MÃE JUANA

Você vem dizer não acredita poder mudar, então fazer nada até você perceber a diferença das coisas ou as coisas diferenciarem-se per si. Assim iniciava a ladainha das sete horas da manhã, mas era domingo, mas era alguém se recusando a seguir o caminho em luta diária. Confesso, por vezes eu me sentia perdido na Cidade e nem me dava ao luxo de pensar a situação dos Irmãos na roça, travava em leituras ou em pausas delongadas a ouvir as vozes. Prosseguia a Mãe Juana: vai deixar toda leitura vã, todo esforço inútil, toda a maneira de fazer a história realidade ou a continuidade do ser, tudo pode ser mudado, agregue sua sabedoria aos trabalhos, por mais simples que seja. Era sempre o mesmo discurso para os ouvidos petrificados, eram comentários incentivadores a todos e todas, cantiga boa do amanhecer. O cheiro a entrar nos quartos superava o sono, logo vencido pelo vapor gostoso do café preparado na cozinha. A vida não para no ato de acordar, meus pequenos. Eu sempre aqui a fazer pasta, alimentar, alimentar-me. Continue em estudar e espalhar sua percepção de mundo. Não lamenta a vassoura o chão empoeirado, faça-o como deseja pisar. Vista a roupa da sabedoria e dispa-se de querer andar em nua ignorância. Está faminta a alma, dê-lhe água e se a fome amena ficar, verás haver sido sede e a primeira ilusão de fome fora mascarada. Imagina o valor da matéria e pelo sentimento forte do estômago, ávido de mastigação, pressinta todo o resto a viçar ou pulsar, só pela flor da idade ou a preguiça por falta do puxão a acordar para o perigo. Observe e verá. Assim é a fonte a brotar entre as pedras, uma fresta e a água desce em fino fio a humedecer a terra, encharcar a floresta a ponto de abastecer todas as árvores, mesmo a mais longe da nascente, pois as árvores fazem permutas pelas raízes a puxar e lançar água uma para outras. Vê como está a floresta, em pleno trabalho coletivo pelo fio da nascente. Filhos são assim, serão pais ou mães e seguirão na mesma vastidão do mundo possível; lembrarão da nascente alimentadora, farão novos pastos, mas estarão contidos sempre na nascente primeira. Não venha pensar no fim, pois crescem as florestas, multiplicam-se as espécies e será sempre um novo começo a cada manhã. Tudo estudado, praticado a ponto de percebermos a criação do nosso engenho em fazer funcionar todo o aparato de proteção própria e

proteção para os outros. Não ligue o computador em dias de tempestade solar, recomendam os técnicos, ou perderá toda a memória. Bem assim sempre foi plantar, colher, processar o alimento; criar, tosar, sacrificar a vida e prover-se da carne, do couro, por isto você ainda vibra e seu corpo não servirá de pasto, mas de máquina a teu cérebro, tudo a seu tempo. Se cuida, seja a vida e o entusiasmo de si, como o brotar na fonte a água. Ligue sua fase e use seus recursos. Se o sistema não ler sua linguagem, muda a base de suporte comunicativo sem perder o princípio de ser você quem seja. Prepare e construa outros engenhos. Faça máquinas melhores e menos poluentes, menos tóxica a si. Então trabalhe e crie, seja a mãe e a criadora. O noticiário era o Jornal da Cidade, a Catedral nem havia deixado as frequências de badaladas argentinas soarem da torre para toda cidade, mas aos domingos era mesmo o vociferar da Mãe que, da cozinha naquela nossa Pensão, mandava os alertas para toda vida. Ouvir e viver o alento do Pensionato, isto sim, Pensionato. Eram raros aos ouvidos dos da roça esta nota de fim de semana. Só quando o dinheiro estava escasso para viajar, a boia na Village caipira fraquinha, ficavam os pensionistas e lucravam por comer, dormir e ao fim do mês pagar um pouco mínimo, sempre dispensado por Dona Juana. Era Mãe Juana, éramos filhos dela entre seus filhos, era a base nossa para agarrar o livro e seguir em leituras. A primeira professora sensível a passar o É A VIDA. Até aos médicos e dentistas Mãe Juana nos levava. Na roça ou Village era SESP, na Cidade INSS. E para quem fixou raízes na cidade, hoje em Village, se torna um ser estrangeiro a mais a visitar, não se volta mais para viver na roça. Aqui com o aporte intelectual, até a bodega flameja de gente a comprar bugigangas, é trabalhar, é produzir, rezar e agradecer. Um dia a nostalgia guiou meus pés em passos leves até o acordar da retina distante. Na Village de minha origem e na cidade três pontos desfocados: na Village a estação de trem sumiu, trilhos e tudo; o mercado posto ao chão desfigurou o ímpeto do bodegueiro; na Cidade pude ver o fim do cenário onde o umbral para nova vida de expansão da floresta se deu. Era onde o Pensionato funcionou, a velha edificação foi derrubada. A engenharia ou o engenheiro não sabe até hoje a importância de mudar um aspecto e conservar o traçado urbano que fora cenário do vivido nos pontos referência. A Pensão da Mãe Juana, não mais existe. Não aprendi por que tudo muda. Até hoje não detenho o domínio de todo aprendizado. Dias de lembrar do começo até o meio ou do meio para o começo o passado vivido. Não quero lembrar de tudo por pensar na prática de aulas e vozes ensinando: o aprendizado será eterno e saberá mais amanhã, pois não dá para aprender tudo num dia só.



ANA PAULA DA SILVA LEMOS

Nasceu em Pão de Açúcar, Alagoas, no dia 13 de abril de 1996. Formada em licenciatura em Matemática pelo Centro Universitário AGES e pós graduada em Matemática Financeira e Estatística pelo Grupo Educacional Faveni.

O PARADOXO ENTRE O MEDO E A IMORTALIDADE

Da janela de casa, a cada novo dia percebo as mudanças que a pandemia vem causando na sociedade.

Logo no início as pessoas estavam bem mais receosas quanto as complicações causadas pelo covid-19.

Pessoas isoladas dentro de suas casas, ao sair na rua, todos estavam de máscaras e com seus frasquinhos de álcool em gel.

Contato físico, nem pensar!

O isolamento social, o medo da contaminação era constante.

Com todos esses cuidados, as taxas de contaminação, assim como de mortalidade não eram tão altas.

Passaram-se alguns meses, as pessoas não aguentavam mais ficar confinadas em suas próprias casas. Começou ai então, um retorno as atividades rotineiras. Porém esqueceram de um fato relevante. O vírus continuava a solta.

Aqueles cuidados do início foram esquecidos por parte da sociedade brasileira, o que teve como consequência, um aumento significativo no número de contaminados, assim como também no número de mortes.

Governadores, prefeitos, começam a criar medidas restritivas. O que ocasionou em comerciantes revolta. _ Como eles iriam conseguir manter seus negócios, tendo que fechar as portas? Como iriam pagar a seus funcionários?

A solução encontrada por alguns destes, foi a demissão de funcionários. Entretanto, alguns relutantes com essas medidas restritivas, mantiveram seus comércios abertos de forma irregular. Tendo como consequência: funcionários contaminados e até mortes. Pois, esqueceram ou fizeram pouco caso da situação.

Apesar do grande percentual de pessoas internadas, das mortes. Aqui da minha janela percebo. As crianças, jovens e adultos não se protegem como deveriam.

Revoltados com essa "infeliz" situação, sentem-se no direito de fazer aglomerações. Reúnem-se com amigos para beber, vão a festas clandestinas em busca de uma diversão desenfreada.

Comportam-se como imortais!

É notório o quanto está sendo difícil para a população lidar com a presença desse vírus.



PE. ANTÔNIO R. DE SOUSA

Antônio Rodrigues de Sousa, membro efetivo da Academia de Letras do Amplo Sertão Sergipano - ALAS - Cadeira nº 08. Cidadão Portofolhense, nascido em Itabi/SE aos 04 de dezembro de 1957, filho de Antônio Menezes de Souza e Raquel Rodrigues de Souza. Sacerdote da Igreja Católica desde 1988, Diocese de Propriá; atualmente vigário Paroquial de Cedro de São João/SE. Membro da Equipe de Subsídio do Regional NE III, da CNBB (produzimos subsídios litúrgicos para as Comunidades); foi membro de redação dos Informativos da Diocese de Propriá: “A DEFESA” e “Encontro com as Comunidades”, onde também escrevia artigos; autor do desenho da Bandeira de Itabi/SE; de “Livretos” para a catequese diocesana, entre outros. Sou sertanejo, filho de sertanejos e amante do sertão e sua cultura. Contatos: (79) 99906-4066, E-mail: peantoniosousa@hotmail.com.

POBRE HUMANO

Olhando-me no meu espelho, espelhando não apenas a minha aparência frontal, mas também tudo o que existe detrás de mim, percebo o quanto deixei de fazer: fiz o que não devia e não fiz o que devia.

Não é assim a história do ser humano? Sei muito bem o que devo fazer, qual o meu papel transformador na sociedade, no entanto estou sempre protelando ou fingindo não saber o que sei, não ver o que estou vendo. Que decepção!

No momento me veio à mente o “espelho da bruxa” contado no conto da “Cinderela”. Esperei o estalo do mesmo, mas o que estalou foi a minha mente me responsabilizando com o tempo presente.

Ao me virar do espelho, deixei o passado e vislumbrei um futuro tão próximo me convidando a ver mundo, a vida, o outro... tudo a partir deles, não como quero, mas como deve ser visto.

Então lembrei de tudo o que aprendi: ter consciência crítica, saber julgar a história como deve ser julgada. A ver o outro depois que tirar “as traves” que estão nos meus olhos me impedindo de ver.

E quando voltar ao espelho, como será a minha frontal e o passado que edifiquei? Irei me decepcionar novamente?

Pobre humano sou eu!!!



CARLOS ALEXANDRE N. ARAGÃO

É capelense, aquidabãense, monte-alegrense, graduado em Letras Português/Inglês (UNIT), Doutorando e Mestre em Letras (UFS), possui especialização na área de Letras e na Educação a Distância. Leciona Língua Portuguesa no Centro de Excelência 28 de Janeiro, Monte Alegre de Sergipe, e na FAPIDE, Canindé de São Francisco. Foi Professor Tutor da Universidade Tiradentes (2006-2016). Trabalha com pesquisa na área de Língua Portuguesa com ênfase em Análise do Discurso. É Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL), ocupando a presidência, Academia Aquidabãense de Letras, Cultura e Arte (AALCA), Academia Municipalista de Sergipe (AMS), Membro Fundador e Correspondente da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS). Coordenador dos projetos “A Poesia indo à Escola”, “Concurso de Poesia do Centro de Excelência 28 de Janeiro”, “De Mãos Dadas com a Poesia”, “Sarau no Coreto”, “Plêiade Cavalo do Cão”, “Festival de Poesia Falada da Baixa Verde” e Coordenador Adjunto do projeto de Criação Literária “Jovens Cronistas do Sertão” e do “Sergipe é Poesia”. Membro da Comissão Organizadora do Encontro de Escritores Monte-Alegrenses & Convidados e do Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe. Um dos organizadores da obra “Vidas sem Preconceito”, 2021. Em 2017, lançou o seu primeiro livro “O professor de Língua Portuguesa e as imagens de sim: uma abordagem discursiva”.

LINDINALVA, EDUCADORA FUTURISTA



A professora Lindinalva Lima de Souza nasceu em 23 de setembro de 1920 no município de Nossa Senhora da Glória. Filha do senhor Lourival da Costa Farias e da senhora Maria Olíndina Farias. Tinha como avós paternos José Inácio de Farias e Josefa da Costa Farias e maternos o senhor José Francisco Canuto e a senhora Izabel Canuto Frazão. Nunca foi conhecida por algum outro nome carinhoso.

A sua jornada escolar iniciou com a professora Francisca Rebolças Chaves no Povoado Monte Alegre. Ela sempre tinha boas lembranças da sua professora primária, sendo esta a mais marcante na sua trajetória educacional, juntamente com a professora Francisca de Castro Vieira, conhecida como Chiquinha de Antônio Grande. Essas duas mestras serviram de inspiração para a estudante, Lindinalva, ingressar na profissão do magistério.

Fez seu curso primário supletivo pela Secretaria de Estado da Educação sob a orientação da professora Maria Etelvina Nunes Ferreira no Povoado Monte

Alegre. Esse curso teve finalização no dia 15 de maio de 1952. Devido ao cenário geográfico e político não fez nenhum curso superior.

Além de exercer a profissão de professora, ela também era dona de casa. Foi casada por duas vezes, sendo o seu primeiro casamento em 1933, com o senhor José Alves com quem passou alguns anos de sua vida e em seguida se separou. Após a separação casou-se com o senhor Filomeno Alves Sousa, no dia 22 de setembro de 1962.

Esses dois casamentos lhe trouxeram a fortaleza e o sentimento de ser mãe, tendo ao todo 11 filhos, sendo oito do primeiro casamento e três do segundo. Atualmente, apenas três filhos estão vivos, são eles: Eluzia Farias, filha do primeiro casamento; Walfran Lima de Sousa e Urandir Maria Souza Aragão do segundo.

Desde que iniciou a sua trajetória no magistério nunca se afastou desse caminho, pois nunca ocupou cargo de direção, entre outros. Toda a sua vida foi dedicada à educação dos seus conterrâneos ou de pessoas que vieram morar no município. Ao todo foram 30 anos de dedicação à docência.

Como todo cidadão que na época desejava entrar no serviço público, a professora teve uma ajuda muito importante do senhor Filemon Bezerra Lemos, um grande político na época. Ele a colocou no serviço público e deu a oportunidade dessa jovem educadora exercer sua função no seu povoado. A sua nomeação ocorreu no dia 01/03/1950 na administração do senhor Antônio Alves Feitosa. Nesse período, o senhor Filemon era o tesoureiro da prefeitura municipal de Nossa Senhora da Glória.

A educadora permaneceu sendo professora desse município por 4 anos e 8 meses. Após a emancipação da cidade de Monte Alegre de Sergipe, ela foi integrada ao quadro de funcionários desse município, permanecendo até o dia 31/05/1962. Em seguida, começou a exercer suas funções na rede estadual. Essa atuação iniciou através de contratos, sendo seu primeiro contrato firmado nessa rede de ensino no dia 23/05/1962. No dia 30/06/1966 é contratada para exercer o cargo de auxiliar regente de ensino nível 02 na Escola Isolada nº 4 no município de Monte Alegre de Sergipe. Nesse mesmo ano, prestou concurso para a rede estadual e obteve aprovação. Aos 11 dias do mês de novembro de 1966, o governo do estado de Sergipe a nomeia para esse mesmo cargo. Assim, ela passa a ser professora do quadro efetivo da rede estadual.

Além do exercício do magistério, gostava de organizar eventos ligados à escola e à igreja, tais como: desfile cívico, dia das mães, conclusão de curso, quermesses no período do natal e na festa do padroeiro. Acreditava que algumas datas comemorativas nunca deveriam ser esquecidas.

Essa educadora já trazia consigo uma visão futurista, pois ao trabalhar com turmas de alfabetização se deparou com crianças que tinham necessidades especiais e mesmo assim ela conseguiu alfabetizá-las. Esse resultado acabava propiciando a inserção das crianças ainda mais na sociedade e todos conviverem

harmoniosamente.

A dedicação à educação de seu povo, a fez uma inesquecível educadora. Em parceria com outras educadoras como Etelvina Nunes e Valdete Alves desenvolveram grandiosos projetos.

A professora Lindinalva acreditava no poder de transformação da leitura na vida do cidadão. Assim, registrou em algumas estrofes do Hino do município, presente dela à sua amada terra: "Juventude, estudantes marchemos, todos juntos de livros nas mãos, para que no futuro sejamos, o orgulho da nação...". Este símbolo de Monte Alegre de Sergipe foi criado em 15 de maio de 1979, na gestão do prefeito Edmilson Canuto Pereira, mas só foi oficializado em 11 de novembro de 2005, através do projeto de Lei nº 24/2005 sancionado pelo prefeito João Vieira de Aragão, conforme relatos da professora Valdete Alves.

Dona Lindinalva foi uma educadora à frente do seu tempo, com um olhar futurista e esperançoso. Faleceu aos quatorze dias de maio de 1988. Tenho o privilégio de desfrutar da amizade do seu filho Walfran Lima, cuja profissão herdou da mãe, demais familiares da educadora e tê-la como minha patronesse na Academia Municipalista de Sergipe.



DANIEL DA ROCHA SILVA

Graduado em Letras Vernáculas (FISE); Especialista em Linguística Aplicada na Educação (Graduate); Mestrando em Estudos Linguísticos (UFS). Professor da rede municipal de ensino de Pão de Açúcar (Alagoas). Membro do Café Poético e Filosófico de Pão de Açúcar. Poeta e contista.

DESCONHECIDO

No teatro, tarde nublada de novembro de 2019.

Sou mais um em meio aos demais. Irá começar a peça. Espaço lotado naquela tarde que tinha todos os indícios de tempestade. No céu, nuvens escuras davam a entender que choveria dilúvio. Mesmo com o tempo fechado, o público compareceu. Era tanta gente! E lá estava eu entre pessoas alegres, sorrisos fáceis, roupas elegantes, flashes de celulares ligados atentos ao primeiro contato com os artistas. Sim, uma peça é de muitos artistas constituintes, porém o público só quer saber do ator principal.

Sento-me à frente. Quero apreciar de perto o cenário, olhar para a cara dos componentes porque a gente sempre quer saber como eles estão, o que vestem, quem está com eles, o que pensam. Percebo, em mim, uma confusão entre o real e a ficção, pois eles estarão em cena daqui a pouco, como vou observar isso? Não são eles, estão apenas interpretando!! Volto à realidade quando me assustam com sorrisos escandalosos, coisa de gente que vive em outro planeta. Penso que vieram para o lugar certo, o mundo das fantasias.

Nunca gostei de sorrisos frouxos por qualquer coisa ou quaisquer motivos. Enoja-me compreender que pessoas assim parecem não terem problemas, mas só parece. Afinal, quem vive sem problemas.

O teatro faz parte da minha vida. Confesso que quando adolescente nunca curti muito isso, achava coisa fantasiosa demais. E, claro, embebedo-me na realidade diária que dar a entender ser um drama de mal gosto; prefiro! Digo isso porque nunca entendi essa “vibe” de artista, pois dão a entender que vivem em um mundo paralelo, sempre nos fazendo ver a vida com perfeição, ou imaginando-a com outros olhos, dotada de flores e felicidade impecável. Que bom que a arte existe.

Não deve ser fácil atuar. Ter que conviver em outros corpos e dominar outras formas de pensar sem se deixar persuadir a si próprio. Eu não conseguiria. Às vezes, acho-me influenciável demais ao ponto de ser convencido que o Papai Noel existe. Que época mágica, assim como as cenas teatrais: sonhos, cores, luzes, gente de longe vem passar esse dia na casa da gente em um entra e sai estonteante de felicidade. Mas até nesse momento eu não consigo sorrir, pois

aprendi que felicidade é coisa interna e não sou ator para expor outros em mim.

A cortina se abre. Vai começar!

Luzes, gritos, cores, muito barulho. Sorrio por dentro. A plateia exacerba-se em sua felicidade delirante. No palco, apenas um ator de ofício. Os outros componentes da peça constituem a banda que embala sons animados. Logo, envaideço-me em outros pensamentos e fujo da fantasia da história contada em cena.

Começo a pensar no quanto é trabalhoso montar uma peça, escrever um livro, interpretar um personagem, viver de arte. Os flashes acesos quase me cegando refletem o ponto de chegada, mas não reeditam a caminhada árdua para chegar a tal momento. Ensimesmado na minha realidade eterna e dopado de uma seriedade doente, mil reflexões invadem-me em um momento considerado pelos demais telespectadores como inoportuno por causa que estamos em meio à arte e dela só precisamos senti-la.

Não consigo fugir por muito tempo de meu pensar realista. Quanto sucesso, que satisfação não deve ser para esse ator, com tantas fotos, gritos, histerias, aplausos. O que ele viveu para chegar ali? "Achismos" atordoam-me como se fosse um estado de embriaguez em final de Copa do Mundo.

O início de qualquer que seja a profissão revela suas durezas da caminhada até o objetivo. Dizem que a vida é assim, mas não consigo afirmar porque sempre vejo alguns chegando lá sem o mínimo de esforço possível. Enfim, será que esse ator é um desses? Não! Não pode ser. Não me parece ter saído da nata social caduca brasileira, é tão novo. Como posso responder a mim mesmo a partir de uma cena, e ainda a tantas perguntas.

Pelo o que será que passou? Do anonimato ao sucesso é um traçado jamais retilíneo. Existem curvas perigosas durante o percurso e tentações que podem desviar os trilhos de qualquer comandante. Assim como a arte, a vida nos permite viajar nos mais diversos devaneios, entre sonhos e pesadelos, teatros vazios até chegar aos lotados como o daquela tarde.

Volto meu olhar fixo para a história encenada, conseqüentemente para o ator no palco. Observo uma cicatriz abaixo do maxilar, sinal de que a maquiagem não foi bem feita, comparo logo com a realidade em que nada é perfeito. Características de um bom comediante não lhes faltam, quase toda a plateia ri. Mais uma pergunta: será que és sempre assim? Ali é um palco, uma cena, um teatro.

Com um olhar inquieto, movimenta-se serelepe. Acho que terei um torcicolo de tanto tentar acompanhá-lo em suas andanças de um lado para o outro. Deve ter aprendido com a vida corrida em busca por oportunidades. Ouvi de um deles, da classe artística, em algum programa televisivo acerca da dificuldade de achar seu espaço. Ainda bem, fiquei feliz. Entendo que arte nunca é demais, por isso se apresenta por diversos meios, das telas às páginas literárias e sempre imbrincadas umas com as outras.

Olha para as cadeiras lotadas, mas não fixa seu olhar em ninguém. Será que está inseguro? Deve ter se surpreendido por ver tanta gente à sua frente. Vai saber se não é a primeira vez que isso acontece. Aplausos veementes. Terminou a peça. Começa a se formar uma fila gigante para fotos com o ator. Anseio um instante, penso em não fazer parte porque nem lembro mais o conteúdo do que foi apresentado de tanto pensamento distante que me invadiu, mas... decido, entro na fila. Com isso, perdi tempo e me tornei o antepenúltimo.

Depois de horas, minha vez. Assim como na plateia, não entendo muito porque estou lá. Um flashe que eu nem sei de onde veio. Uma voz sussurra: "próximo". Nem olhou para mim, não sabe quem eu sou! Também, eu estava pensando em alguém que não sei quem é! Só conheço daquela tarde, da cena. Pareceu-me cansado e com os olhos doloridos de tanto fechar e abrir incomodados com as luzes das fotos.



DOMINGOS PASCOAL DE MELO

Nasceu no Canto do a mais tempo no município de Groaíras no Ceará é formado em Ciências Jurídicas e Filosofia e pós graduado em Gestão Estratégica de Pessoas. É Jornalista, Escritor e membro efetivo e vitalício das Academias: Sergipana de Letras e Gloriense de Letras, mora em Aracaju Sergipe.

PENSE ANTES DE FAZER E, SÓ FAÇA DEPOIS DE PENSAR

No teatro, tarde nublada de novembro de 2019.

Só há duas formas de fazer errado:

PENSAR e não FAZER, ou FAZER sem PENSAR.

Deveria constituir obrigação universal do homem saber e usar os meios existentes para resolver as disputas e os embates do dia a dia.

Aliás, deveria ser obrigação de todos nós, enquanto agentes da vida, tudo fazer para administrar o conflito, o estresse, a raiva.

São, inclusive, puníveis tais atitudes que voluntária ou involuntariamente levam-nos a gerar no outro qualquer tipo de dano.

A maneira pacífica de agir é aquela esperada por todos. Miseravelmente não é assim que acontece.

Mesmo ao arrepio da lei e da ordem, vamos agindo e reagindo quase sempre sem pensar.

O resultado está aí, nas nossas caras, nas nossas vidas a nos perseguir.

Esta impensada disputa é por que mesmo? Este grosseiro embate, é para que mesmo?

O estresse, o desespero, as agressões injustificáveis, ou não, nos levam para onde mesmo? À desgraça, quase sempre presentes.

A desventura de praticarmos impensadamente certas ações traz prejuízos irreparáveis.

Momentos de raiva nos transportam e nos obrigam a agir e, agir irrefletidamente.

De repente e pronto, está feito. Às vezes irreparável, mas já foi cometido, não há com voltar.

“A raiva cega” é um jargão bastante conhecido.

Quantas desgraças acontecem simplesmente por não termos o devido controle num momento de muita ira?

Imaginemos o nível de desequilíbrio que permeia certos ambientes, às vezes familiares, e acontecem as agressões, os homicídios, os infanticídios, os “feminicídios”.

Porém, somente a título de exemplo, vamos imaginar que naquele momento aparecesse uma luz, num segundo sequer de lucidez, um dos dois tivesse o poder de PENSAR e gerenciar a situação dizendo simplesmente: calma, vamos pensar? E, de fato, pensasse mesmo.

Mas, sabemos que é difícil isso acontecer, nestes momentos de terror, a soberba impera, o desequilíbrio predomina e fica, quase sempre, muito difícil encontrar pouco de sensatez.

Pensem todos: como é que administramos os nossos conflitos, os nossos estresses, as nossas iras, os nossos desequilíbrios?

Aliás, o ideal mesmo era que não chegássemos a eles, sabia?

Pense nisso e, se achar interessante, aprenda a gerenciá-los, antes que aconteça.

PENSE antes de fazer, ou faça, somente, depois de PENSAR.

Uma reflexão, uma boa dose de calma, uma conversa, baixar um pouco a voz, contar até dez, parar, refletir, com certeza é sempre os melhores remédios...

Pense nisso, afinal, TUDO PASSA.



EDEMAR LIMA OLIVEIRA

Licenciado em física - UFS e pós graduado pela mesma Instituição em Direitos Infância Juvenil no Ambiente Escolar. Faz parte do quadro efetivo da rede estadual de ensino, lecionando Física no Centro de Excelência 28 de Janeiro. Casado com a enfermeira Karisa de P. Oliveira. É cronista e já esteve a contribuir com textos de interesse público para sites da região. É proprietário do Curso Fisimat's, entre outras ofertas, tem o curso preparatório para o ENEM nas áreas de Matemática e Ciências da Natureza.

MEU AMIGÃO!

Na jornada da vida temos muito o que ver, pois quanto mais longevidade muito mais a aprender. Percebemos que conhecidos, temos de montão; já os colegas são um grupo reduzido e os fazemos em lugares específicos: no colégio, na vizinhança, no trabalho, na igreja, academia, clubes, etc. Ah! E os amigos?! Poucos na vida de verdade iremos conquistar – o “Tamo junto” do verdadeiro amigo não são palavras vazias, mas um sinal de lealdade e cumplicidade nos momentos de alegrias e frustrações.

É, se pararmos para refletirmos veremos o quanto poucos amigos temos. Agora, caros leitores, um amigão poucos conseguem adquirir. Acreditem eu o tenho! O meu grande amigão é o Gutinha.

O Gutinha é irmão do meu sogro. Quando passei a frequentar a casa dos pais de minha esposa, de imediato me afeiçoei pelo Gutinha. Logo, percebi que sua rotina é bem particular, normalmente se resume em comer, dormir e brincar, mas quando se sente ‘ameaçado”, sabe retrucar.

Ele está sempre a brincar, seja com bola de gude, rabiscando cadernos, ou até com cata-vento procurando a passagem de corrente de ar. Canta algumas modas antigas atropelando as palavras é bem verdade, mas com certa entonação. Quando recebe aplausos fica todo empolgado, e quem não se enobrece quando é ovacionado? Mesmo o Gutinha, que é limitado – por uma paralisia infantil -, fica feliz com atenção, mas se for contrariado busca ter sua razão. São inúmeras as peculiaridades desse dócil e brabo amigão: vive com os bolsos cheios de papéis, cartões, figurinhas e livretos... aí de quem os pegar – sou uma das poucas exceções. No café da manhã não dispensa um café com leite e pão com o que tiver – mortadela, queijo, manteiga- aí de quem esse cardápio alguém ousar em mudar. Na hora do almoço e janta come o que colocar. No final de semana desce do primeiro andar de onde mora com o pretexto de no térreo salgados degustar, quem manda ter o Fabiana Buffet, provocando o seu aguçado olfato, se não fosse imposto limite comeria até cansar.

Curioso é que se viajar não gosta de ver, por muito tempo, veículos e

motocicletas na frente, diz logo que é para passar, pois para ele temos que ser o primeiro a chegar. Da para ver que seria competitivo se o curso da vida motora e mental lhe fora normal, porém quem nesse mundo não é anormal?

O Gutinha tem um senso de justiça que nem todos “normais” conseguem ter. Se brincam de forma amigável com ele, sabe compreender, mas se vem com chacota vai logo se defender. É uma verdadeira gangorra o comportamento dele – amável com quem lhe trata com carinho, mas uma “fera” com quem assim não proceder.

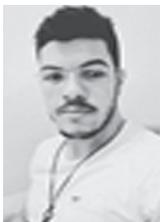
Sua forma genuína de sentimento expressar é que nos faz quando passar dias sem lhe visitar, ver o mesmo com saudades nossa presença requisitar. Se o fomos ao encontro o abraço é sincero e as palavras são imutáveis:

- Quem é seu amigão?

Qualquer um pode perguntar.

E a resposta é de imediato:

-Ué! “O Edimar”!



ELIEZER SANTANA JÚNIOR

Oriundo de São Domingos – Sergipe; Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela UFS; Pós-graduando em Ensino de Língua Portuguesa e Neuro psicopedagogia pela FAVENI; Professor titular de Português, Produção Textual, Literaturas e Arte no Colégio RaulMaster Centro Educacional; Pesquisador em Sociolinguística e Análise do Discurso, encontrou nas letras possibilidades de tornar o mundo um pouco melhor.

COMO NÃO DEVE SER?! COMO?!

É frio, já está anoitecendo, aliás, o tempo sempre foi escuro e obscuro para vocês.

Fico aqui imaginado, pensando, perguntando ao meu inconsciente e ao mesmo tempo me auto criticando: o quanto é difícil ser mulher, né?!

Ser um “ser” tratado como frágil, impotente, incapaz e até mesmo como um segundo sexo. Como não deve ser, né?! Como juntar forças para mostrar as pessoas que vocês são capazes, se são todos e tudo contra você? Só resta buscar força na religiosidade, pois a religião serve para unir os seres, né?! “Confias-te” tanto na sagrada igreja, mas a mesma em um passado distante, ou nem tão distante assim... disse que seus corpos não tinham almas, e até antes disso, a tal bendita e sagrada jogou fogo em suas estruturas físicas, sempre com justificativas de autoridades, pois segundo ela foi tudo em prol da salvação. Como criar forças? Como?

AHHHHHHH!!!! QUER VER COISA SE TEU CORPO FOR NEGRO, PRETO, ESCURO. Como é a sensação de nascer para ser julgada, maltratada, humilhada, ESTUPRADA e vista como errada? Eu, homem, considerado por uma sociedade patriarcal o sexo forte, empoderado, dominante, juro, NÃO SUPORTARIA TANTA DOR.

Como não deve ser fazer as mesmas funções de um homem, quase sempre até melhor, no entanto, ganhar muito menos que ele? Como não deve ser? Como? E vivemos ainda para presenciar países que nem trabalhar vocês podem, dirigir é impossível, muito menos estudar? Talvez nos contos de fadas! Como não deve ser? Como?

Nem adianta buscar força nas instituições que clamam pelo “divino”, porque vocês não terão nada, mas os homens até os pés serão lavados pela “Santa Igreja”. Não seria cômico se não fosse trágico? Não!

Não posso imaginar a quantidade de sangue derramado, muitas Dandaras, Laudelinas, Marias da Penha, Marielles, Chimamandas, Malalas. Só não seja uma Amélia! Não que ela tenha um mau caráter, seja uma infeliz... A coitada

era apenas mais uma vítima desse sistema patriarcal podre, infelizmente mais uma mercadoria que aprovava de maneira involuntária as ideias da sociedade dominante no período. Não sejam Amélias no sentido de aceitarem as imposições que lhes foram colocadas de forma autoritária, um brinquedo, fantoche, que lava, passa, **SÓ NÃO FODE**, já que esses trogloditas não sabem encontrar nem a pia para lavar um prato, imagina o clitóris de Amélia, desse modo, só ele "**FUDIA**", já que o prazer não podia ser concebido pela parte feminina do ato.

Seja sempre resistência!!!!

Esse verbo vocês conhecem de forma empírica desde o começo da humanidade. Deve ser duro nunca respirar, suspirar, sempre ter que resistir, né?!

Feliz dia internacional da mulher? Por que feliz? Vocês têm que se preocuparem com as roupas que irão vestir, com os lugares que vão andar, nem podem ir até o chão ao som do batidão que os monstros já se acham no direito de violarem seus corpos. E se bater o carro, ainda se escuta "só podia ser mulher". Foram 330, 330, 330 contra um, mas esse um se salvou, né, João? João que de deus não tinha nada. Você faz ideia do que é a palavra de 330 mulheres não valerem nada? Até agora "esse um" está "livre" pelas leis ditadas pelos HOMENS.

Só me resta desejar a todas vocês os meus parabéns, parabéns pelos direitos alcançados, pelas conquistas. Sabemos que falta muito, o caminho é longo e cheio de pedras, mas, vocês são fortes, o braço de sustentação da humanidade. Empoderem-se, empoderem-se sempre!



EVISON DA SILVA SOARES

Tem dez anos, estuda o 4º Ano no Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira. É integrante da Oficina Manhã Literária (ASLA), participante da Antologia do II Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados, e IV Encontro Sertanejo de Escritores e Leitores (ISDEL).

O COLAR MÁGICO

Era uma vez um menino chamado Bili. Num certo dia Bili foi brincar com Clara, sua amiga da escola. Clara tinha acabado de chegar de viagem. Enquanto estavam brincando de boliche, na hora de Bili jogar a bola, a esfera negra saiu rolando e Bili foi busca-la, nisso, ele viu uma luz. Curioso, o menino foi ver o que era. E viu um colar, Bili botou o colar e, nisso, apareceu como do nada, um lápis e um papel. Ele pegou o grafite e o papel, colocou encima de um fogão velho e escreveu um texto contando um pouco de sua rotina e das maravilhas da vida que gostaria que acontecesse. Depois, enrolou o papel e o colocou dentro de uma garrafa de vidro, que enterrou lá no quintal. Pensou consigo mesmo: “Quando eu estiver adulto, volto para te desenterrar”, e voltou a brincar com Clara.



FERNANDA SOUZA

Membro do Movimento Via Láctea da Academia Gloriense de Letras, acadêmica em Enfermagem pela UFS, primeiro lugar na categoria conto do IV Concurso Literário da Loja Maçônica e na categoria poesia no II Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe, jovem escritora revelação 2017 pela AGL, medalhista de prata no IV Concurso Arraial Literário do Rio de Janeiro. Finalista no XXXVI FESPOFALE em 2018 e no Concurso de Poesia José Jorge de Itabaiana. Além de ser membro do grupo de poesia “Plêiade Cavalado-cão”, tem textos publicados em várias antologias sergipanas.

CARTA À SOCIEDADE

Desde março de 2020, o mundo vive a pandemia do Coronavírus, uma doença respiratória causada pelo SARS-CoV-2, que teve seus primeiros casos no final de 2019, na China. A rápida transmissão viral e o descuido de muitos indivíduos agravam a situação do mundo, que foi tomado por um misto de medo, perplexidade e insegurança.

O calor humano é arriscado e o comportamento acolhedor do brasileiro é sentença de morte. Amigos distanciados, idosos isolados da família, a mãe sem poder ver o filho, pessoas mortas sendo apenas números no boletim epidemiológico.

Para nós, profissionais de saúde, a angústia é ainda maior, pois o cuidar é exaustivo. O desafio diário na linha de frente amplia-se a cada dia, diante do risco de contágio e elevação de números de óbitos, sem um específico tratamento ou medicamento confiável. Entre a dor de ver pacientes partindo e o resquício de esperança ao assistir a alta dos recuperados, surgem a incerteza, a saudade e o medo de levar o vírus para as nossas casas

Nesse contexto, a pandemia demonstrou, de forma dolorosa e avassaladora, a importância dos profissionais presentes em todos os municípios brasileiros que, há muito tempo, cumprem suas funções com dedicação e competência: os trabalhadores da equipe de Enfermagem. Apesar de sermos invisíveis aos olhos das políticas públicas, nós, enfermeiros, fomos elevados a “super-heróis”, devido aos longos plantões e à resistência na linha de frente.

Entretanto, considera-se uma utopia pensar que a equipe de Enfermagem é composta por seres especiais, sempre resistentes e capazes de desligar a sua corrente emocional, como os heróis da “Marvel”. Embora sejamos instruídos para não deixar transparecer emoções aos usuários e familiares, a “Covid-19” dói, machuca e corrói nosso sangue.

Milhares de pessoas entram e saem desse local melancólico confiando no nosso trabalho. Tentamos fazer o máximo, porém, muitos casos são impossíveis de contornar a situação. É muito triste ver idosos perguntando o porquê de

Deus mandar esse vírus para eles. É um desprazer acalmar uma puérpera que espera conhecer o seu bebê, mas que nunca poderá tocar o seu rostinho. É um desalento quando o paciente os pergunta se irá sobreviver e não podemos confirmar nada, mesmo sem histórico de outras comorbidades. A “Covid-19” é um tapa na nossa cara quando o indivíduo, antes de ser entubado, segura-nos fortemente pela mão, pedindo para ver a família e salvar sua vida. É deprimente reanimar uma jovem que, até ontem, estava bem e hoje não resistiu.

O coronavírus é a lágrima no quarto de descanso, longe dos olhos dos pacientes. Transportamos por muito tempo as sequelas dos sorrisos escondidos, da dor acutilante em ser a transmissão para as nossas casas. Não somos perfeitos, não somos heróis da sociedade, apenas tentamos lidar com os fracassos e a angústia de não poder fazer mais e melhor naquele momento em que é tudo necessário. Choramos em silêncio, já que devemos ser um pilar de força, segurança, confiança e esperança.

Quando contactarem com um enfermeiro austero, com olhar e semblante carregado, questionem-se se não estará a sofrer em silêncio, em vez de o culparem pela sua aparente impotência, haja vista que, muitas vezes, ele pode estar tentando manter seu semblante de pessoa calma, enquanto a preocupação e o desespero estão presentes em seu interior.

Afinal, nós, enfermeiros, não choramos, não nos comovemos, não nos desesperamos, não ali, não na hora. Todavia, quando saímos do ambiente hospitalar, quando entramos no carro ou deitamos no travesseiro, as imagens das famílias destruídas por um vírus viram um trágico filme em nossa mente. A cabeça dói, o coração sangra. Olhamos para nossos filhos e pais, pensando: será você o próximo? Estamos ultrapassando nossos limites, físicos e mentais, em prol de todos vocês. Por isso, por favor, façam sua parte: fiquem em casa!



GABRIEL DOS SANTOS

Mora no Povoado Belo Monte Município de Monte Alegre de Sergipe, concluiu o ensino médio no Centro de Excelência 28 de Janeiro, atualmente cursando Matemática na Universidade Federal de Sergipe e participante do III Encontro dos Escritores Monte-Alegrenses & Convidados (EEMAC).

O MEDO DO ANO NOVO

Era virada de ano-novo, e como de costume, as pessoas festejam, se abraçam e muitas se reúnem em orações agradecendo o ano que passou e pedindo a Deus um ano feliz e próspero. Mas algo me dizia que aquele ano seria diferente, é que eu nunca tinha visto chover na minha região na noite da virada, muitos diziam e eu acreditava que era um sinal de que o ano que entraria seria melhor que o anterior.

Alguns dias depois, surge uma doença num país asiático, parecia inofensiva para nós, os noticiários mostravam o pânico das pessoas daquele país tão populoso e aos poucos se fixava como extremamente contagiante e invencível. O tempo passou e tornava visível o impacto daquela doença, eu achava que nunca chegaria ao Brasil, mas aos poucos esse pensamento se distorcia, pois, a China passava a ser apenas o berço de uma pandemia que começava a se alastrar por todo seu continente e transmitindo também para Europa, encontrando lá vários países despreparados, entre eles a Itália, que teve um crescimento exponencial tornando-se o epicentro da pandemia no mundo. Não demorou muito, surge no Brasil o primeiro caso. Alguém vinha da Itália e trazia consigo um 'presente' para a população, o medo amedrontava todos nós, dúvidas surgiam em nossas cabeças e muitos pensavam que era o fim do mundo, num espaço de pouco tempo já não era apenas um caso, chegava o segundo, o terceiro, o centésimo e, um mês após o primeiro caso, foi decretado isolamento social.

Com abraços tirados de nós, ficar em casa e ter que manter um distanciamento era um desafio, pois tínhamos que trabalhar para ter o sustento e irmos ao mercado fazer as compras, a partir daí a rua se tornava um campo de batalha, a máscara e o álcool em gel eram nossas armas contra um inimigo invisível.

O tempo foi passando e o número de contágio já estava com seis dígitos, milhares de pessoas contaminadas no Brasil, o medo e o desespero tomavam conta de todos, esperávamos uma solução que viesse em forma de vacina vindo do palácio do planalto, mas o palácio parecia "vazio". Enquanto diversos países estavam com mais da metade da população vacinada, parecia que existia solução para nós brasileiros, mas no Brasil não tinha nem 20% da população vacinada e os problemas voltavam de novo, ao mesmo tempo em que o presidente cortava

os gastos e aumentava seus salários.

Hoje, esperamos mais vacinas e mais amor pelas vidas dos brasileiros da parte dos nossos representantes, que eles respeitem cada cidadão brasileiro e que possamos ser vacinados para termos a liberdade de sair sem medo de respirar e de abraçar os amigos e familiares.



GLAUCILANE SANTOS DA SILVA

Foi bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET- Conexões de Saberes - Penedo/UFAL), no qual trabalhou nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão; foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência UFS), atuando no projeto intitulado "Livros infantojuvenis de bairros de Aracaju". Atualmente, é graduada em Letras-Português (UFS).

O QUE É ATUAL NEM SEMPRE É DE TODOS

Mário amava ficar em casa vendo filmes, séries e documentários; interessava-se por história – tanto que era o seu curso de graduação – e pelo comportamento das pessoas em séculos passados, o que fazia com que sempre realizasse pesquisas sobre o assunto. Ele se sentia mais conectado com povos e culturas diferentes e não gostava muito de conhecer a realidade ao seu redor, mesmo sendo muito curioso.

Mário tinha um amigo chamado Igor que vivia fazendo convites para beber, comer ou passear pela orla da cidade, mas ele raramente aceitava os convites. O melhor lugar era a sua casa, o seu quarto, de lá ele viajava pela história e se encantava com tudo o que passava a conhecer.

Para ir à faculdade ele precisava pegar dois ônibus. O 035 ia de sua casa até o Terminal Fernando Campos e o 071 ia do terminal até a faculdade. Como ele se interessava pelo comportamento das pessoas, apesar de preferir o comportamento e hábitos das pessoas de épocas passadas, às vezes, ouvia histórias contadas por passageiros dos ônibus que precisava pegar.

Apesar de não gostar de ser inconveniente, não conseguia deixar de prestar atenção em algumas histórias. Como levava quase uma hora para chegar até a faculdade, conseguia ouvir relatos estranhos e/ou engraçados: o roubo de um gato, o sumiço de um padeiro ou artimanhas de universitários.

Certo dia, voltando para casa, começou a ouvir uma conversa de duas moças que se mostravam revoltadas. Uma contava para a outra sobre um acontecimento que parecia bastante sério. Mário estava distante delas e, por isso, precisava fazer um esforço grande para ouvir.

A conversa se mostrava interessante, conseguiu ouvir algo sobre Instagram e namoro. Ele conhecia essa rede social, apesar de não ter, mas não estava por dentro de nada que envolvia o aplicativo. Havia uma palavra que ele não estava conseguindo entender e, depois de tentar mais um pouco, deduziu que elas estavam falando sobre extorquir. Mário pensou:

— Ah, meu Deus! Coitada dessa moça. Deve ter sido algo bem grave. O que será que roubaram dela pelo Instagram?

Depois de se esforçar mais, colocando a cabeça até um pouco mais para

frente, ele percebeu que uma das moças falava sobre um tal de Pedro que vivia extorquindo uma tal de Mariana pelo Instagram. Essa história se mostrava bem estranha para Mário, ele acabou ficando um pouco assustado e falou em um tom baixo:

— Essas coisas de redes sociais...

Mário não entendia que as moças falavam de stalker e, provavelmente, mesmo que tivesse entendido a palavra, não conseguiria interpretar o contexto, já que aquilo não fazia parte da sua realidade. E essa história, que ele havia entendido de uma forma totalmente diferente, fez com que Mário se mostrasse ainda mais avesso ao que é atual.



HENDRICKSON R. MELO DA SILVA

Mestre em ensino da Matemática, especialista em Educação Matemática, especialista em Formação Docente para a Atuação em Educação a Distância. Dono do site: blogdoprofH.com.

O BREVE TRIUNFO DA MENTIRA

Já faz algum tempo que a mentira descobriu como obter progresso ao se disfarçar de

verdades absolutas por meio de narrativas e definições contraditórias e autoritárias: "Leis naturais". "Evolução é macroevolução". "Evolução é ancestralidade comum". "Existem cristãos iluministas". "Valdenses e Huguenotes merecem morrer por serem rebeldes obstinados". "Livres pensadores e seu gado não são fanáticos e perigosos". "Ciência e religião não se misturam". "Nazismo é execrável, mas o comunismo é fofo e abençoa os trabalhadores". "A Revolução Francesa e a sanha imperialista do papado estão no passado".

A mentira acusa a Verdade, sistematicamente, de pseudocientífica, homofóbica,

racista, tirânica e arrogante, mas se arroga capaz de inerrância enquanto persegue os exhomossexuais, os negros de direita e os criacionistas.

Após sua babelônia de narrativas e definições pseudo-históricas e pseudocientíficas,

autoritarismo papal, metodologia gramscista e sua síntese engeliana, a mentira quase ocupou o lugar do jornalismo, quase redefiniu a ciência e quase extinguiu a genuína religião de Cristo.

Não é mais possível acabar com a mentira, pois ela já se confunde com a própria

humanidade. Prender e matar homens em nome da Verdade, na tentativa de acabar com a mentira é apenas mais um disfarce dela.

A Verdade só tem uma chance — sobreviver neste mundo carcomido pela mentira, e

aguardar que Sua onipresença no restante do universo perfeito, livre da mentira, resplandeça nesse planeta caído e o purifique. Os poucos humanos que percebem a tirania da mentira, inclusive em si mesmos, devem sobreviver. Os que já morreram devem ser ressuscitados, pois todos os que ao menos almejavam a Verdade têm o direito de vê-La em Sua glória universal, em Pessoa; vê-La destronando a mentira aqui na Terra, anexando novamente este lindo planeta ao Seu reino perfeito e eterno.

A Verdade é excludente. Mas Seu amor não persegue, não relativiza, não assassina,

não mente. A Verdade ainda está na Terra, mas Ela precisa voltar à Terra. A Verdade morreu crucificada pelos que professavam ser o povo da Verdade, mas ressuscitou, ascendeu ao Santuário celestial e julga a mentira a qual usurpou Seu trono aqui neste mundo. Assim que a Verdade concluir esse necessário julgamento, Ela virá e destinará a mentira.

Estou tentando sobreviver nesse lindo Brasil que é uma parábola viva deste lindo

planeta cadente. Volta logo, Verdade! Ainda existem pecadores vítimas da mentira, contaminados pela mentira, mas arrependidos e vigilantes que Te anseiam, Te propagam, Te vivem! E quando a Verdade vier, esses guerreiros ensanguentados estarão de pé, leais a Ela, não deitados, prostituindo-se com a mentira em sua cama confortável de traições e obscenidades.

A Terra deixou de ser o lar da Verdade, mas ainda abriga os filhos da Verdade. Por

favor, venha buscá-los, amável Senhora. Já faz algum tempo que a mentira prospera, desde que Adão e Eva optaram por seu governo revolucionário. No entanto, a Verdade reina desde a eternidade, e as páginas da História da humanidade escritas pelas mãos desleais da mentira, sob sua cosmovisão negacionista e hipócrita, não passarão de uma estrofe dissonante dentro da inefável poesia divina, sem começo e fim, escrita pelas mãos da Verdade e Suas criaturas, mesmo as criaturas que deram à luz a mentira e por ela foram geradas. A Verdade, como uma sábia mãe, administra bem Sua casa, não se deixa iludir, disciplina Seus filhos e os distingue, pois os gerou.

Os filhos da Verdade, assim como Ela, sofrerão apenas por um breve período. E,

embora a mentira festeje seu efêmero reino parcial, em breve voltará a inexistir eternamente.



ITLA DENISE DE OLIVEIRA AMORIM

Tem 21 anos, casada, escritora, organista, cursa Direito na (FAPIDE). Participou de projetos como: “A poesia indo à escola”. Tem textos publicados em livros dos I e II Encontro de Escritores Monte-alegrenses & Convidados, III Antologia da Loja Maçônica Contiguiba. Entrou no universo Literário inspirada pelo bellissimo trabalho do Prof. Me. Carlos Alexandre N. Aragão.

OS INVISÍVEIS

Certa noite, estava vindo de um encontro especial e divertido com meus amigos, quando me deparei com um estranho e doloroso caso, o qual mudou a minha vida. Eu já sou acostumado a receber olhares tortos, olhares de pena, palavras que ferem. Estou acostumado a ser inferiorizado, na verdade, essas coisas acontecem com tanta frequência no meu dia a dia que nem discuto mais, apenas aceito a dor de ser negro. Já tentei alisar meu cabelo, descolorir o pelo, nego a minha identidade em forma de apelo. Mas de nada adiantou quando atravessava o campo para chegar à minha casa. Eu nem se quer sabia que ali tinha uma mulher que também sofria no seu dia a dia com a dor de ser mulher e, muito menos, sabia que ela teria sido agredida e estuprada, assim que ia passando, me trancaram, me trataram como se eu fosse criminoso, um animal, mesmo eu falando que não tinha cometido aquela atrocidade. Aquele ano tinha acabado de completar 18 anos. Fui a julgamento. O júri não dava crédito ao que eu falava, eu tinha a impressão que o som da minha voz não era ouvido, mas dentro do meu ser ecoava tão forte que me destruía. Para muitos ali, era justiça. Para mim, uma tremenda injustiça. No fundo, eu sabia que eles só queriam encontrar um culpado e eu era a pessoa perfeita, eu era o negro perfeito. Fui julgado culpado. Pensei, como assim fui culpado? E o DNA? Eu somente passava no momento pelo local. Porque ninguém acredita em mim? Quando cheguei ao presídio pude achar respostas para as minhas perguntas, percebi que o diretor daquele lugar hostil era branco, os carcerários brancos, já os presidiários eu podia contar nos dedos os brancos. Fiquei em uma cela de 30 homens, tendo apenas 10 camas. Identifiquei-me com muitos, não pelos crimes, mas através do lugar onde morávamos, da invisibilidade e vulnerabilidade que vivíamos. Cumpri uma pena que não era minha, além de sair e enfrentar todo o tipo de negação possível, pois eu era negro e ex-presidiário. No entanto, sai com a certeza de que lutaria, pois agora eu poderia mudar o que conhecia.



IZAQUE VIEIRA DOS SANTOS

Nasceu na data de 8 de fevereiro de 1980 na cidade de Monte Alegre de Sergipe, interior do estado. É Professor, Músico e Escritor. De origem familiar humilde e Protestante, sempre foi incentivado pelos pais a estudar e através de muito esforço concluiu o E. Fundamental no Colégio Estadual 28 de Janeiro em 1996, e o E. Médio e Técnico na Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão SE, atual IFIS, no ano de 1999. Também cursou e concluiu cursos de Graduação em Letras em 2009 e Graduação em Biologia em 2018. Possui ainda uma Pós-Graduação na área de educação. Iniciou ainda muito jovem na atuação de organização social e produção em áreas de comunidades da Agricultura Familiar, Camponesa e Quilombolas tendo importante atuação no Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e no Projeto Dom Helder Câmara, onde além de prestar Assistência Técnica em diversos assentamentos da Reforma Agrária, realizava trabalhos voltados a organização de grupos de jovens com a implantação do projeto “Baú da Leitura” entre outras atividades. Durante os anos de 2013 a 2015 esteve à frente da Secretaria Municipal de Agricultura, tendo como principais conquistas a Criação do Conselho Municipal de Meio Ambiente e desenvolvimento e conclusão do Plano Municipal de Saneamento Básico. Sendo um apreciador da cultura e história, desenvolve um trabalho particular sobre a História da Casa da Olinda, é um dos membros fundadores da ALAS (Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano), também faz parte dos membros fundadores da Banda Sertão Roots e é integrante da Comissão organizadora do Encontro de Escritores de Monte Alegre. Atualmente, leciona aulas de Português e Biologia na Escola E. Profª Clotilde Peluso na cidade de Santo André no Estado de São Paulo. Também é membro integrante do Movimento Reggae Sergipe, no qual busca fortalecer os trabalhos e projetos de bandas sergipanas em meio à crise da pandemia.

MANOEL MONTE OS “MONTE” EM MONTE ALEGRE



A nossa história acontece antes mesmo dos anos 20 do século passado onde a grande seca de 1919 que devastou a região, reduziu as populações a uma indescritível penúria. Os assaltos a mão armada se sucediam numa crescente,

tanto nas estradas quanto nas fazendas e vilarejos e esse era o panorama vivenciado pelos sertanejos naquela época.

Assim como Lampião, Monte teve uma vida marcada por revolta, injustiças e perseguições, porém uma característica o diferenciava de todos que era a questão de não se “misturar” com estranhos em nenhuma hipótese.

Antes mesmo de acontecer alguns episódios que ficaram bastante conhecidos para população local e regional, Monte era até visto como um cidadão pacato e trabalhador no Povoado Monte Alegre Novo, e seu passado até então era muito desconhecido por todos.

Porém, após acontecer alguns crimes em Carira, na Baixa do Gado, onde lá residiam diversos parentes de Monte, a paz foi quebrada definitivamente na Fazenda Riacho do Cachorro e região, incluindo o povoado.

Por essas bandas ele residia na Fazenda Riacho do Cachorro e certo dia foi a Carira, visitar a companheira que se chamava de Dona Flor (Fulô) e seus filhos em um lugar chamado “Baixa do Gado”. Chegando lá, Monte encontrou a filha de 04 anos e a esposa assassinadas cruelmente e da pior forma possível.

Além de matar a Dona Flor e a filha, o assassino, frio e calculista agiu cruelmente tirou a pele de algumas partes do corpo, esticou e pregou na porta da casa.

O filho de Monte de 09 anos, “Beijo”, que estava no momento do crime, foi baleado em um dos braços e só não morreu por que conseguiu fugir e subir em uma árvore para se esconder. O ferimento deixou o menino deficiente do braço.

Assim que encontrou o pai, Beijo contou quem teria cometido aquela atrocidade.

Ao saber de tudo que havia ocorrido, Monte enlouqueceu de ódio e jurou vingança. Exterminou o 1º criminoso e partindo daí outras mortes foram acontecendo se tornando uma verdadeira guerra entre famílias.

Para esquentar ainda mais a revolta, sem ter culpa de nada o pai de Monte foi baleado em uma emboscada, e a revolta da família foi geral.

Monte juntou os irmãos, e dois amigos de Monte Alegre formando um grupo de 08 pessoas e saíram em perseguição aos seus inimigos exterminando todos em Carira. Após uma série de acontecimentos em um longo período de sua vida, Monte e seu grupo viviam sempre escondidos no mato.

O desentendimento foi com a família dos Guedes, sendo que os motivos eram questões ligadas a herança.

Esses crimes trouxeram pânico para o povoado, que ficou bastante visado pela Volante que procuravam pelo Vingador e seu grupo e em muitas situações os soldados por sua vez torturavam algumas pessoas para dizer onde era o esconderijo, mas não conseguiam êxito. Chegaram até a prender a outra esposa de Monte (Dona Jardelina) filhos e filhas que residiam em Monte Alegre, na

tentativa de obter informações, mas nada conseguiam.

Durante anos sendo perseguido pelas autoridades, o amigo e Compadre, Lima Buraqueiro conseguiu convencê-lo a se entregar. Um advogado da família dos Britos de Propriá, compareceu para defendê-lo e Monte passou apenas alguns meses preso. Acabou sendo livrado por falta de provas. Seus irmãos e os demais também foram soltos, isso ainda no ano de 1928.

Livre da justiça, Monte veio morar com família na sede do Povoado, onde feliz e arrependido de tudo viveu por alguns anos (12 anos). Tempo depois ficou doente e confessou-se, recebendo a comunhão das mãos do Padre José Bruno Rocha.

Monte veio a falecer no dia 22 de setembro do ano de 1940.

Monte era um homem sério de caráter e de verdade para enfrentar os fatos sempre com a verdade em qualquer situação, em qualquer tempo.

O grupo de Manoel Monte no Povoado Monte Alegre Novo:

Os irmãos: Manoel Monte, Chiquinho de Monte, Camilo, André, Elias e João

Os amigos: Zé pombinho e Casco de Cúia

Apesar de uma tribulação imensa na vida por conta das lutas contra a Volante e seus inimigos, sua fazenda era muito prospera, e ano após ano aumentava seu patrimônio.

O mito:

Monte ficou bastante conhecido por conta da atitude e coragem sendo que muitos diziam que ele tinha muita sabedoria mística.

1. Monte tornava-se invisível. Certo dia quando viajava a cavalo com carga de farinha em meio aos soldados, só conseguiam vê um garoto que era o próprio Monte;

2. Com a família presa, a Volante foi incendiar a casa da Fazenda Riacho do Cachorro e no ato, não se sabe por quem, receberam em massa um banho de pimenta moída. Isso impediu a ação dos soldados que voltaram aos "berros" espirrando para a sede do povoado;

3. Indo com uma carga de bananas, com a aproximação da Volante, Monte soltou o cavalo e transformou-se em um toco de madeira, com uma penca de banana na cabeça. Os soldados não comeram por que temiam que as bananas estivessem envenenadas, sendo uma armadilha;

4. Um homem foi pago para mata-lo, no ato do tiro, saiu água do cano da arma. Monte se aproximou e o pegou pelo braço, balançou e disse: "Você é um tolo! Leve o dinheiro, dê comida a sua família e nunca mais tente outra dessa". O homem ficou tão arrependido e com medo de morrer que chorou e pediu perdão e Monte concedeu o perdão.

As companheiras de Manoel Monte:

Além da Dona Flor de Carira com quem teve 02 filhos, em Monte Alegre ele ainda teve 11 filhos com a Sr. Jardelina. Ele também tinha uma outra esposa em Poço Redondo chamada Dona Sabina, que ainda teve mais 06 filhos.



JEAN MARCOS DA SILVA

Nasceu em Aracaju em 1992, mas foi criado no povoado Lagoa Redonda, em Porto da Folha-SE. Foi vendedor de picolé, morador de rua e trabalhou na feira municipal de Monte Alegre-SE pegando “frete”. Formado em Ciências Sociais pela UFS-Campus São Cristóvão-SE em 2018. Atualmente é professor efetivo de Sociologia da rede estadual de Alagoas, ensinando em Batalha-AL.

CARTA À NAÇÃO

Cidadãos e cidadãs do Brasil! Venho por meio desta defender uma classe de imprescindível importância para a nação brasileira, que ultimamente vem sendo difamada, caluniada e vilipendiada no direito de exercer suas funções: a classe dos corruptos.

Antas caolhas da imprensa têm publicado diariamente espalhafatosas e sensacionalistas matérias que visam menosprezar a atividade que desenvolvemos e que é de suma importância para este país: a corrupção. Esses monstros carnívoros da imprensa não percebem que sem nós este país nada seria. O que faria a Polícia Federal sem os corruptos? Pior, o que seriam dos honestos sem nós? Perderiam sua bandeira de combate à corrupção.

Aqueles que nos criticam por escondermos dinheiro nas nossas partes íntimas não compreendem que o fazemos para não sermos roubados, pois a violência é gritante e assustadora e nem mesmo os mais ilustres colegas corruptos (deputados, senadores, e etc.) estão isentos da mesma, prova esta de que somos como o povo, de que sofremos como o povo. Tal qual o povo, temos sempre que, no cotidiano, criar estratégias de fugir da bandidagem, que ameaça o fruto do nosso trabalho.

Aos que ferem a integridade dos corruptos do serviço público eu os digo: os nossos nobres companheiros não podem ser o Judas do Sábado de Aleluia da nação (esse papel deve ser dos honestos). Sabemos muito bem que os nobres companheiros ganham mixarias como servidores públicos e por isso têm o direito de tirarem uma vantagzinha.

Não aceito o disparate de sermos acusados de nepotistas, pois nós apenas valorizamos a família, a instituição mais sagrada que existe (depois da Comissão do Orçamento). O que é pior: contratar minha mulher, meu filho, meu cunhado, minha sobrinha ou deixá-los desempregados? Respondam-me, suas antas irresponsáveis! Nossos parentes também são cidadãos e merecem trabalhar!

As propinas e as fraudes nas licitações são necessárias, pois sem elas não conseguiríamos pagar nossas dívidas de campanha. Sem a propina, cidadãos e cidadãs, os servidores públicos (os que são nossos companheiros) não conseguiriam um dinheirinho extra para comprar a casa própria, ou um carro.

A propina movimenta e aquece a economia. Quando nós parlamentares queremos aumentar nossos salários já nos taxam de avarentos, oportunistas, só nos restando fraudar as licitações e cobrar propinas.

O que seriam das eleições sem as compras de votos? Seriam apáticas, desinteressantes, o povo não exercitaria sua democracia. A compra de voto movimenta a economia, pois com o dinheiro o povo compra eletrodomésticos, alimentos, roupas e, infelizmente, jornais (que só deveriam informar o jogo de bicho, da mega-sena, trazer o resumo das novelas e a previsão do tempo). Sem a corrupção o povo não é de nada.

O que seria do Brasil sem o jeitinho brasileiro, sem a corrupção? O Brasil deixaria de ser Brasil. Seria a Suécia, a Noruega, o Canadá, mas não seria mais o Brasil. Estas infelizes antas caolhas da imprensa querem acabar com a identidade nacional.

Por fim, brasileiros e brasileiras, quero dizer que devemos estar unidos para preservarmos a corrupção, essa linda flor que exala seu agradável aroma por todo o Brasil. Quero também dizerlhes que nas próximas eleições votem em corruptos. Nós não pediremos os vossos votos, nós compraremos.

Atenciosamente,

Corrupcêncio Praga Ferrado Brasil Senador da República



JILBERTO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Formado em Letras (Português) pela UFS e Pós-Graduado em Linguística do Texto pela UFRJ, é professor aposentado da Rede Estadual de Ensino, atuou em Regência de Classe por 26 anos e exerceu o cargo de Coordenador Pedagógico de Ensino Médio durante 3 anos e 8 meses no C. E. José Joaquim Cardoso, em Malhador, Sergipe.

O CLANDESTINO

Sentou-se sob o telheiro. Passou a mão na espessa barba que cobria o rosto magro. Os pelos invadiam quase tudo acima do pescoço, deixavam apenas olhos e nariz de fora. Nem a boca se mostrava. Estava na hora de pedir ao barbeiro para dar uma aparadinha. Riu-se dele mesmo, pois velhos fatos vieram-lhe à mente.

Fincou o olhar perdido em algum ponto do horizonte. Buscou encontrar algo em que seus olhos se fixassem além do cinza das serras ao longe. Foi em vão. Não havia nada de novo, a não ser a miragem da desalmada que subia na imensa soalheira. Ficou assim...

A boca secou-se. Foi à cozinha, pegou dois cravos da Índia e os colocou na boca. De volta à cadeira de balanço, pôs-se a mastigá-los. A saliva ardida provocou-lhe uma crise repentina de tosse. Isso sempre ocorria, mas como o hábito era antigo, acabava se esquecendo e repetia tudo no dia seguinte.

Antigo também era o amor de sua vida. Aliás, tudo nele era velho. Tornou-se um museu ambulante. Vivia envolto em um mundo que há muito se acabou. Olhou para a parede e viu as fotos dos filhos que cresceram enrabados à saia da mãe no Rio de Janeiro. Na sala, móveis desgastados, da época em que se casou com aquela ingrata.

Desde que a mãe das crianças – agora homens feitos – decidira permanecer no Rio, ficou ele aqui sozinho, remoendo solidão, vivendo de sonhos e saudades. De homem vaidoso, mudou o perfil. Deixou crescer a barba, adquiriu hábitos meio que esquisitos. Um deles, mascar cravo pelo menos duas vezes ao dia; o outro, chupar balas de hortelã todas as tardes.

Porém, o que dava muito assunto para a vizinhança era o vício de que ele tinha de ouvir rádonovela. Principalmente, uma tal Direito de Nascer. Perdia um tempão ao pé do rádio. Bem, ele foi o primeiro daquelas redondezas a possuir um desses aparelhos. Comprara no Rio quando se aposentou. Era um luxo. Ligava-o em volume máximo praticamente o dia inteiro e ouvia de tudo. Precisava estar sempre bem informado.

A várzea se enchia de sons e tagarelice dos locutores. Os vizinhos? Bem, como não possuíam tal privilégio, aceitavam de bom grado. Muitos antecipavam o horário do almoço só para ouvirem, de onde estivessem, o Informativo Cinzano, depois vinha o Pergunte a Silva Lima. Diretamente da Várzea para toda a região, as ondas do rádio se expandiam e nunca lhe impuseram barreiras nem censura.

Estranhamente, tornou-se popular. Por onde passava, ouviam-se cochichos: “É o Zé do Rádio!”

O rádio de Zé revolucionou os costumes rotineiros dos matutos da Várzea. Todos sabiam que Roberto e Erasmo Carlos faziam parte de uma “onda” chamada de Jovem Guarda e, por isso, eram comuns as expressões como “É uma brasa, mora?”, “Você é um brotinho!” entre tantas outras do momento.

As portas do ermitão abriram-se para o povo da região. Com a abertura, facilitada pelo rádio, vieram coisas boas e coisas más. Entre as boas, veio a empregadinha. Menina nova. Dos Seus vinte anos. Duas vezes por semana ela aparecia e deixava a casa de Zé um brinco.

Ele, na vida de sempre. Cadeira de balanço, balas de hortelã, cravos da Índia e rádionovela. Vez ou outra ia a Malhador, de onde trazia um monte de correspondência: jornais do Rio, cartas dos filhos ou dos camaradas. Era normal que viessem também várias caixas de charutos dos bons. De preferência que fossem da marca Havana.

Nos últimos dias, andava nervoso. Esbravejava quando ouvia os noticiários do rádio. Não os de Sergipe, mas os do Sudeste. Era fácil sintonizar as estações do Rio e de São Paulo, bastava trocar de faixa e, ouvia-se de tudo. Na hora do noticiário do Sul, que ninguém falasse com ele, pois só tinha ouvidos para as notícias. Eram frequentes as pancadas em cima da mesa e, repetidas vezes, gritava: “São uns patifes!”. “Todos eles são patifes!”. E ia deitar mal-humorado.

Há poucos dias, quase perdeu a empregada. É que a danada da moça deu em fazer perguntas inconvenientes. Querendo saber disso e daquilo; coisas que ele não contava para ninguém. Fato que aumentava o mistério em torno dele. Com raiva, disse-lhe algumas palavras de forma áspera, mas se desculpou depois, caso contrário, perderia a limpeza da casa e as roupas lavadas.

Naquela quinta-feira, jantou e, após a Voz do Brasil, ouvia os noticiários do Rio enquanto fumava um Havana sentado na cadeira de balanço. Nisso, um barulho de automóvel. Pisadas firmes e, abruptamente, deram de pé na porta, jogando-a ao canto escangalhada.

“Finalmente, pegamos a velha raposa em seu covil!”

Após gritarem: “Mãos pra cima!” e “Deite-se de costas!”, puseram-no as algemas, seguraram-no pelos fundilhos e apontaram a viatura e, para fazê-lo subir depressa, deram de bico no traseiro, fazendo-o cair acamado no interior do veículo.

Naquele momento, no rádio, começara um programa com músicas de que ele muito gostava de ouvir.

Deram marcha à ré, o carro partiu. A casa ficou aberta e solitária. Apenas a canção que era executada no rádio quebrava o silêncio.

De longe, era possível ouvir um trecho daquela canção que, coincidentemente, chamava-se Triste Partida.



JOSÉ ALAN PEREIRA LEITE

Natural de Poço Redondo — SE, bancário, pós-graduado em Finanças Corporativas, Auditoria e Controladoria, atualmente morando em Gararu- SE, escritor de horas vagas. Autor dos livros: Gonçalo e Memórias de um SerTão. Iniciante no mundo as antologias, participou em 2020 da Antologia de Poesia e Prosa e VIII Prêmio Literário “Escritor Marcelo de Oliveira Souza” e do III Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe.

DIÁRIO DE UM SOLTEIRO

Me sinto cansado, como se um caminhão bi trem tivesse passado por cima de mim, olho no celular e são apenas 19h28min ouço um silêncio incomum lá fora, talvez se explique pelo fato que ouvi sirenes de ambulância e carro de polícia passando há alguns minutos, os quais me fizeram acordar. Imagino que deva ter havido algum acidente que paralisou o trânsito temporariamente. Por que temporariamente? Essa ausência de barulho é tão incômoda para a vida que me causa certa agonia. A vida é feita de movimentos, de vai e vem, de passos nas calçadas, de gritos nos corredores, de gemidos que ouvimos e não sabemos de onde estão vindo. Silêncio é uma dor que nos tranca por dentro e nos acorrenta por fora. Tenho medo dele, de não saber seu próximo movimento. Vou até a janela do meu apartamento e observo o silêncio, sinto-me observado por ele, começo a sentir uma elevação da minha temperatura, um calor me queima a pele, passo a língua nos lábios e os sinto ressecados e esforço-me para senti-los úmidos e a garganta parece travada. Os carros voltam a passar e o silêncio é jogado para longe, não o sinto mais me observando.

Deito novamente, mas não consigo dormir, mesmo assim tento ficar deitado, apesar de que o corpo já me pede para levantar e me ganha pela fadiga. Preciso mesmo é de um banho. Me livro das cobertas e vou direto ao banho vestido como vim ao mundo é assim que consigo dormir livre de qualquer amarração física. O chuveiro parecia que já me esperava na temperatura ideal, bastante quente, para sentir o ardor na pele. Não contei e nem observei o tempo que fiquei ali comigo mesmo e a água aquecida me aliviando as tensões. Não tenho pressa. Pelo menos não agora. Estou rejuvenescido! Falando assim pareço um daqueles velhinhos que jogando cartas com amigos na tardezinha, se sentem mais vivos após cada partida vencida. Não. Não tenho esse vício ainda, talvez nem consiga um dia tê-lo. Meus vinte e três anos completados há uma semana ainda me permitem ser rejuvenescido pela água aquecida e uma dose de uísque. Afinal, preciso me atualizar do que o sábado à noite será capaz de me proporcionar. “O jantar estar pronto é só esquentar” me dizia o whats da minha Fairy Godmother. Parece meio gay, mas foi assim que registrei seu nome na agenda do telefone, de fato é o que ela faz, pois não só cuida do meu

apartamento, mas de mim também.

Olhos outras mensagens e nada muito interessante. No grupo da faculdade 5 mil mensagens. Tá de brincadeira que eu vou ler tudo isso. Vou para a última e vejo se me interajo. Nada, uns emoticons dando dedo. Deixo para lá. No grupo da família, um bom dia, boa tarde e boa noite solitário de uma tia distante, sozinha no vácuo de 190 pessoas membros do grupo. Parei um instante para analisar e tentei imaginar ela toda empolgada, dando o seu bom dia logo as 06:40 da manhã e passando o restante da manhã olhando quem teria interagido com ela. Ninguém, nem a tarde e nem a noite. Triste. Não a conheço, mas quis me solidarizar com aquele vácuo tão grande. Marquei o bom dia dela e respondi: Bom dia, boa tarde e boa noite. Certamente ela estava com o celular na mão olhando aquele grupo, pois foi momentâneo ela mandou um emoticom sorrindo. Se fosse num filme certamente a imagem focaria nela e talvez até uma lágrima a escorresse por um dos olhos, quem sabe até pelos dois e com seu coração palpitante balbuciaría alguma palavra indecifrável. Pronto desencadeei no grupo uma sequência de boa noite de todos os lugares, não conseguia ver nada de tanto tremer o celular na minha mão. Rapidinho mais de 50. Não sei se fiquei alegre ou triste com tudo aquilo, mas foquei em outra rede social, buscando uma alternativa para o restante da noite.

Muitos eventos e poucas opções. Como assim? Meio louco isso. Do tipo que me encaixaria, pois sobrar num evento é das melancolias mais chatas de serem sentidas. Ou vai se embora logo ou enche a cara e faz merda no final. E com certeza esta última quase sempre é a opção que realizamos. Temos essa tendência em fazer merda, mesmo sabendo que o certo num momento deste e dar meia volta e sair se esgueirando e ir embora, insistimos. E o resultado? Quase sempre o mesmo, uma merda de entupir qualquer vaso sanitário. Mas para que falar disso agora? Acho que encontrei o lugar certo para ir. Envio uma mensagem e aguardo a confirmação. Enquanto isso como alguma coisa em pé mesmo com o prato na mão. O celular avisa que chegou alguma nova mensagem. Sei que não é dos grupos, pois os mantenho silenciados, e ninguém precisa saber disto. Confirmação recebida. Estou indo. Mas ainda preciso me vestir não dar pra ir de toalha a qualquer lugar. É uma boa vestimenta, mas para hoje não. Ou seria? Não. Deixemos esses pensamentos em hibernação temporária. Vamos ao básico essencial que não lhe falha nunca, calça e camisa preta. Certo e seguro. Confiável eu diria. Arrumada no cabelo, aquele perfumezinho infalível e pronto. Estamos prontos.

Me despeço aqui. Se não houver outro registro, certamente me ocorreu algo que me impossibilitou de continuar.



JOSÉ JOELIO DOS SANTOS

Nascido no dia 09 de setembro de 2000, na cidade de Nossa Senhora das Dores. Filho de José Roberto dos Santos e de Maria dos Santos. Participou da Antologia do III Encontro de Escritores Monte-alegrenses & Convidados.

A DOR

De repente um jovem de apenas 18 anos para, pensa na vida, dá uma volta no tempo, relembra um pouco de quando era criança, de como tudo era lindo, maravilhoso e divertido não se preocupava com absolutamente nada, sempre contava com o amor e o carinho de seus pais, mesmo sendo um pouco distante de seu pai, mas que sempre o amava.

Anos se passaram e ainda permanecia com essa lembrança na mente sem ter intenção de retirá-la. Nem sempre o que é perfeito dura a eternidade, mas também o errado não pode ser certo, permanecendo no erro, por mais que seja difícil nós nunca podemos desistir e falar que “não podemos”, “não somos capazes” e etc. Às vezes a vida nos dá oportunidades e a gente não sabe dar valor, não sabe zelar, dar carinho e amor. Esse jovem viveu sua infância como qualquer criança. Ele brincava, tinha seus amigos e era sempre um garoto bondoso, por mais que a relação entre seus pais não fosse tão boa quanto o imaginava, sempre andava com um lindo sorriso no rosto, mas só que com o coração despedaçado. Fazia de tudo para que fosse um mar de amor entre eles, mas nada dava certo.

O rapaz foi crescendo e foi entendendo que quando um casal se casa com muito amor e em determinado tempo esse amor é frustrantemente acabado por qualquer capricho entre o casal. O certo não é ficar insistindo e sim cada um viver sua vida, um distante do outro, mas tendo um grau de amizade. Assim, os filhos crescem sabendo o que é amor de verdade e não o desgosto de ver seu próprio pai tirando a vida de sua mãe, foi uma terrível cena que jamais esse jovem vai esquecer.



JOSÉ NUNES SANTANA

Monte-alegrense, filho de Valdemar José de Santana e de Eliete Nunes Santana. Em 1968, ingressou na rede estadual de ensino como Professor do Grupo Escolar José Inácio de Farias. Assumiu, em 1975, a direção da Escola de 1º Grau João Joaquim de Santana, licenciou-se em Ciências do 1º Grau (Licenciatura Curta), UFS. Em seguida, diplomou-se em Pedagogia pela FESPI, foi diretor da DRE'01, Estância-SE. Ingressou na política como vereador de Monte Alegre de Sergipe. Atualmente, é Membro Efetivo da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS), Cadeira nº 31. Em 2018, publicou seu primeiro romance “Os Desamparados”.

A BOTIJA

Cutia Assada era um lugarejo nas proximidades do Rio da Onça. Um dia chegou um homem ainda novo, aparentando ter trinta anos de idade, montado num cavalo alazão e parou debaixo duma jaqueira frondosa, no meio da pracinha do povoado, onde havia um grupo de pessoas conversando. Era um homem alto, forte, bem trajado e com um chapéu de baeta na cabeça. Estava precisando de uma informação. Queria saber quem tem uma fazenda para vender aqui nas proximidades.

O Zé de Tenório foi logo pedindo que o homem desmontasse para a gente conversar direito.

- Como é sua graça?

- Hernandes - disse sorrindo. Achou interessante a expressão sua graça, em vez de seu nome.

O Zé andou com o homem até uma esquina, há cerca de cinquenta metros, e mostrou a sede da fazenda que seu pai tinha para vender.

Hernandes comprou a Fazenda Piranhas de Tenório Almeida. Mudou-se e começou a trabalhar, comprar mais terra e incorporar à fazenda, criar gado leiteiro, gado de engorda, caprinos e ovinos. Logo o homem começou a dar emprego para muita gente do povoado e região.

Os negócios da fazenda cresceram. Sempre estava saindo boiada, atravessando o rio e indo para outras terras. As pessoas gostavam muito de seu Hernandes. Ele dava emprego, era agradável e tratava bem as pessoas que trabalhavam para ele.

Seu Hernandes chamou os pedreiros e fez uma reforma na sede da fazenda. E, segundo ele, para descansar, construiu uma área quadrada, toda em pedra, cinco metros de altura e cinco em cada lado. Mandou cobrir, trouxe um portão de ferro e colocou três cadeados. Não fez acabamento na fortaleza. Apenas mandou forrar o piso com areia do rio e colocar dois armadores de rede. Dizia aos curiosos que ele gostava de se deitar na rede e colocar os pés na areia. Apenas ele, às vezes, com uma moringa na mão, entrava no local.

O povo de Cutia Assada, não tendo muito o que fazer, começou a olhar que

seu Hernandes, um homem rico, não tinha uma mulher. Nunca se interessou em casar-se. Havia alguma coisa errada. Um homem de boa aparência, novo, aparecer assim do nada, comprar a melhor fazenda da região, vir morar nela e não ter uma família. Tinha dona Lúcia que trabalhava para ele, e também não era casada. Lúcia sofreu uma decepção com um homem que arranjou e não quis mais um relacionamento. Ela era quem tomava conta da casa. Aí, não deu outra, começaram a dizer que ele não gostava de mulher, devia gostar de homem. As pessoas mais sensatas, um grupo menor, diziam que era melhor deixar a vida do homem. Raça perversa! Deixe o homem viver do jeito que quiser! Foi apurado que ele também não gostava de homem. Um tangedor de boiada informou que ele saiu de Catanduva, sua terra em Alagoas, inimigo mortal de seu irmão: ele insinuou que Hernandes transava com homem. Pegou a herança deixada por seus pais e veio se estabelecer em Cotia Assada. Com essa informação que o povo desocupado passava de boca em boca, ninguém ousava triscar no assunto nem um tiquinho. Isto é, não tocava na frente dele, mas por detrás sempre havia alguém falando. Pra completar, chegou aos ouvidos dos desocupados que a filha de seu Doca, fazendeiro vizinho, foi à casa do homem, esfregou o sexo no bigode dele e pediu que resolvesse o problema. Ele apenas sorriu e se desvencilhou da moça sem dizer uma palavra.

Certa vez eu, ainda rapazinho, presenciei um grupo de pessoas falando no assunto. Em casa, perguntei a meu pai se existia esse tipo de gente. Ele rindo disse que nesse mundo tem gente para tudo. Anos depois, um professor me disse que esse é um comportamento assexual.

As pessoas olhavam demais a vida do homem. Cada uma dentro de sua visão de mundo. Um dizia que ele estava enricando ligeiro demais; outro olhava que ele estava ficando velho e não tinha ninguém para deixar a herança; outro se ocupava em dizer que ele estava enterrando dinheiro. O certo é que não se sabia o que ele fazia com tanto capital apurado da venda de gado e outras rendas da fazenda.

O tangedor chefe era da confiança do homem. Certo dia ele trouxe um envelope fechado com a inscrição em mãos, para entregar a seu Hernandes. Em casa, a mulher bisbilhoteira tinha um envelope igual. Escreveu igualzinho ao que havia no envelope do homem: "Em mãos".

Abriu e leu:

"Aguardo sua vinda. O ouro já está comigo. Um abraço. João Calisto."

A mulher fechou o envelope e, logo no outro dia, contou ao irmão que o homem estava enterrando ouro. Quem disse? Tenho certeza. Do mesmo modo ele saiu contando aos amigos e, quando alguém questionava, a resposta era: tenho certeza.

A conversa se cristalizou, criou asas, e saiu de porta em porta no povoado a informação que o homem comprava ouro e enterrava.

Um dia, já velhinho, seu Hernandes adoeceu gravemente. O Luizão e dona

Lúcia começaram a se preocupar com a saúde do patrão. Acharam que não deviam arredar o pé nem um instante de perto do homem. Não podiam deixá-lo morrer sozinho: eles eram as únicas pessoas que o enfermo possuía, apesar de não terem nenhum parentesco.

Luizão quis viajar para Panelas, cidade grande mais próxima. Precisava trazer remédio, ou um farmacêutico, ou até um doutor que passa remédio para ajudar o homem a se levantar. Não podiam deixá-lo morrer à míngua. Ele tinha dinheiro para pagar tudo. Entretanto, seu Hernandes disse que não, não precisava, ia demorar uns cinco dias para essa gente chegar. Não dá tempo. Estou sentindo uma dor aqui dentro, e apontava para o peito. A respiração está ficando curta. Lúcia chega para perto. Seu Hernandes está morrendo. Traz uma vela. O homem tenta falar. Não consegue. Vira a cabeça. Num esforço descomunal aponta para uma maleta que está em cima do baú. Lúcia vai, pega a maleta e traz para cima da cama. O homem faz um sinal com a mão. Ela entende. Abre o malote. Ele tenta falar, mas não consegue. Luizão tentando adivinhar, tira um envelope de dentro e põe aos olhos do homem. Ele sinaliza que entregue a Lúcia. Ela o joga para um lado da cama e faz com que as duas mãos de seu Hernandes segurem a vela.

Num esforço descomunal, ele olha para Luizão e anuncia:

- Debaixo da rede.... É seu...

Hernandes fechou os olhos e não falou mais.

Dentro do envelope havia um documento escrito à mão, e reconhecida a firma em cartório, deixando por morte, a Fazenda Piranhas para Lúcia da Silva Fonseca Leão.

Lúcia chama Luizão e diz que ele continuará trabalhando para ela, como trabalhava para seu Hernandes.

Luizão não foi olhar o que havia debaixo da rede. Ora tinha medo, ora não acreditava nessas coisas, ora achava que o homem estava tresvariando.

A conversa se espalha de boca em boca, e várias pessoas do lugarejo não falam em outra coisa: arranjar um jeito de pôr a mão no dinheiro e no ouro que o homem deixou enterrado.

Maria Homem se aventurou a ir sozinha tirar a botija. Conseguiu muito bem atravessar o rio remando sua canoinha. Amarrou-a numa árvore, tirou a lanterna e clareou a casa onde seu Hernandes descansava. E viu um grande animal, no formato de um macaco, ficando em pé igualzinho a um macaco; mas tinha uma diferença: de cada olho saía uma lavareda de fogo, e caminhava de lá pra cá, e dizia que "você vai comigo".

A pobre Maria Homem desceu o rio na canoinha desgovernada e foi parar a mais de cinco léguas de distância. É bom lembrar, légua das grandes.

Cotia Assada passou vários dias rindo da situação de Maria Homem que, segundo contou o pessoal da canoa que a salvou, ela estava com o vestido todo rasgado e a bunda de fora. E mais: ninguém sabe até hoje como ela foi

rasgada.

Reuniões e mais reuniões, entre pequenos grupos diferentes, foram feitas para discutir como tirar a fortuna enterrada. Numa dessas, com quatro homens de coragem, Bacabal, sujeito forte e corajoso, ficou o tempo todo calado. Apesar de sempre alguém pedir sua opinião, ele nada dizia. Na saída convidou Manezão para conversar: achou que era melhor dividir tudo para os dois. Não tem boquinha não. Vamos deixar essa raça só conversando. Coisa bonita. Uma porção de cagões reunidos, sem coragem de enfrentar o perigo na hora de tirar a botija. Isso é o que o povo diz: muita assombração aparece. Bacabal falava e Manezão concordava, dizia que era uma fortuna para os dois. Mas Manezão quis saber se ele havia combinado com o pessoal que vai pra lá atrapalhar. Essa é a questão central.

- Você não abre para nada do outro mundo? - quis saber Manezão.

- Você não me conhece?

E como o outro ficou em dúvida ele acrescentou:

- A gente tira a botija na base do custe o que custar.

Os homens aproveitaram um dia em que o Luizão havia viajado: podia ser um perigo, o homem podia reagir, ele morava por ali e podia despejar a repetição em cima deles.

Põem um caibro grosso encostado na parede. Bacabal começa a escalada. Um som estranho chega até eles. Pedras começam a sair das encostas e se cruzam no ar. Isso é assombração, dá para subir. Uma enorme pedra redonda vem rolando, Manezão se livra, sai em disparada. A pedra bate no caibro, Bacabau cai e sai em disparada. Chega em casa com a língua de fora. A mulher se aproxima e pergunta pelo ouro. Ele não fala.

- Ah, você trouxe merda!

Ele diz:

- Isso não.

- Foi, homem, você está todo cagado!

Dias depois, uma meia noite, Hernandes apareceu em frente a Luizão e disse: "Não tenha medo, cave debaixo da rede, é sua herança".

Luizão, logo no outro dia, foi e cavou um latão plástico de 15 litros com dez quilos de ouro em barras.

Luizão fez as contas e viu que havia quatorze anos que o homem enterrava ouro. Um dia depois que João Pedro nasceu, a leiteira desapareceu. Ele lembra bem porque ficou pensando que o homem ia despedi-lo, logo numa época difícil. Até estranhou o homem não dizer nada. Ele não perdoava quem carregasse alguma coisa da fazenda.

Pode acreditar!



JOSÉ PEDRO FILHO

Tem 22 anos, natural de Nossa Senhora da Glória- SE é músico e amante da leitura e escrita. Atualmente alterna sua moradia entre Aracaju e Monte Alegre de Sergipe. Foi membro do projeto “A Poesia indo à Escola”, “De Mãos dadas com a Poesia”. Ganhador do I Festival de Poesia Falada da Baixa Verde e coautor da III Antologia do Encontro de Escritores Monte-alegrenses & Convidados.

O PERIGO DO BELO

Sentíamos o cheiro dela. O barro molhado acordava-nos com um bom dia esplendoroso! Era um sinal que por mais vir, mudaria todo aquele cenário de rosto velho e roça vermelha. Eu, pequeno menino ainda, ouvia as crianças mais velhas planejando visitar aquela imensidão de água que estaria cheio após o quarto dia... Quem dera, eu com 5 anos apenas, não poderia segui-los, mainha não deixava.

Quando criança sempre fui de adoecer por qualquer motivo e ela dizia que eu não sabia nadar, mesmo que incessantemente eu falava que tinha aprendido nos filmes, por isso só podia ficar na calçada em tempos bons como esses -por enquanto... Sempre nos dias de chuva faltava à luz elétrica, o candeeiro que todos os dias era esquecido, tornava-se a principal atração. Em volta dele enquanto os milhares de pingos faziam música no telhado esburacado, dançávamos e passávamos o dedo no meio da chama – eu era o rei do fogo.

Mas o melhor era quando a doce menina dava um pequeno intervalo e permitia que nós saíssemos da casa. Entre as negras nuvens dava para avistar todos os pontos branquinhos que a escuridão proporcionava a nós - só não poderia contá-los - pois criaria verrugas no corpo.

Durante o dia, logo após o jardim de infância, as ruas não asfaltadas, davam espaço para nossas guerras de lama, comicamente, sempre fui o café com leite de todas as partidas e sempre saía com o cabelo embaraçado de terra, mãe brigava sempre, mas valia a pena o esforço que ela fazia para limpar-me - acho que foi por isso que começou a raspar meu cabelo.

Assim foram nossos dias durante quase toda semana, não sentimos falta do que antes se fazia presente, aqueles momentos só aconteciam pouquíssimas vezes ao ano... Eu, com minha vontade de ir um pouco mais além, acabei cometendo um pequeno “errinho”. Mas a semana estava acabando e talvez não tivesse outra oportunidade tão certa.

Os meninos se reuniram para ir ao tanque, aquele que hoje nem existe, mas parecia o mundo de tão grande, e eu sabia como enganar minha mãe para por minhas aulas de mergulho em prática. Enquanto ela concluía os afazeres de casa, aproveitei para pegar a chave silenciosamente, nunca achei que poderia andar

nas pontas dos pés, mas consegui! Corri mais rápido que a chuva que caía no meu rosto, cada passo que dava, mais de tudo aquilo crescia. Não esperei, logo mergulhei com os meninos... Ali vi a Anna, Zé e outros, chamaram-me para ir um pouco mais fundo. Aliás, por que não? Só não imaginava que a mais bela imagem ficasse turva a cada passo que dava em direção ao coração daquele imenso tanque, continuei enquanto podia, mas os outros podiam mais, então quis ser como eles...

Cada vez, mais e mais. Era só segurar a respiração e voltar, mas me dei conta que não tinha tido um bom professor, aliás, nenhum. Quando me deparei, já não conseguia por minhas pontas dos pés no chão, assim como há 10 ou 15 minutos tinha feito para enganar minha mãe... Daí ouvi um silencioso grito e logo após um puxão no meu braço, parece que eu não a enganei como tinha achado. Que bom! Nos seus braços, a vi chorar, dizia ela berrando que seu irmão mais novo tinha morrido nas mesmas águas e que não podia perder-me também, logo naquele mesmo lugar que não pôde salvá-lo como me salvou.

Durante o caminho para casa, me falava que o inverno e tudo aquilo era belo. Porém, a mesma que vinha como esperança poderia cegar-nos, como tinha feito comigo, e me proibiu de ir novamente para aquele lugar, enquanto pegava um cipó fino – em casa conversamos melhor! Até hoje não deixei de gostar da água, chuva e tudo que me faz lembrar dessa época, mas agora sei que até o mais belo pode ser perigoso.



LUCIANO ACCIOLE GOMES

Nasceu em Aguada -Carmópolis- Sergipe. Reside na Comunidade de São José da Caatinga- Japarutuba, desde os 04 anos de idade. Formado em Letras-UFS, é professor das Redes Estadual e Municipal. Um poeta? um Cronista? um Contista? Acciole ainda não publicou oficialmente nenhum livro, mas adianta que escrever alimenta a alma.

O MENINO DO CABELO DE SOL

Ele, o quinto filho de Zé Francisco e Dona Dedé, cresceu ao lado das irmãs. Logo, deu a senha maldita, ou mesmo bendita!

O menino foi crescendo pregado na barra da saia da mãe. Com sete anos, já não abria mão de escondido, brincar com as bonecas de pano das irmãs.

Desde que se conhecia como gente, sempre fantasiava costurar as roupas das bonecas. E fez muito isso. As irmãs foram as primeiras a entender que Jessé tinha jeito para coisa. Logo tinha passe livre para brincar com elas. No início, a mãe ainda encrencou, mas logo viu que aquele menino era mesmo estranho. “Diacho de menino difícil. Eu digo! Boneca, não! É mesmo que dissesse, fio brinque de boneca, viu?”

Dona Dedé nunca tocou no assunto com o marido. Sabia quem tinha em casa, sabia que Zé era brabo. Difícil de tanger! O jeito foi se aliar as meninas para defender Jessé.

O pai vaqueiro de mão cheia, chegava em casa, sempre já no escuro, e saía ainda no breu para o curral do patrão. Pouco via as armadas do menino, mas no fundo sabia que estava sendo castigado.

Quando o pai chegava em casa, o cheiro sempre chegava antes. Parecia que aquele odor já estava encruado nele, afinal já era mais de vinte anos que não largava o rabujo de bosta do curral de Mané Boi.

O tempo passando, os filhos crescendo, e Zé Francisco tinha mal tempo de ver Cronos passando a mão nas molduras de suas crianças. Lembro que implicava com o mais novo, e sempre dizia que mãe tinha culpa no cartório do filho ser daquele jeito.

Quando completou quatorze anos pintou o cabelo de louro. Aí deu a porra! Queria por que queria ser como a modelo da televisão, aquela apresentadora! Não perdia a hora da descida na nave. Nessa altura do campeonato, o pai já tinha lavado as mãos. A pintura nos cabelos até que tinha ficado boa! A mãe ria daquela “lourice” artificial.

A roda do tempo andou, e a doença bateu na porta avisando que as coisas mudariam naquela família. Já doente, seu Zé saía pouco do quarto, deitado na cama, às vezes se pegava rindo das maluquices do seu caçula. A casa cheia de

netos era a plateia certa para aquela criatura dar o seu show particular. Daquele jeito, com aquele cabelo parecia o moleque, um anjo, com os seus cabelos de sol.

Já com dezessete anos, ele resolveu ajudar nas despesas. Cismou que queria trabalhar em um salão de beleza. E conseguiu. Fazia de um tudo, lá! O dinheiro era pouco, mas ajudava na compra dos remédios do pai. Com a morte do patriarca as coisas dentro de casa se agravaram ainda mais. As irmãs, aquelas éguas parideiras, encheram a casa de sobrinhos. Para um time de futebol, faltava pouco.

E ele, Jessé, continuava na lida. Tempos depois abriu o seu próprio salão. Logo, viraria a sensação da cidade.

Celebrado pela magia das suas mãos nos cabelos das madames, o mago continuava engraçado, sua veia cômica despertava nas pessoas uma sensação de inocência e de leveza, e nos fazia lembrar aquele Zacarias lá dos Trapalhões. Adorado pelas irmãs e sobrinhos, era ele o homem da casa, o palhaço, o tio brincalhão que continuava a imitar com perfeição as estrelas da TV.

Mas isso ficou para trás. Os cabelos dele, hoje continuam dourados, só que agora tudo está nublado.

Ele agora mora em um casebre, numa vila próxima a casa da mãe. Falar em sua mãe, morreu ano passado. Aí as coisas mudaram rapidinho. Cena humilhante foi sua própria irmã expulsá-lo de casa. Sim, a irmã mais velha! Zaninha e os filhos agora fazem tudo para agradar o Barba. O Barba? Ah, ele é o mais novo marido da primogênita nojenta. Cansou de dizer que não suportava o cunhado. O pistoleiro mais famoso das Alagoas era homofóbico e violento.

Aí Jessé não durou dois meses debaixo do mesmo teto do endiabrado, e mudou-se. Tinha sua profissão. Fome era que não iria passar. Ele era cabelereiro e dos bons!

Foi então que o tempo nublou para sempre! Há dois anos, o cabelereiro mais famoso das redondezas teve uma crise, baixou hospital. Passou quatro meses internados, os médicos não deram jeito! Voltou cego, minha irmã! Não se sabe se foi do açúcar no sangue, ou de tanta química que usou nos cabelos das madames.

Se pelo menos a velha Dedé tivesse viva, não iria deixar o caçula chegar naquela situação. Da pena, dele!

Vive deitado na cama, o tempo todo, olhando para infinito. Seus olhos vendem tristezas, da sua boca ainda sai algumas pérolas, principalmente quando os sobrinhos vêm visitá-lo. Mas isso acontece raramente. Quase ninguém aparece, o coitado vive esquecido.

Na casinha, ao lado da padaria, no Beco do Santo, a TV sempre ligada, geralmente no SBT. Ele tem fixação por novelas mexicanas, e por Sílvio Santos. A casa vive cheia de gente, aliás, para ele é gente, sim, as suas bonecas! Espalhadas

pela salinha, elas enchem todos os espaços. São as suas meninas, conversa o dia todo com aquela gente de plástico. Conta histórias, chora, e cuida dos cabelos de cada uma, num sem fim frenético. Uma foto desbotada se destaca ali:

Jessé, menino, no colo da mãe. Sua cabeleira longa e dourada nos faz lembrar o nosso tempo de criança. Ontem, cheguei lá de tardezinha. A porta e a janela escancaradas. Ele, abraçado com uma das bonecas, dormia o sono de um anjo. Difícil saber ali, a sua cabeleira dentro da cabeleira da boneca, formavam um só sol. Da TV, uma música de um comercial me fez entortar as emoções.

“Gosto muito de te ver leozinho...caminhando sob o sol...” Saí na pontas dos pés! Não queria acordar o sol...



LUCIENE DE OLIVEIRA

Escritora de contos e crônicas desde a adolescência, a jovem também utiliza a escrita como uma ferramenta útil para desenvolver e apresentar seus trabalhos científicos. Participa de projetos de pesquisa desde o Ensino Básico, nesse período foi bolsista Pibic Jr/FAPITEC, pesquisa que lhe rendeu o prêmio João ribeiro. Atualmente, Luciene é acadêmica em Psicologia, na academia ela está desenvolvendo sua terceira pesquisa científica, além de ter realizado um projeto de Apoio Pedagógico. Tem experiência com trabalhos científicos, tendo apresentado seus trabalhos em congressos nacionais e recentemente publicou um de seus trabalhos em uma revista da área de Psicologia da Saúde.

O BRINCAR DE VIDA: A VIDA DE BRINCAR

Era um dia ensolarado como de costume nessa região, o dia aqui não se apressa, tem um ritmo distinto dos outros lugares. As experiências também são distintas, aqui se vive intensa e lentamente cada instante. E assim, em meio a essa intensidade e acaloramento, ponho-me a observar uma figura que chamou a atenção desde que cheguei nesse local.

Um ser de pouco mais de trinta quilos, com quase um metro e meio de altura, perto dos nove anos. O sol queimava fortemente sua pele, mas ele nem sentia ou não se importava mais com a ardência. Andava de um lado para o outro carregando objetos que o pai ordenava, às vezes, o peso de tais objetos eram maiores que o do seu corpo, então, começava a empurrar ou a arrastá-los.

Quando o sol começou a se pôr as atividades estavam encerradas, hora de ir para casa e descansar. Mas não para a pequena criatura, nesse momento, a criança pega algumas das palmas que estavam na cocheira e se senta. Em seguida, de posse de uma faca começa a cortar as palmas, mas não estava cortando para alimentar os animais. Era diferente, estava fazendo cortes precisos e aos poucos, vai surgindo uma forma e depois outra, e mais outra. Tomei a liberdade de me aproximar um pouco mais e visualizar o que estava sendo feito.

No primeiro momento, já abri um sorriso largo, meus olhos lacrimejaram um pouco. Mas mantive certa distância e não falei nada, não queria interromper aquele momento. Estava observando a minha infância no brincar daquela criança. Ele construiu a partir de palmas sua própria fazenda. Fez o carro de bois, os próprios bois para puxarem o carro, vacas, um cercado feito com pedras, com papelão ele deu forma a uma casa. Pronto, construiu sua própria fazenda.

Feito isso, começou suas atividades na fazenda, colocou grãos de milho no carro e seus bois puxaram até o outro lado do cercado. Nessa parte de sua localidade haviam muitas ovelhas, mas ele preferiu seguir adiante – essas ovelhas foram compradas por sua mãe na feira – ele usa como figurantes em sua

fazenda, prefere os animais que ele deu vida. Percorrido o cercado das ovelhas, defronta-se com o curral de suas vaquinhas verdes e gosmentas (por serem feitas de palma), o objetivo é alimentar as vacas. O garoto assume a frente dos bois, parando-os, em seguida, descarrega o carro de bois, depositando o milho no chão para alimentar suas vacas. Em uma parte menor do curral estão os bezerrinhos, o garoto desloca sua mão até lá e faz carinho nos filhotes falando:

– Sua mamãe tá trabalhando, mas nestante ela volta. Ela vai dar comida e lamber vocês.

Depois de alimentar seus animais, é hora de levá-los ao tanque para beber água. De repente, o garoto congela. Percebeu que o seu tanque não foi construído, mas não há problema sem solução para a imaginação e a criatividade. O menino corre até o cocho com uma caneca em mãos, volta com ela transbordando de água. Coloca a caneca no chão e vai ao quintal, volta com uma escavadeira e começa a cavar o buraco para o seu tanque, pensa alto e fala:

– Acho que o tanque é muito pequeno, vou fazer uma barragem!

E assim o garoto se põe a dirigir a escavadeira, com toda a potência que a máquina possui ele tenta abrir um buraco, mas, infelizmente, constata que o solo está muito seco e tal empreendimento será difícil. Por que não fazer chover? Assim, o solo vai ficar umedecido e facilitará a abertura do buraco. Em questão de segundos surgiu uma chuva torrencial, o impacto foi grande naquela região, o fazendeiro ficou satisfeito. Em cinco minutos conseguiu realizar a sua obra. Pronto, já podia matar a sede de seu rebanho.

Começou a escurecer, o garoto estava no seu tanque observando seus animais, quando sem avisos, um estrondo irrompe o momento de contemplação. Mas de onde estava vindo esse barulho? O menino olha de um lado ao outro e não vê nada. Bruscamente, sente o chão tremer, a cada dois segundos o chão estremecia. Preocupado com seus animais, o garoto junta todo o rebanho e coloca de volta no curral, tendo o cuidado de fechar o colchete para eles não partirem. Feito isso, o barulho ficou mais próximo, sendo possível reconhecer aquele som. Era uma voz. Uma voz familiar. A voz se aproxima e exclama:

– Juninho! Eu já falei para você não ficar no meio do mato quando anoitecer! Tá cheio de raposa, cascavel, escorpião e muriçoca. Bora! Cuide em entrar! Você pode aprontar a vontade quando eu tô na roça trabalhando, mas agora eu cheguei. Venha cá, deixe mainha te dá um xero. Vou fazer a janta antes que seu pai tenha uma “bilora” de fome.

E assim, encerra-se a contemplação dessa cena. Vendo a vida no brincar e o brincar sendo vida. Talvez, em algum momento, entendamos que “crescer” não é sinônimo de envelhecer o ser brincante que reside em cada criatura humana. Por enquanto, somos povoados de breves instantes de visitaçã o e rememoração de alguns momentos de alegria e leveza desse período que nunca termina chamado infância. Agora, gente grande, o brincar é substituído pelas “obrigações” do ser adulto. Que seja esse um novo brincar, por que não?



MARIA GORETE DE MACEDO LIRA

Natural de Picuí/PB, graduada em Pedagogia, com especialização em Educação de Jovens e Adultos; Coordenação/Supervisão Pedagógica e PROEJA. Professora da rede municipal de ensino e Tutora do Curso de Pedagogia na Universidade Paulista UNIP, se arrisca no mundo da poesia, tendo participado de algumas antologias com poemas, contos e crônicas e publicado, de forma independente, 13 folhetos de cordel.

A INVASÃO

Sentados à mesa, esperávamos ansiosos o momento de saborear a galinha torrada, vítima de uma raposa que tentou matá-la, mas que fora “salva” pelo meu avô que gritara alto, jogara pedras, sei lá o que, de forma que a pobre vítima escapou do canino mas, devido aos graves ferimentos que sofrera, recebeu como sentença uma facada na jugular; uma panela de água fervente para facilitar o arrancar de suas penas; o esquartejamento de seu corpo e, por último, sal, pimenta e colorau, no fundo de uma panela.

Era um dia de sábado em que meu pai havia ido à feira na cidade e meus avós paternos, como recompensa pelo “ato heroico” que meu avô cometera no dia anterior, foram convidados para nosso banquete, pouquíssimo comum naquele dia da semana, principalmente pelo fato do dono da casa estar ausente.

Ao redor da mesa quadrada, sentavam-se meus quatro irmãos mais velhos, meu avô e eu. Minha avó mexia a farofa para nos servir, enquanto dava mais uma fervida na carne da penosa, cuja gordura se derretia e exalava um cheiro que penetrava por nossas narinas e atiçava, cada vez mais, nossas barrigas famintas. Minha mãe, que ainda estava de resguardo, tentava fazer dormir o menino-novo, haja vista que também precisava se alimentar.

Neste momento, todos os meus sentidos disputavam o primeiro lugar: pelo olfato eu sentia um cheiro do manjar dos deuses, que se misturava ao da fumaça do fogão à lenha; meus ouvidos se encantavam com o leve e harmonioso chiado de graxa borbulhante; meu paladar, enfatiado por uma semana inteira de feijão com rapadura, juntava-se à língua e produzia xícaras de saliva, que eram engolidas, enquanto meus olhos não desgrudavam da minha avó que se revezava entre a panela e o alguidar, minha mão sedenta apertava minha vazia barriga, que insistia em roncar.

- Está pronto! - Falou minha avó, colocando no meio da mesa um alguidar cheio de feijão macassa enfarofado, enquanto volta ao fogão para pegar a deliciosa galinha, sem que antes separasse o melhor pedaço e guardasse para meu pai, quando chegasse da feira.

De repente, todos os olhares se voltam para a porta da sala de onde soa um “Ou de casa”, seguido por mulheres de longas saias coloridas que descem

de seus cavalos magros e adentram, sem pedir licença, nossa frágil porta, indo direto à mesa e arrebatando nossos pratos: era um bando de ciganos, pessoas de muitíssima má fama no meu tempo de criança e de quem os adultos de minha família contavam história horríveis, fazendo-me tremer de medo, até mesmo quando ouvia falar de suas existências.

Ficamos todos extasiados, exceto meu irmão mais velho que, no auge dos seus treze anos, sentiu-se no direito de fazer o papel do “homem da casa” e tentou enfrentar o bando, chegando a se armar com uma estaca que arrancara da pequena cerca que servia para estender roupas. Debalde... conseguiu apenas trocar desaforos com uma das ciganas que aproveitou para cobri-lo de pragas.

Meu avô, um septuagenário que de tão pacífico chegava a ser ingênuo, pediu às mulheres que tivessem piedade de todos nós, principalmente porque sua nora estava de resguardo. Ao ouvir esta frase, eu quase desmaiei, pois consegui lembrar de um folheto de cordel que fora lido lá em casa, cuja história narrava o roubo de um menino, chamado, Jovelino, por um bando de ciganos. A estas alturas eu segurava, com as duas mãos, uma por cima e outra por baixo, meu pequeno prato de ágata, presente de minha avó, cuja capacidade não excedia a três colheres de comida. No entanto, ao relaxar um pouco pensando no possível sequestro do meu irmão mais novo, deixei que a cigana me tomasse o prato e jogasse a comida na boca, toda de uma vez. Que cena horrível! As mulheres arrebatavam os pratos de nossas mãos, comiam feito bichos, enquanto falavam uma língua estranha que, não sei se por medo, nenhum de nós entendia,

Oh, desgraçadas! Conseguiram encontrar até o pedaço de galinha que minha avó guardara para meu pai! Pegaram do pequeno resto de farinha da lata preta, meteram na panela de graxa, juntaram o caldo de feijão, fizeram uma farofa e amarraram em um pano, para comer mais tarde.

Em meio às cenas que para nós pareciam de terror, entra um senhor maltrapilho e mal cheiroso que se apresentou como o chefe do bando, a quem com os olhos cheios de lágrimas, meu avô suplicou que retirasse aquelas mulheres de nossa casa, haja vista que já haviam saqueado toda nossa comida:

- Vocês estão deixando um casal de velhos, um monte de crianças e uma mulher de resguardo, com fome. Pelo menos nos deixem em paz! – Disse meu Avô.

Dando prova de que seu grupo, apesar de tudo, também possuía um código de ética, o homem acenou para as mulheres que, a essas alturas, pressionavam minha avó para que lhes dessem algumas galinhas. Obedientes ao comando do chefe, foram saindo, uma a uma, pela porta da cozinha, de cabeças baixas; rodearam a casa, em silêncio; montaram seus animais e seguiram estrada afora.

Diante do exposto creio que a fome foi esquecida. Traumatizados, tudo que queríamos mesmo, era esquecer aquele fatídico episódio. Quanto

ao meu avô, talvez envergonhado pela demonstração de passividade, usou o argumento de que, por está sentado de costas para a porta da sala, as ciganas aproveitaram para lhe jogar um feitiço e assim o deixar sem ação. Olhando piedosamente para minha mãe, uma mulher de resguardo que precisava se alimentar bem, falou disfarçando um leve sorriso: - É Comadre, parece que a galinha não era nossa, mesmo. Bem que eu podia ter deixado a raposa a comer.

E no fim da tarde, ao voltar da feira, meu pai nos encontra eufóricos, cada um querendo lhe contar sua versão dos fatos. Ouviu a minha mãe e a cada um dos filhos, sem esboçar nenhum comentário. Por último, ouviu meu avô, que repetiu, ainda envergonhado, tudo aquilo que tanto me impressionara.

Por questão de respeito ao seu genitor, meu pai baixou a cabeça e foi cuidar de seus afazeres.



MARIA JOSÉ SANTOS BARNABÉ

Amante das letras e trabalhos manuais, é graduada em Letras/Português pela Universidade Federal de Sergipe, graduada em História pela Universidade Tiradentes, especialista em Didática do Ensino Superior e Novas Práticas no Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade Pio Décimo. Costuma escrever cordéis, poemas, biografias, crônicas e paródias. É professora efetiva na Rede Municipal de Ensino no Município de Capela e na Rede Estadual de Ensino.

NEM O MEL, NEM A CABAÇA

Era uma noite de lua cheia, no silêncio ouvia-se até o farfalhar das folhas. Um homem voltava do trabalho, era foguista de uma usina de açúcar e largava à meia-noite. Os caminhos da Usina Oiteirinhos até a sua casa eram estreitos e ladeados por mata fechada e pastagens. De posse de uma foice ao ombro e uma cabaça cheia de mel de engenho, Seu Mané Sinhô fazia aquele percurso tranquilamente todas as madrugadas cantarolando e evitada assobiar pois assobio a noite chama cobras.

Em determinado ponto do caminho, percebeu que estava sendo seguido, assim, foi apressando o passo. Notando que não mais estava sendo seguido, chegou a pensar que era fruto da imaginação, então diminuiu o ritmo dos passos, o coração voltou ao normal. Caminhando suavemente, camisa aberta, brisa acariciando o peito e o rosto, galo cantando longe. Ia absorto em pensamentos vãos, quando sentiu um arrepio em todo o corpo levantando a cabeça, divisou um vulto semelhante a um grande cão sentado à beira do caminho. O bondoso viajante solitário não teve escolha: tirou a cabaça, que era um peso e com certeza atrapalharia a corrida, não pensou duas vezes e crash! Jogou com força a cabaça de barro cheia de mel ainda quente no cão gigante e debandou a correr.

Nessa correria, percebeu que o canino o acompanhava por dentro da mata. Num misto de medo e coragem, o foguista, que residia em uma fazenda do mesmo dono do Engenho Oiteirinhos no qual trabalhava, conseguiu chegar ao terreiro de casa esbaforido e aliviado. Uma pequena cadela, o aguardava abanando a cauda e com latidos de alegria. Porém, dessa vez, Chorrinha não latiu e juntamente com o seu dono entraram de costas em casa, ambos arrepiados.

A esposa, indagou o motivo daquela gritaria, pois seu Mané, ao chegar em casa, dava apenas cinco batidas na porta. Então, ele narrou todo o acontecido chegando à conclusão que um lobisomem o seguiu. Pela manhã, tanto na fazenda quanto no engenho, o comentário era que o patrão havia sofrido um ataque e estava muito machucado. Inesperadamente, a família do Seu Mané Sinhô recebeu ordem para desocupar, de imediato, a fazenda do Sr. Miguel, o lobisomem.

Assim, Seu Mané ficou sem o mel, sem a cabaça e sem o emprego.



MARIA LUZINETE FONTENELE

Nasceu em Piracuruca-PI, no ano em que aconteceu o golpe militar no Brasil e faz aniversário no dia dedicado ao samba. Tem orgulho de ser conterrânea de Roberto Müller, singular cantor brega-romântico. Foi professora, é bibliotecária e mãe do Igor e do Yuri. Quase se afogou uma vez, já virou um carro outra e, talvez por isso, não gosta de dirigir. Escreve cordéis e contos e não gosta de ir sozinha ao cinema. Adora longas conversas e nunca percebe quando alguém está afim dela. Escreve sobre o que acredita e gosta, e gosta desconfiando de muitas coisas.

PERFUME NO AR

Há mais mistérios entre o céu e a terra do que a vã filosofia dos homens possa imaginar.

William Shakespeare

Ao cantar do galo, eu já estava de pé. Era preciso chegar cedo à cidade para que meu pai pudesse cumprir a agenda de negócios. Contudo, dada a minha pouca idade, esse fato não era tão importante para mim. Aquele sábado, dois de dezembro de 1974, era o dia do meu aniversário de 10 anos e eu estava na casa da fazenda, onde passava as férias. Durante o período letivo, eu morava com meus avós na cidade e eles costumavam fazer a festa do meu aniversário, com bolos e muitas brincadeiras, por isso acordei ansiosa. Queria reencontrar minhas amigas, que sempre estavam presentes e se divertiam muito. Uma brincadeira, em especial, era muito aguardada por mim: a de fazer teatrinho a partir da leitura dos folhetos de cordéis, os quais tinham no acervo do meu avô.

Naquele tempo minha família ainda não tinha carro próprio. Fazíamos nossos deslocamentos da fazenda para a cidade, e vice-versa, como era feito o transporte da maioria das pessoas da região: em um “pau-de-arara” (caminhão com os bancos de madeira na carroceria e cobertura de lona), que transportava, de forma coletiva e com pouca segurança, mais de 20 passageiros por vez. Esse transporte ‘fazia horário’ somente duas vezes por semana. E não era aos sábados. Assim, tínhamos de buscar alternativas se quiséssemos ir à cidade.

Meu pai, um homem apaixonado pela família, também era um visionário: um empreendedor que, além das diversas atividades típicas da fazenda, também arrendava uma pedreira (mina de extração de pedras rústicas) para um empresário local, o qual extraía e fazia o beneficiamento das pedras, como a britagem, que era usada principalmente em construção de casas. A extração era feita durante a semana e o transporte aos sábados. Enxerguei aí a

possibilidade de poder ir para a cidade, aproveitando-me daquela carona.

Não foi fácil convencer meu pai daquela ideia, mas, sabendo que o caminhão que levava as pedras da empreitada sempre tinha vaga na cabine, usei desse pretexto, bem como do motivo da minha festinha de aniversário, para persuadi-lo e deixar-me ir.

Com as despedidas feitas, seguimos. O percurso deveria ser de uma hora por uma estrada vicinal de chão batido e, após, mais uma hora em BR. O caminhão era novo, isso estava à vista. O motorista era moço e bem recomendado pela boa experiência na atividade, assim como também nunca foi presenciado nada que desabonasse a conduta do mesmo - esse detalhe fez toda diferença quando meu pai aceitou o meu pedido.

Durante o trajeto, a conversa rolava solta entre meu pai e ele. Falavam de coisas diversas, entre elas, a qualidade das pedras e da diversidade de produtos que poderiam ser feitos a partir delas. A estrada que dava até a BR era bem deserta. Não eram vistas casas ou pessoas transitando por ali e, assim, o silêncio e a monotonia reinavam quase absolutos, sendo quebrado pelas vozes deles mesmos naquela cabine de caminhão ou pelos pássaros cantantes daquela mata ainda quase virgem. Eu, absorvida pelos meus pensamentos, ignorava a conversa, pois estava mais ligada na minha boneca nova, que apesar de pequenininha, enchia o bolso da minha jardineira de calça comprida e remetia-me para uma visão fantasiosa de como seria minha festinha e as brincadeiras que faríamos.

A viagem seguia tranquila e já estávamos quase atingindo o topo da imensa ladeira quando fomos tomados por um grande susto e pelo medo do perigo. A citada ladeira ficava no meio do trajeto. Eu costumava chamá-la de "precipício", porque era muito alta, extensa e tinha uma curva acentuada no meio da mesma, que a tornava mais desafiante para os motoristas com pouca experiência. Nunca entendi porque a ladeira se chamava "Benefício" e não 'precipício'.

Em um determinado momento, o carro perdeu a força dando sinal que iria descer. O motorista não era "marinheiro de primeira viagem", contudo, tentou várias investidas de manobras com o volante e não teve êxito. Alardeou-nos que estava sem freio. Apelou para o que podia, mas o carro não respondia. Naquela ladeira enorme, se o carro descesse da altura de onde estávamos, fatalmente não sobraria, sequer, uma "alma viva" para contar a história.

De repente, ouvimos um grande barulho, que foi identificado como de pedras que caíam da carroceria. E, inexplicavelmente o carro foi descendo bem devagarinho, a ponto de o motorista tomar uma decisão. Ele olhou para o meu pai, e com muita segurança na fala, ordenou que ele fosse rápido e preciso para sair daquela boleia do caminhão e, antes disso, que ele me auxiliasse para eu sair dali também, pois certamente não seria possível manter o carro por muito tempo naquela situação, o que indicava um problema maior.

Diante desse apelo por uma tomada de atitude ágil, meu pai não teve

dúvida: Levantou as mãos para o céu, implorou por graças e pediu que eu fechasse os olhos e pulasse rapidamente, procurando cair com os pés no chão e de pernas meio dobradas. Pulei. E vi que o meu pai fez o mesmo, inclusive quase caiu por cima de mim.

Já no chão e, ali abraçadinhos perguntei ao meu pai se ele tinha quebrado algum perfume com ele, ou algo parecido perto de nós, pois um cheiro muito forte de perfume parecia nos embriagar. Meu pai concordou comigo, mas achou que fosse coisa do calor da emoção ou da minha fértil imaginação. Não sei calcular por quanto tempo ficamos agachados ali, até sermos interrompidos por um grito, que mais parecia um eco. Era do motorista que perguntava, de longe, se estávamos bem.

Certos que só tínhamos apenas alguns arranhões, enchemo-nos de coragem, levantamo-nos e ficamos conversando sobre o episódio. O motorista aproximou-se e disse, completamente impactado, o que tinha acontecido após nossa descida. Com voz trêmula, descreveu que as pedras foram se afastando lentamente, caindo do carro e, como em um efeito dominó, agrupavam-se na estrada e davam passagem ao carro. Relatou ainda que um estado de letargia dominou seu corpo por alguns minutos enquanto ele sentia o caminhão descer lentamente, sem nenhuma interferência dele. Explicou que sentiu uma “força superior” manobrando aquele carro, de tal forma, que seria impossível para um profissional realizar tal façanha. Meu pai, um homem temente a Deus, pediu que fizéssemos uma oração de agradecimento pelo livramento sucedido

Logo após, decidimos que o carro e a carga ficariam ali, ao pé da ladeira, até poder serem pegos depois.

O sol já ardia nas nossas costas e, por isso, não podíamos ficar ali parados. Resolvemos, então, andar a pé, os três, por aquela estrada afora, até chegarmos a BR.

E fomos indo a passos lentos, pois sentíamos nossos corpos doloridos e os incômodos de alguns arranhões, além da enorme sede e do cansaço físico que nos abatia. Meu pai, por vezes, quis me colocar nos braços, mas meu orgulho não deixou. Eu era muito compenetrada e achava que, se eu o fizesse, na próxima oportunidade ele não me deixaria participar de outra aventura.

Seguíamos fazendo sinal para os carros que passavam por nós até sermos atendidos. Um automóvel parou e nos ofereceu uma nova carona até a cidade.

Aquele veículo era conduzido por um homem, aparentemente, de trinta e poucos anos, bonito, de barba grande e bem-feita. Mostrava-se muito gentil nos gestos, falava pouco, mas de forma atenciosa. Apesar de não se engajar na conversa, partiu dele uma única pergunta e, essa foi para mim. Queria saber se eu, quando crescesse, seria poeta ou escritora. Na ocasião aquele questionamento não fez sentido nenhum para mim e, sem querer encompridar a fala, afirmei que sim.

Ao chegarmos à cidade, ele fez questão de nos deixar na porta de casa.

Rapidamente tratamos de descer do carro, lembrando das entregas do meu pai, que a essa hora já estavam bem atrasadas. Devida a fadiga, o que mais queríamos era adentrar a casa do meu avô. Meu pai apressadamente tocou a campainha. Nesse instante, gritei porque me lembrei da boneca que eu esquecera no banco do carro. Meu pai virou-se para os agradecimentos ao nosso carona, mas em vão, ele não estava mais lá. Em questão de segundos, aquele carro desaparecera, feito fumaça no ar.

Incrédulos, olhamo-nos e tudo era muito surreal. Sem testemunha ocular e sem ninguém mais para ouvir o ronco do motor, nem ao menos o mesmo se afastando. Ficou ali, daquele transporte, somente um forte e inesquecível cheiro de lavanda no ar. Aquele mesmo cheiro que sentimos no inexplicável acidente na ladeira. E, sem saber o que dizer ou fazer, ficamos a pensar.

Anjo da guarda existe? Ou será que foi o mentor dele? Ou será, ainda, que quem nos deu a carona foi o mesmo que ajudou no inusitado acidente da ladeira? Isso alguém jamais saberá. Mas acreditar na força do bem, que nos protege de muitas coisas ruins, alegre a nossa caminhada pela estrada da vida.

Meu aniversário aconteceria na hora certa, afinal de contas, a natureza nunca se atrasa, ela segue seu compasso. Devemos, pois, seguir com fé os sinais. Inexoravelmente a vida segue.



MARTHA DANIELLY DO N. MELO

Professora de Língua Portuguesa graduada pela UNIT, pós-graduada em Docência em Língua Portuguesa pela PIO X e aluna do curso de Letras/ espanhol na UFS. Residente em Monte Alegre, vive feliz com sua família: Laura Maria e Theo Felipe, seus filhos amados, Aduilson Melo, esposo, Maria José e Seu Amaro, ilustres pais, Daniel e Deivid, irmãos, e seus sobrinhos queridos. É preciso florir ao invés de ferir!

FIM DO MUNDO?

Às vezes nos falta inspiração para escrever, mas algo fica martelado dentro da gente: -Pegue a caneta, escreva, escreva...

Se o que vou escrever aqui é uma crônica, uma memória ou simplesmente um relato, não sei! Deixarei que os especialistas decidam. Então vamos lá...

Desde criança ouço histórias sobre o fim do mundo. Naquela época, as pessoas se assustavam e realmente se preocupavam com isso. Passavam-se alguns anos e a história voltava à tona: -O mundo vai acabar em tal ano. Essas coisas davam bastante medo!

Hoje sou adulta, mãe e o mundo não acabou. Agora, aos 37 anos, vou contar um fato que aconteceu no mundo que fez e faz muitas pessoas acreditarem em seu fim.

Exatamente em janeiro de 2020 uma notícia de que uma nova doença surgiu e estava matando várias pessoas lá na China se espalhou pelo planeta. Muitos pensavam que algo tão longe não chegaria aqui, entretanto nosso engano foi cruel e, logo, logo, no final de fevereiro do mesmo ano o 1º caso foi registrado no Brasil.

Não demorou muito e em 11 de março, justo no dia do meu aniversário, uma nova palavra passou a fazer parte do vocabulário do brasileiro "PANDEMIA". Nesse dia foi decretado oficialmente esse triste quadro no país. Mas o que era isso? Por que não "epidemia"? Curiosa como sou, fui logo procurar saber o motivo.

Em menos de 1 semana piorou. O que antes eram somente números assustadores vistos nos jornais, se tornaram parte da nossa realidade e foi aí que, literalmente, o Brasil parou!!

Tudo foi fechado: escolas, igrejas, comércio, tudo! Mais outra palavra na língua do brasileiro: CORONAVÍRUS, passou a ser usada comumente. O contato físico e social também foi proibido, abraçar, nem pensar! -Só saiam de casa em caso de urgência (era o que diziam). Essas ordens até foram respeitadas por uns 15 dias.

Lembro-me de ter ido à feira e voltar com o coração apertado. Uma angústia me dominou ao ver seres tão desconfiados e tentando ao máximo se afastarem uns dos outros; o número mínimo de bancas expostas, tudo tão estranho, que ao chegar em casa chorei... e rezei!

Todavia isso não demorou tanto tempo. À medida que a pandemia ia se

alastrando, as pessoas iam somente se acostumando, agindo de forma estranha, é verdade. Os supermercados ficaram lotados. Era preciso estocar alimentos, até porque não se sabia quanto tempo isso tudo duraria.

Eu não acreditava no que estava acontecendo. Jamais pensei em viver uma situação que só via nos filmes. Entretanto, era real.

Tentaram controlar as pessoas, porém “ficar isolado” soou diferente aos ouvidos das mesmas e elas ficaram mais descontroladas ainda. Parecia verdadeiramente que todas estavam esperando o fim do mundo e, enquanto ele não chegava, aproveitar era o certo.

Esse descontrole das pessoas só aumentava o número de casos, mortes e palavras que passavam a serem usadas: Covid19, home office, remota, assíncrona, empatia... Por falar em usada, o uso de máscara se tornou obrigatório e eu, que só de falar nisso perdia o fôlego, hoje já me acostumei.

A vida continuava, apesar de todos os dias muitas estarem sendo perdidas. E o que mais dói é saber que essas pessoas que morrem, não podem sequer terem um enterro digno, as famílias não podem se despedir dos seus entes queridos.

É preciso ressaltar aqui que o Governo tomou várias medidas para o controle da pandemia, contudo, a população não quis colaborar, principalmente quando foi liberado o “Auxílio Emergencial”. Quando se fala em dinheiro e comida o ser humano enlouquece. Muita gente recebeu esse dinheiro e muita gente nunca tinha recebido “tanto dinheiro”. Ele era para ser usado para necessidades básicas, mas foi usado sobretudo para a compra de celulares, móveis, reformas, festas escondidas, coisas fúteis.

Para não me estender mais ainda, já estamos com mais de 1 ano de pandemia e a vida continua. O que era somente números de pessoas mortas, passou a fazer parte do cotidiano e não existe, no mundo, alguém que não tenha perdido um familiar ou conhecido para essa terrível enfermidade.

Dizem que as pessoas ficaram mais caridosas, mais humanas, todavia discordo disso! Vejo as pessoas mais aproveitadoras, impacientes, insanas e mais distantes umas das outras. Outros falam que logo voltaremos ao normal. Penso que “vidas normais” nunca mais teremos. Teremos vidas adaptadas ao novo normal.

Quando tudo isso vai acabar? Só Deus tem essa resposta. Enquanto não acaba, vamos continuando navegando por esse rio finito chamado VIDA e pedindo a Ele para não sermos os próximos nem os nossos, pedindo que as pessoas tenham só um pouquinho de consciência e percebam que está havendo esse descontrole por falta de controle delas.

E assim a vida vai seguindo, a vida vai passando, pois como já sabemos “tudo passa sobre a Terra”.



MAURÍCIO MATTOS LOPES

Baiano, Soteropolitano, atualmente radicado em Curitiba. Amante das artes escritas e fotográficas.

A LIGAÇÃO

A vida me ligou.

O dia estava corrido, não sabia se resolvia os problemas de minha mãe, do meu pai ou se terminava o relatório para uma reunião.

Falei com ela que a sua ligação era muito importante para mim, mas que aguardasse um minutinho por favor.

Coloquei aquela musiquinha: “quando eu digo que deixei de te amar é porque eu te amo, quando eu digo que não quero mais você é porque eu te quero. Eu tenho medo de te dar meu coração e confessar que eu estou em tuas mãos, mas não posso imaginar o que vai ser de mim se eu te perder um dia...”

Enquanto a vida, do outro lado da linha, ouvia essa musiquinha eu me desdobrava em ver como montar a fórmula do excel que iria me dar o percentual de produtividade semanal para provar ao chefe que estava trabalhando bem e merecia um aumento.

Pensava em meu pai com sua saúde não mais tão vigorosa, mas que não queria mudar seu estilo de vida e minha mãe, uma senhora com a idade avançada, se permitindo algumas teimosias para mostrar que ainda é a salvadora do mundo.

Eureka! A fórmula perfeita, fico feliz com os números obtidos!

Volto ao telefone e agradeço a vida por ter esperado; mas é que estou tendo que lidar com muitas frentes de negócios. Do outro lado da linha um silêncio ensurdecedor. Continuo empolgado: em que posso ser útil? Tem alguma coisa que possa fazer por você?

Nenhuma resposta...

Fico puto pois estava ali me esforçando, dando o meu melhor para atender a todos. Desligo o telefone e já envio o resultado da planilha para o chefe.

Percebo um sinal da caixa postal do celular. Vou olhar e vejo que possuo um novo recado. Fui ouvir: “Alô, aqui é a vida! Te liguei uma hora e dez minutos atrás, mas você não pôde me atender. Aguardei até a ligação cair. Deixo este recado para avisá-lo que ligarei novamente depois de amanhã. Queria explanar sobre um novo plano de vida que tenho no meu portfólio de opções disponíveis. Anote aí o número do protocolo...3003202105032020VD e caso outro te ligue oferecendo algum plano mirabolante, cuidado você pode pagar caro com a escolha errada. Não existe plano melhor que o meu. Um ótimo dia!”

Anotei o número do protocolo, mas fico me perguntado como tem gente que gasta tanto tempo para vender um plano de vida! Já tenho o meu estilo e estou satisfeito com ele. Não tenho que perder tempo ouvindo a vida me oferecendo o que não quero!



MIRASELMA DAS NEVES SARDINHA

Amapaense, nascida em 06/07/1975, Professora da educação básica, séries iniciais, participa de várias antologias é admiradora da escritora Conceição Evaristo. Considera-se amadora na arte da escrita.

A JANELA

Era uma janela cinza, cheia de manchas da água que nela batia quando chovia. Dava para um muro de mais ou menos três metros de altura, não era uma visão muito agradável. As janelas foram feitas para olhar o mundo, são sinônimos de ar puro, esperança, jardim florido, borboletas coloridas, insetos polinizando.

Ao debruçar-se sobre a janela via-se um pequeno espaço, vazio, entre a parede e o muro, se não fosse a grade. Olhando ao longe, uma visão mais ampla, o céu e suas diversas tonalidades, de acordo com estação do ano e os acontecimentos do dia. Estes últimos definiam as tonalidades com que aqueles olhos, cor da janela, viam as cores, ou suas ausências.

Haviam períodos em que o tempo estava meio confuso, ora chovia, ficava nublado, o sol aparecia com toda sua força e o céu ficava azul-incerto, azul-distante, um azul que machuca, azul forte, azul que ofusca, um azul que é uma mescla de azul-escuro com azul-claro, formando um outro azul, azul que entorpece, te chama a olhar, hipnotiza e você passa horas ali, com a cabeça levantada olhando para o alto, contemplando aquele céu azul que seca a boca de lábios finos, cheios de amargor, mas que não dói o pescoço, nele já havia muitas dores, o azul funcionava como bálsamo. Eram azuis inventados para aliviar as dores não só do pescoço, há dores que não passam nem com tons de azuis. Se não fosse aquela janela velha, nem cor haveria.

Além de uma visão do céu a janela proporcionava uma vista das árvores dos quintais vizinhos. Era possível ver uma mangueira com folhas bem verdes, afinal, agora chovia e as plantas se banham com as águas da chuva ficando limpinhas. Nasceram folhas novas, as árvores se renovam como as cobras, elas não são como olhos cinzas, não tem janelas com grade. Era possível ver o quanto aquela mangueira era frondosa, sua copa cheia de galhos, imensas folhas os cobriam formando um cogumelo de folhas, um topo de cogumelo erguido que não deixava molhar o caule, funcionava como um guarda-chuva. Quem olha só pela janela não precisa ter um topo assim, é necessário outra proteção.

Os galhos da mangueira, vistos da janela, pareciam veias, se entrelaçando,

fazendo barulho de circulação, algo quente em movimentos vibrantes que quando olhado tremia as pupilas. Tinha algo ali, naqueles galhos, circulando, vinha para o caule, até a raiz, até o solo fazendo-o vibrar levemente, embaixo da mangueira, da sola dos pés. A circulação daquela mangueira causava inveja, como deve ser bom circular, sentir o calor, é a própria vida, se não fosse a janela.

Não muito longe da mangueira tinha um cajueiro, que de tão pequeno só se via uma parte do topo, da sua copa. Algumas folhas tímidas queriam aparecer, se esticavam para subir um pouco mais, para serem mais que os galhos, querendo controlar o céu- azul. O vento batia e as tombava levemente para os lados tornando-as menos visíveis, quando olhadas da janela. Um novo vento batia, agora para o lado contrário de a pouco, e as folhas do cajueiro balançavam, seguras em seus galhos, dava para aparecer um pouco mais e outro vento tornava sua jornada menos visível, jornada sim, as folhas tem jornadas, elas não nascem folhas, nem nascem das folhas, elas nascem de si mesmas e rumam para as copas das árvores agarradas a galhos, não por medo, mas para estar no alto porque as folhas gostam mesmo é de estar mais perto do azul do céu, que é visto da janela. Todos fazem jornadas, quando seus olhos ainda são azuis. Um dia se encontra diante de outros olhos, outros galhos, que prometem seu topo e levam os olhos azuis transformando-os, sutilmente, em cinzas.

Como aquela janela era muito grande ainda dava para ver as folhas das bananeiras, que também moravam no quintal vizinho, essas não têm raízes nem caules, só folhas, parecem existir por si só, de tão grandes que são. Eram três bananeiras de folhas tristes, tristes de olhar o sol ao invés de olhar o céu e de tanto olhar o sol ficaram secas, folhas secas rasgadas em fios, um rasgado tão fino que parece feito a mão e não pelo tempo de secura, como peles que recobrem os braços debruçados no fino parapeito da janela.

Aquelas folhas de bananeiras, secas, destoavam do cenário visto pela janela, elas eram como a janela cinza, e a quem por ela olhava, sentia tristeza ao olhar, era como se olhasse um espelho. Uma vida em tons de cinza. cinza- marrom, cinza- mármore, cinza ora final de nada, cinza - tristeza, cinza final de tarde sem por do sol, um cinza fumaça, que diz é o fim, o fogo passou, levou todo o verde. Suportar o fogo, no início, aquece, mas queima deixando cinzas.

Mãos que olham pela janela segurando na grade não cultivam jardins.



SILVANIA BATISTA DOS SANTOS

Nascida no sertão de Monte Alegre de Sergipe no dia 25/02/68, Empresária e pioneira no ramo de saúde em nossa cidade, Patologista Clínica, Licenciada em Letra/Português pela UNIT, pós graduada em Práxis e Docência pela PIO X. Trabalha no setor de saúde pública como suporte e assessoria técnica nos sistemas de informação do Ministério da Saúde. Nas horas vagas amo ler e escrever sobre o sertanejo do qual tenho muito orgulho de ser sempre preparada para luta e encarando a vida cheia de ciladas e surpresas repentinas da natureza; uma trabalhadora perenemente combatida e exausta e sempre preparado sempre para um combate que não se vence e nem se deixa vencer. E-mail: santossilvania2008@hotmail.com

Nunca vi ninguém
Viver tão feliz
Como eu no sertão
Victor & Leo

A SAGA DA VIDA E UM POVO

Somos todos severinos, iguais em tudo e na sina, passando pelas mesmas necessidades, isto nos revelam que somos muitos; doentes com deficiência de hemoglobina devido à pouca tinta no sangue, barriga d'água por causadas por parasitos, cabeça grande e pernas finas causada pela desnutrição, assim revelam e denunciam a fome, a miséria, a falta de compromisso dos governos, fala também da falta de perspectiva de vida de um povo sofrido, abandonado que lutam por sobrevivência em meio ao caos da seca e da fome, uma patologia social que atinge várias populações de todas as regiões do Brasil, em especial o Nordeste por ser uma região de clima árido e seco, a busca de soluções para combater esse mal e encontrar um novo caminho para sobreviver é ilusório, há sempre dias melhores, mas a mazelas da fome e da seca se perpetuou na vida dessa gente. Somos todos severinos, iguais em tudo e na sina, atravessando as adversidades da vida que nos tornam todos semelhantes aos miseráveis severinos amargurados pelo destino, pois, vivem as mesmas calamidades e desgraças causada pelas mazelas da seca e da fome uma "patologia social", que perpassam gerações por séculos sem soluções.

Perto de uma mata
E de um ribeirão
Deus e eu no sertão
Victor & Leo

Os desvalidos apresentam sempre as mesmas doenças, pouca tinta no sangue, barrigudo, cabeça chata e grande e pernas finas causada pelas várias carências nutricionais devido a fome, um verdadeiro e doloroso horror na vida dessa gente pobre e sofrida. As deficiências apresentam carências sociais, emocionais e nutricionais, determinando a miséria com a má gestão dos recursos e de governantes omissos, num ritmo frenético de corrupção pelo poder. Um contraste triste e vergonhoso; a falta de perspectiva da vida deste povo sofrido, abandonado que lutam diariamente em meio ao caos da seca, da fome, da miséria, da corrupção e da violência. As consequências geram transtornos e provocam sequelas físicas e emocionais com danos irreparáveis a essa “demanda social”. Que cresce assustadoramente atingindo extrema pobreza e vivem de sonhos em busca de dias melhores, mesmo estando condenados e sentenciado a morte sem cometer crimes algum.

As aves migratórias que denunciam a seca já não existe mais, a tristeza toma conta dos campos esturricados e sem vida, as tardes empoeiradas e tristes relembram a tragédia dolorosa das secas, assim transcorrem por dias morrem o rebanho e toda a vegetação sucumbem juntos num doloroso e agonizante espasmo, o desequilíbrio transcorre num fastígio das secas inaturável de dias quentes e noites calorosas a terra desnuda aquece os ares que fulminam a natureza silenciosa e morta, em cujo seio se abate. Os animais caídos e imóvel, a flora abatida e morta na quietude de um longo e doloroso suspiro, os galhos secos sem folhas sucumbidos pela seca, à terra empobrecida sem sustento para vida, pois essa ainda exige muito de modo que semelhantemente diante das exigências combatentes meios de sobreviver em toda a sua plenitude, a seca deixa marcas com estigmas “inapagáveis” em todo ser. É triste ver o solo esturricado e os animais agonizando de fome e sede.

Lembre-se da sabedoria da água:
Ela nunca discute com um obstáculo
Simplesmente o contorna.

Augusto Cury



VALDETE ALVES

A educadora Valdete Alves Oliveira nasceu em 24/07/1930, no então Povoado Monte Alegre. Filha de Maria Esmecilha Lima e João Alves de Lima. As suas primeiras letras foram realizadas com o auxílio da professora Francisca Rebolças Chaves, com quem estudou o 1º ano. Ao tornar-se professora, no ano de 1955, quando entrou na rede de ensino estadual, começou a seguir os passos da sua amada professora Etelvina. A sua trajetória é marcada por muitas alegrias, pois foram 33 anos dedicados ao magistério. Participou da Antologia do I, II e III Encontro de Escritores Monte-alegrenses & Convidados.

COVID-19

Certos que teriam imenso prazer se fosse possível com a humilde maneira, fazer algo para facilitar a vida com saúde do ser humano, causada por moléstias desconhecidas, deixando traumas nos pensamentos humanos dos que perdem parentes e amigos, atingidos de um mal que alastra o mundo de cores tristes no coração dos que perderam seus entes queridos.

Cientistas chineses querendo mostrar ao mundo o valor de suas pesquisas, finalmente descobriram no ser humano, células ativas capazes de prejudicar a saúde e reduzir o curso da vida. Apesar de juntar anticorpos nas células, não foram capazes de imunizá-las.

Segundo notícias televisionadas, em seus experimentos, os cientistas usaram como cobaia o macaco que morreu e contaminou um homem que dele se aproximou.

Este senhor contagiou outras pessoas, assim, se espalhou mundo afora.

Nem por isso devemos culpar os cientistas chineses. Eles apenas queriam proteger a humanidade de uma doença terrível.

Daí nasceu o Coronavírus e outras variantes, quando não mata, deixa várias sequelas.

Apodera-se do pulmão, órgão responsável pela respiração. Até as bactérias dentárias são responsáveis pela visão e outros órgãos.

A mortandade vem crescendo. Devemos cumprir as ordens das autoridades para evitar contaminações, como também a higiene e o uso de máscara, até que sejamos imunizados através das vacinas, mesmo assim não devemos ter contatos com pessoas doentes de covid.

A covid atingiu a economia e trouxe o desemprego e a fome.



WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA

Doutorando (2020) e Mestre em Ciência da Linguagem, na área de concentração em processos textuais, discursivos e culturais, com linha de pesquisa em Texto e Discurso (2018). Graduado em Comunicação Social, Jornalismo (2013). Especialista em Direito Processual Penal (2008), é também bacharel em Direito. Jornalista. Secretário Municipal da Comunicação (2014-2016 / 2021) em Governador Celso Ramos-SC. Delegado na 1ª Conferência Nacional da Cultura (Brasília/DF - 2005), representando o Estado de Santa Catarina. Escritor premiado pela União Baiana de Escritores, entre outros concursos literários, é membro das Academias de Letras de Biguaçu, Gov. Celso Ramos e Nova Trento. Pesquisador com assento no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), no Instituto de Genealogia de Santa Catarina (INGESC) e membro da Casa dos Açores de Santa Catarina.

TRINTA SEGUNDOS

(Acangatu)

“Do que é feito o barulho”, pergunta a criança, e o mais velho responde: “Você quer saber, de que é feito o som...”. “Tolo! Não me tentes a dizer algo que tu já tens a pronta resposta.”, e ao emendar, é incisivo: “Eu não te pergunto de que é feito o som, e sim o barulho que não cessa, nessa época em que apenas se sobrevive.”. O mais velho, então, emudece. A resposta, na ponta da língua, pronta e acabada, da Politécnica e da Universidade, para as coisas da mecânica, do calor e até mesmo, do som, não dá conta. Ensimesmado, era o mais perto que ele abarcaria, das palavras já ditas, refeitas em dicionários, catalogadas em estantes de mogno antigo ou cerejeira vaidosa, jogadas num jogo ancestral, de quem mais pode falar no lugar em que se fala, ou mesmo, quando a noite emudece, e nem por isso, a esquina, silencia. Perto dali, os automóveis ruidosos, numa sequência de doer nos dedos, no roer das unhas, desafiavam o sistema métrico musical do ocidente, calando a melodia erudita. E reparou que as pessoas diziam em posições diversas, e que por vezes paravam/travando, recuavam/deslizando, e ao abusar das normas morfossintáticas, elas trocavam/resistindo as posições, para, depois, ao retomar, infinitas vezes, os falares outros, aqueles que sempre existiram/insistindo, como uma voz no vento, nas reticências, como se fossem outros sujeitos, bem diversos das primeiras falas. E ele viu, para além do olhar, que o mudo e o surdo também falavam, gesticulando estranhos sinais, e que na fala do mudo e do surdo não havia silêncio, porque algo ali significava. E ele notou que o avião riscando o céu também abusava do gerúndio, com aqueles ruídos internos, com a emissão de gases e fortes estrondos, e ficou a imaginar aonde iria aquela máquina de aço mais pesada que o ar. Então, sentiu que as pernas e os braços bailavam

no ar, e ao caminhar pela rua principal do bairro que crescera, assistiu curioso, velhas cenas nos aparelhos de TV, nas vitrinas das lojas de departamento, emitindo sinais sonoros e imagens que se propagavam pelo universo. Ele era um boneco gigante, na malhação do judas, e por entre as pernas gigantes e braços desengonçados, notou que por ele passava cantando um homem travestido de palhaço, com gracejos ruidosos disfarçando a pouca habilidade nos malabares. À esquerda, a mulher sentada ao meio-fio da rua, pedia esmola prometendo ler o futuro. À direita, havia quem convidasse para o melhor almoço da cidade, e também quem se dizia o messias dos novos tempos. No bar da primeira esquina, um gritou de gol emudeceu os espectadores. Na outra esquina, era o noivo que a mão estendia, num gesto longo e desajeitado, devolvendo a aliança à noiva deixada para trás, praticamente no altar. A sirene de uma patrulha uivava no ermo da noite, anunciando mais um leito a ser preenchido no manicômio judiciário, enquanto, na tarde cinzenta e gélida, os cavalos, um a um, tombavam, sem compreender as insignificantes bolinhas de gude, ladeira abaixo, relinchando cassetetes, entre onomatopeias que digladiavam ais e palavras de ordem. E numa cela medieval, um monge, curvado e retorcido, recitava velhos cânticos bizantinos, e em seu derradeiro suplício questionava o que era mesmo o barulho daquele tempo presente, além da mera e inútil explicação do som e do silêncio, naqueles espaços jamais preenchidos. E porque a vigilância tinha mesmo esse papel de efeito lindeiro, quando, a vigilância se mostrava um imenso campo de concentração, anômico, que diante dos olhos é invisível, n/uma aporia, incontornável, que transpassa os corpos e também os mutila.

O barulho não é simplesmente som. O barulho é o estampido, o rumor, o ruído. O barulho é o estrondo, o tumulto, a desordem, e a revolta. O sino da capela barulhou. Três dobres duplos. Um sino sempre emite Si Bemol. O estrondo do sino se repete, numa onomatopeica silhueta, e dessa vez, sem razão ou motivo específico, sem menino correndo atrás da procissão, sem cantos marianos, sem a essa feita de carvalho, sem as velhas carpideiras, sem as flores, as cordas e os lamentos. Até mesmo o vigário recolheu a batina e o rosário. Foi num dia cinza, após o meio dia, e os pássaros sumiram da cena marinha. Acima da ladeira, o mar era de calma gritante, e o céu de um roxo com tonalidades de cinza. Houve, então, um forte estrondo, seguido do vento de rara vilania. Em trinta segundos... as árvores estavam retorcidas, removidas das profundezas da terra-chã, em memórias e silêncios. As embarcações emborcaram na rasa baía, e os telhados cobriram o asfalto de argila. O menino disse, então, que estava feito, e tomando o velho pelas mãos, foi narrando as proezas e as misuras do vento. Silenciou, olhando ao redor, e disse que a natureza era algo per si. Que a natureza não faz distinção entre o belo e o feio, entre a arte e a estética, entre o cinza do cimento e o verde das folhas, entre o vermelho dos cortes e o riso do

louco. Na natureza não há espaço para o esquecimento e para a esquizofrenia, nem mesmo ao juízo de valor e de moral, para a dor da mãe e o choro do filho. A natureza era algo per si. Não há, na/para natureza a pena da consciência, e a presunção de inocência. E quando a natureza se derrama, se espalha, consome sem razão ou motivo, ela cabe no romantismo pueril dos homens, a máscara mais cruel da forma histórica com dominante, em que a vitória e a alegria de uns, é a desgraça e a derrocada de outros. A criança aponta, ao velho, o mar revoltado. E o mar era um monge, curvado e retorcido, em cela medieval, que em vão tenta administrar a unção dos enfermos aquele que ria solitário um riso de sangue e paz, diante do Agni Parthene, balbuciando rumores, mas sequer, uma palavra.

Uma réstia de luz inunda a face antes firme. Era a mortalha de Laerte tecida, de dia e de noite, numa inversão fascinante, pelo fio deixado por Ariadne. "De que é feito o barulho", pergunta a criança, e o mais velho responde: "Você quis dizer, de que é feito o som". "Não, eu pergunto de que é feito o barulho desse tempo que a gente vive". E então, seus olhos abriram pela primeira vez, e ele sabia, dentro de si, que aquele era um tempo ruidoso, e que pouco se ouvia os detalhes. A criança, então, tomou o velho pelas mãos, e eles voaram através dos Bálcãs aos Cárpatos em uma jornada de milênios. Desafiaram Caronte, despejando dezenas de moedas que afundaram a grande barca que legou a muitos o grande cativo da terra-chã na lenda atlântica. E balbuciando, entre os dentes amarelos, disse: "O silêncio constitui uma rede imensa de significados". Foi que o velho monge, curvado e retorcido, se afastou cantando baixinho aqueles cânticos estranhos e belos, e por um instante o raio de sol não era apenas réstia, e a criança novamente estendeu a mão, e eles montaram os cavalos que agora, alados, voavam muito acima das sirenes e das palavras de ordem. E então, o velho experimentou sensação de liberdade jamais pensada em seu dicionário de palavras escolhidas. O Agni Parthene preenchia os espaços, até que o silêncio absoluto do aqui dentro se confundiu com o barulhento mundo lá fora.

CONTO

III CONCURSO LITERÁRIO DE MONTE ALEGRE DE SERGIPE

Em um ano de adaptação para todos nós, devido à COVID-19, muitas ações tiveram que ser realizadas virtualmente, através de plataformas que estreitam as relações humanas e diminuem a distância. Foi nesse ambiente que aconteceu na noite do dia, 25/11/2020, a cerimônia de premiação do III Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe em uma sala do Google Meet.

O Concurso é uma idealização dos monte-alegrenses Carlos Alexandre, Izaque Vieira, Márcia Fernanda e Marcos Antônio. Eles, em 2015, realizaram o I Encontro de Escritores Monte-Alegrenses & Convidados e decidiram que nos anos pares (2016, 2018 e 2020) haveria o Concurso Literário e nos ímpares o Encontro de Escritores (2015, 2017, 2019 e 2021).

Nessa edição, o número de inscrição no certame aumentou. Foram 117 escritores e escritoras que enviaram seus textos para a apreciação da Comissão Julgadora. Dentre as 117 inscrições, 35 foram de estudantes do Ensino Fundamental e Médio de escolas do nosso país. Esse número de inscrição possibilitou a Comissão Organizadora criar uma nova categoria "Escritores (as) Iniciantes". Os textos foram escritos no gênero Conto, Crônica e Poema, conforme Regulamento do Concurso.





LUCAS MESSIAS DA COSTA

Conquistou o 1º Lugar. Monte-alegrense, escritor, universitário, participou do projeto Jovens Cronistas do Sertão e é membro da Plêiade Cavalado-do-Cão.

NOTA DE SUICÍDIO

Dizem que a beleza de uma caminhada não está na chegada ao destino, mas sim em seu caminho, seus atalhos, seus encontros, suas coincidências e, principalmente, em seus imprevistos. Não sei bem se posso concordar, mas acredito que vale a tentativa. Meu primeiro grande imprevisto foi há mais ou menos 14 anos, com a maravilhosa notícia de que minha esposa estava grávida, apesar de termos desistido há anos. Tempos depois veio ao mundo a Esperança: murcha e cansada, com seu baixo, rouco e humilde choro, como se não quisesse incomodar, como se seus olhos verde-esmeralda pedissem desculpas pelo trabalho que deram no parto. É impressionante como aquela aparência pálida e cianótica metamorfoseou-se em uma bela e saudável gatinha siamesa, apelido que teve até o dia em que morreu.

Os próximos 12 anos seguiram o clichê de família feliz que sorri e se abraça. O mal, no entanto, assim como quem é vivo, sempre aparece. Não poderia ser diferente. A vida me deu o melhor dos presentes, apenas para ter o prazer de arrancá-lo. Aconteceu no ano passado, quando ela tinha ido, com a mãe, ao oftalmologista para fazer um exame para descobrir se era ou não daltônica. Algo que parecia muito simples. As duas, todavia, ficaram desaparecidas por três horríveis semanas. Quase não dormi nesse ínterim. Pouco depois, um roceiro as encontrou, por acaso, completamente nuas, em suas plantações de milho e chamou a polícia. Não consegui acreditar. Dois tiros em minha mulher, um em cada olho, suas órbitas inundadas de rubro lembravam-me das taças de vinho do nosso primeiro encontro. Havia vários dentes arrancados e uma grande poça de sangue ainda fresco. Sua barriga estava cheia de cortes milimetricamente precisos feitos por lâmina, como se tentassem escrever com os arranhões: “a culpa tem olhos escarlates”. Com minha filha, foi tudo isso e ainda pior. Eu jamais imaginara que, na minha vida, existiria um corpo esquartejado. Ainda mais, que tal corpo seria o dela. Até hoje circulam fotos de seu tronco desnudo, sem membros e sem cabeça, pelos links de notícias de um aplicativo verde qualquer.

Desde então, minha casa passou a ser hotspot de pessoas curiosas e comovidas com o caso (não tinham nada melhor para fazer). Rapidamente,

estaria cheia de flores e (pseudo) homenagens. Até mesmo a mídia nacional “noticiou” o caso. Algo entre os esportes e a previsão do tempo. Lembro que, todas as vezes que ligava a tevê, encontrava um senhor gordo da fala enrolada em algum canal local tendencioso comentando ou fazendo alguma simulação do famoso caso do “poeta da navalha sangrenta” como ficou conhecido. Era o principal assunto de todos os programas policiais. Reinado esse que não durou muito. Meses depois, a polícia finalizou as investigações sem que nada os levasse diretamente ao assassino. Alguns dias foram o bastante, ninguém mais lembrava do caso. Típico! Foi totalmente esquecido e sobreposto por um novo e espetacular Reality Show, como tantos outros foram e ainda serão. Todo o planeta me pedia para esquecer o “incidente” (assassinato, estupro ou esquartejamento me dão bem menos náuseas que esse maldito eufemismo) e continuar andando a estrada da vida. Jamais faria isso. Ainda que pudesse voltar ao passado não o faria. Já não possuía a mínima sanidade.

Minha filha e minha esposa eram tudo o que eu tinha. Havia sido tirado de mim, naquele dia, o meu maior tesouro. Sua história não poderia morrer junto com ele. Claro que não iria acabar assim. Eu jamais deixaria. Nunca fui caloteiro. Muito menos, mão de vaca. Afinal de contas, qual seria, portanto, outro propósito para minha vida, senão o de resolver as dívidas pendentes?

A primeira coisa que fiz foi comprar uma arma. Até que não demorou muito para encontrar. Escolhi uma pistola usada pela Polícia Militar que acabara de ser “recolhida” de um grupo de policiais corruptos. Logo depois, comecei a estudar a cópia dos arquivos do caso que consegui com os mesmos policiais. Em menos de duas luas, já tinha arquitetado toda a minha vingança, mesmo sem saber o alvo. Passo sobre passo, pedra sobre pedra. O plano consistia em, primeiramente, rastrear e descobrir tudo sobre a vida do infeliz e, seguidamente, retribuir a ele o grande favor que me fizera antes. Já tinha certeza que iria fazer valer a lei de Talião. Da mesma forma, como Hamurabi uma vez mandou escrever: “Olho por olho. Dente por dente.”.

Ao vasculhar nos arquivos do caso, encontrei um relato do menino Calvin, meu vizinho, um garoto de 10 anos que, por coincidência, também faria o mesmo exame no mesmo consultório médico, no dia em questão. Na verdade, ele era a única testemunha do ocorrido e, pela idade, a polícia não o tinha levado tão a sério. Decidi, então, conversar com ele pessoalmente. Não foi preciso muito esforço para encontrá-lo. Pareceu até um sinal divino. No mesmo instante em que pensei em falar com o menino, ouço sua voz, olho pela janela e o vejo brincando na rua. Tive que sair ao seu encontro.

- Calvin, fiquei sabendo que você viu a minha filha no dia em que ela sumiu, foi mesmo? Você lembra? (falei isso com uma voz em tom de tristeza)

- Aham. Vi sim, um homem gordão cabeludo veio buscar ela e a mãe em um carro igual ao do meu pai, só que era verde (disse apontando para velho Fox Eco Sport de seu pai). Ela não queria entrar, aí o homem a puxou pelo cabelo

e colocou dentro do carro. Aí a mãe dela entrou também no carro, acho que tava com medo.

Antes que eu pudesse realizar a próxima pergunta, a mãe do moleque gritou de longe o chamando para jantar.

Tudo estava caminhando bem. A cor e o modelo do carro já tinham sido suficientes para dar início à minha busca. A cidade não era tão grande e nem existiam tantos Foxes verdes nela, já que essa é uma cor customizada, que não vem de fábrica. É necessário realmente ter vontade de pintar o carro para obtê-la.

Depois de muito procurar em dados conseguidos ilegalmente do departamento de trânsito local, encontrei apenas três carros de tal modelo. Havia o do Seu Zeca, um homem solitário em seus 80 anos que, com certeza, nem conseguia mais dirigir. Havia também o do "Johnny-p", (na verdade, seu nome era João Paulo, mas isso apenas antes de se apaixonar pelos furiosos filmes americanos de corrida de rua), era um playboy rico que colecionava carros customizados, mas que já tinha destruído seu Fox verde em um racha, um pouco antes do dia do sequestro. Por fim, havia o Miguel, um entregador de pizza ferrado na vida que fora preso duas vezes por violência doméstica. Com certeza, tinha que ser ele. Não há outro suspeito. A descrição do Calvin também batia.

Após alguns dias observando o desgraçado em sua casa, senti que chegava a hora de pôr tudo em prática. Tomei um banho bem demorado, um daqueles a consciência até pesa ao pensar no planeta, mesmo sabendo que o agronegócio é o verdadeiro culpado da falta de água. Coloquei a minha melhor roupa e peguei o sapato mais caro. Enquanto calçava, lembrei-me de quando minha mulher o comprou para mim, dizendo que achou "a minha cara". Céus, como eu adorava esse sapato! Tomei uma taça do vinho que estava guardado, desde o casamento, para as bodas de prata. Aos poucos o ódio ia me possuindo por completo. Respiro fundo. Fecho meus olhos. Abro-os.

Nesse piscar, já estava diante da casa dele, observando-o comer pizza fria assistindo à televisão, rindo igual a um jumento. Esse maldito estava com um semblante notavelmente bem cansado. Cada inspiração o deixava mais parecido com um porco a roncar. Devia ter trabalhado o dia inteiro. Na TV, passava um daqueles programas em que colocam várias pessoas em um lugar e enchem de câmeras. Ver tudo isso apenas alimentava meu ódio. Nesse momento, já não me sentia mais humano. Movia-se apenas pela ira. Novamente, executo a mesma dança: Respiro, espero e fecho os olhos.

Ao abrir, já estava quebrando a porta dos fundos com o machado que costumava cortar madeira na casa de campo do meu sogro. Automaticamente, Miguel levantou-se assustado do sofá fedorento em que estava.

-Mas que merda você está fazendo aqui? Quem é você?

-Eu sou o início do seu fim!

Nem esperei resposta. O primeiro soco foi o suficiente para derrubá-lo. Continuei a esmurrá-lo e nada me fazia parar. O chão já estava cheio de sangue. Sua face, toda inchada. Não o enxergava mais. Tudo o que conseguia ver era uma zebra sendo esfaqueada por um leão. Já tinha perdido alguns dentes e desmaiado no meio do processo. Foi então que parei de bater e peguei minha arma. Dois tiros, um em cada olho. O barulho calou todos os sons do silêncio. Saí de lá sem esquecer-me de deixar uma marca de vingança em seu ventre gordo: “a inocência tem olhos esmeralda”. Fui para casa esperar o segundo sol, com meus sapatos favoritos completamente encharcados com sangue do vagabundo. Ganhava mais ódio conforme perdia meu melhor sapato. Já tinha cumprido meu dever, mas a ira continuava em mim. A polícia foi, imediatamente, ao meu encontro. Assim que chegaram, nem hesitei. Conhecia bem meu destino. Ofereci até um cafezinho.

Hoje, o título de poeta da navalha sangrenta é meu. A justiça agora acredita que matei brutalmente minha própria mulher e filha. Escrevo essa nota fitando o laço que pendurei em minha cela, porque já não sei o que é real. Ainda lembro quando os policiais me algemavam na frente de casa. O garoto Calvin, que estava lá brincando, se aproximou calmamente de mim e com uma cara confusa me perguntou: “Tio, que líquido verde é esse escorrendo no seu pé?” Nesse exato momento, olhei para a sola do meu sapato e me paralisei completamente: em nuances de sangue rubro coagulado ao brilho do sol que nascia, estava o mais vivo tom de vermelho: o vermelho escarlate.



MARCELO DE JESUS MOURA

Conquistou o 2º Lugar. Gloriense, professor, escritor e membro da Academia Gloriense de Letras.

A CHAVE – UM OBJETO FABULOSO

Era uma tarde de domingo, as folhas das copas das árvores caindo, o tempo mudando, e a paisagem ficando mais colorida, cheia de vigor. As roseiras, margaridas, bromélias... Cheiro de frescor, tudo se confundindo. Quanto amor. Pedro, esse era o nome dele, um menino de 06 anos, na tenra idade, era mais traquino que as outras crianças da mesma faixa etária, pelo menos era o que se achava, ele demonstrava.

Pedrinho era cativante, carinhoso, um misto de tudo que é bom em uma criança. Morava na Praça da Igreja Matriz, número 34, em Machadina, uma pequena cidade do interior do Rio de Janeiro. De sua casa avistava toda a transformação do tempo, era primavera. Quando acordava, às tardes, depois da sesta costumeira da família (de um bom descanso para ele e para seus pais), ia a pracinha brincar com a molecada da vizinhança; um ritual diário. No finalzinho da tarde, já satisfeito de suas aventuras – com heróis de capa e espada e todo o universo fabuloso – voltava para casa realizado.

Voltamos ao domingo de 28 de setembro de 1981, especialmente nesse dia, ele saiu para suas peripécias na pracinha. Dessa vez foi além do programado por ele. Não pensou nas consequências ao enterrar no belo e colorido jardim, a chave da porta da frente de sua casa. À tarde se indo e o menino se despede da meninada. Enquanto isso, seu pai, o senhor Alfredo, já estava à espera com um discurso ríspido e cobranças sobre o sumiço do objeto.

Até então não se lembrava da peraltice de mais cedo. E se aproximando cada vez mais de sua residência, percebeu no semblante de seu pai que algo de errado tinha acontecido. Alfredo estava casmurro, com olhar de interrogação. Assim que o menino chega à porta, ele pergunta pela chave. É nesse momento que Pedrinho lembra-se do que fez horas antes. Depois de relatado o fato ao seu genitor, ele se vê obrigado a procurar o objeto naquele imenso jardim. Essa seria a sua primeira punição de menino levado.

À tarde caindo, o sol se indo, parecia que até o tempo não estava ao seu favor. Como se tudo conspirasse contra ele. E Pedro num dilema: encontrar o lugar onde enterrara a chave da porta da frente de sua casa ou voltar e enfrentar o acesso de fúria do pai?

Talvez pra fugir do terror da realidade Pedrinho mergulha num mundo de fantasias aonde lá ele é o herói, seu próprio mestre e senhor. O mundo encantado do garoto agora encontrou a noite, e a expedição – aventura de achar um objeto fabuloso – já conta com dragões que cospem fogo e ilumina os caminhos. Ele enfrenta a noite, são maiores os obstáculos, mas na euforia de criança e no medo do que o pai poderia fazer – e do alto da porta o pai continuava e de olho no pequeno sem nem imaginar o misto de euforia e fantasia que se passava na cabeça do menino - continuou com sua busca.

O desespero toma conta do menino. E se não encontrar? E o pai? Qual seria o castigo... Ele tinha que encontrar o tesouro perdido o mais rápido possível. O pavor da noite; a busca incessante. Tudo o transportara para um mundo imaginário, era uma forma de amenizar a situação, fugir do real. Agora ele está de capa e espada, o Super Pedrinho, com seu dragão que cospe luzes de fogo, Apollo, um amigo imaginário que surge para ajudá-lo, encontrara no canteiro das roseiras, último lugar a se procurar o tesouro, derradeiro destino. Ele já havia procurado por todo o lugar, travando lutas com besouros, minhocas, mosquitos, insetos de todos os tipos.

Em um rompante, lembrou-se que gostava de comer pétalas de rosas. O gosto, o aroma, a anatomia encantavam-no, muito peculiar. Desbravando o terreno macio e cheiroso, cavando aqui e acolá, sempre com a ajuda do fiel escudeiro Apollo, percebeu uma ondulação debaixo de uma roseira. Estaria ali o tesouro enterrado? Será que sairia da aflição ao encontrar o objeto tão precioso?

Como num passe de mágica ele avista uma porta, corre até ela, e finalmente lá está a tão desejada chave. Pedro maravilhado gira a chave e ao abrir, o desejo de entrar, o contágio de forma inevitável. Ele, Apollo e todos os seres que o seguiam na busca mergulham nessa nova oportunidade, com cheirinho de mais uma aventura.

O sr. Alfredo, coitado, olha em volta e não avista mais o filho. Corre, pede ajuda, esbraveja, chora... E agora no jardim se encontra quase toda a população do pequeno lugar a procura de Pedrinho.



ALIEDSON LIMA

Conquistou o 3º Lugar. Canindeense, escritor, músico e poeta.

CANIVETES

Julho de 2020. Esta sensação de que o mundo é hoje um câncer a céu aberto faz cambalear as pernas de qualquer um. Pode nos levar a quedas terríveis. Semana passada, mãe me chamou pra catar feijão-de-corda no novo terreno do coroa. Aliás, feijão de corda. Até as palavras se sentem impelidas a respeitar o distanciamento. Se o hífen não cai em palavras que designam espécies botânicas, cai neste texto. Então eu, com meus 27 anos recém completados, meus dentes cerrados e meu desejo de evasão, peguei minha moto e fui com ela.

O vento nos olhos. Os olhos encharcados de tudo quanto é verde. A caatinga mais fêmea e fértil possível. Ainda assim, a esperança era um esforço. Um estorvo. Tenho 27 anos e alguma coisa prestes a implodir em minhas entranhas. Um mal necessário.

Já é ali ó, o terreno de teu pai.

Risquei a moto. Não sabia onde era. Até sabia dos outros. Deste, ainda não. Engraçado perceber que meu pai nunca me obrigou a trabalhar no pesado para que um dia eu pudesse escrever que meu pai nunca me obrigou a trabalhar no pesado. Que jeito mais estranho de oprimir, meu pai. Ele via eu chegar com livros e cadernos no terreno, e sabia que eu estava ali apenas pra fugir de nossos vizinhos barulhentos. Nunca me pediu sequer para apartar os bezerros. Veio pra estudar, cada um torra sua gasolina como quer, assobiava ele.

O sol, em sua preguiça invernal, já foi se escondendo novamente. As nuvens se enturvavam. A chuva vem aí, dizia o vento forte nos fios de cabelo que não se escondiam no boné de minha mãe.

Eita, será que eu tirei os panos do varal?

Não tirou, não.

Eu pego nessa carreira e tu pega na do lado, entendeu?

Pode deixar. – Se eu não entendesse nem isso, o que mais poderia entender? Não saberia muito bem lidar com a advertência que segue, logo após eu colocar as mãos nas primeiras vargens.

Ei, mocinho, bora tomar todo cuidado pra não catar canivete.

Eu sabia o que era canivete. Mas como mãe sabia de meu olhar desacostumado, me explicou da forma mais didática possível o que eu poderia ou não colher. Pegue assim no começo da bage, se tiver fofinho assim ói, dá pra tirar.

Canivete (é) sm.

aquilo que ainda não está pronto para ser colhido. Não tem o vigor da forma. A sustância nutritiva exata. As engrenagens desenvolvidas, de forma que até o dedo mais inábil consiga separar o grão da casca. Em outras palavras, o que ainda não é bom o suficiente.

Canivete. Minha mãe tinha os olhos de quem sabia diferenciar à distância o que podia ou não ser colhido. Sem essa de ter que perceber se estar ou não fofinho, ela só pegava nas vagens pra puxar. Mas estes mesmos olhos peritos no assunto não conseguiam perceber as canivetadas que sua advertência soou aos meus ouvidos. A sensação de que tudo o que fiz não ficou pronto ou bom o suficiente. A sensação de que tudo o que fiz foi colher canivetes. Eu que tenho 27 anos, passos vertiginosos entre carrapichos e esta habilidade em colher canivetes.

Mas nem tudo foi canivete nesta tarde sem sol nem chuva. Tarde de vento mentiroso. Mãe me lembrava de onde vem minha veia narrativa. Ela e meu pai guardam na memória histórias incríveis, com a precisão de detalhes invejáveis. É sempre um deleite ver os dois nostálgicos com o passado. Altas risadas com as histórias dela.

Você sabe que naquele tempo a terra era cortada com um arado, não sabe? Seu avô nunca se apartou de duas parelhas de bois. Ave Maria, podia ficar sem qualquer outro tipo de animal no terreiro, mas sem os bois ele não passava. Não era só pra carrear, era pra arar a terra também. O velho que foi simhora tão manso, era bruto naquela época, pense. Enjoado que só ele. Levantava os meninos cedinho mesmo, bem antes do café. Um dia, seu falecido tio inventou de começar a fumar. Era novinho ainda, coisa de dezoito anos, por aí. Começou no escondido, é claro. Se papai soubesse dessa presepada a madeira comia, de tirar o couro mesmo. Então, um dia ele aproveitou que tava só, logo cedinho isso, porque parece que papai tinha ido pegar os bois no cercado, ou coisa assim. Aproveitou pra acender um cigarro lá no fogo de lenha, por trás da casa. Tá lá ele queimando a ponta do cigarro, quando pensa que não, papai dá o maior grito por ele. No susto uma brasa rolou do fogo e caiu bem dentro da bota do coitado. Imagine a gritaria desse homem correndo pelo terreiro da casa...

A rizada de minha mãe silencia muita coisa. Deve ter sido essa uma daquelas razões para que eu estivesse ali, naquela tarde. Catando canivetes.

Ao final da primeira carreira, percebi que ao lado do terreno do coroa fizeram um campo de futebol. Perfeito, o campinho. Do nada, começa a chegar moto. Uma. Duas. Cinco. Oito. Um carro. Tudo espremidinho embaixo da umburana. Afinal, se os donos estavam ali pro contato, por que raios elas teriam que respeitar distanciamento? Pouca conversa. Cada um pega seu colete. Quatro para cada lado. Dois na reserva. O juiz deu início ao racha. Deu início à fuga deles. Iniciaram o que se dane. Senti raiva de mim por ter sentido pena deles. Mas tem algo mais humano do que se esconder dos censores para aplacar seus vícios?

Eu também já catei muito canivete no meio do campo. Meio de campo.

Sem hífen e sem muita habilidade. Nunca fui bom armador. Nunca fui bom marcador. Era razoável em quase tudo. Razoável ou ruim. Meu tio treinava uma escolinha. Achava que eu seguiria na carreira, coitado. Tem que se esforçar mais, Lugano. Pois é, eu era um meia com apelido de zagueiro. Diziam que eu parecia um pouco com o uruguaio. Tem que se esforçar mais, dizia meu tio. Mas nunca foi o bastante. E teve aquela falta que bati, que matou a coruja e alguém mandou o rebote pra longe. Seria um golaço. Mas era eu. O que não era bom o suficiente. O que não estava pronto. Aquela falta... Ao menos eu percebi cedo que aquilo não era pra mim, e fui investir meu tempo em outros canivetes.

E por falar em cigarro, veja só como a gente quando era pequeno não era gente. Diz que papai comprava uns rolos de fumos. Era assim ói, grande mesmo. Quando precisava daquilo ele tirava um pedaço e pinicava. Fazia uma ruma de cigarro e guardava o resto. Um dia, eles acham de deixar a gente sozinho em casa, sabendo que criança não é gente. Diz que eu e seu tio dali da cidade inventa de disputar quem fumava mais cigarros. Tá me entendendo? Novinhos ainda isso, rapaz. Resultado, quando mamãe chegou encontrou aquele monte de filhos ao lado de nós dois lá estirados no chão, bêbados, bêbados, ói pense numa armada, viu. Pode rir, pode rir que essa foi de lascar mesmo.

Apanharam?

Até onde eu lembro, não. E diz mãe que vomitei muito, mas também não lembro disso. Só sei que cigarro foi a primeira e última vez que coloquei na boca, pense. Ei, ei, pode ir deixando essas daí. Não tá vendo que é canivete?

Ca... ni... ve... te...

Pronto, falando sozinho de novo. Falei que papai tirava a barba com um canivete? Agora pense num negócio amolado, viu...

E mãe ajudava a dissolver a tarde matando a saudades do pai. Morreu no ano passado meu avô. Felizmente entendeu a grandeza da velhice e perdeu o que tinha de rabugem muito cedo. Quem sabe um dia eu entenda isso como uma lição. Era querido por todos. Ainda não tive coragem de ouvir novamente a sua voz. Naquela tarde, avisei a ele que a conversa seria gravada, iria ajudar com meu livro. Ficou tão satisfeito em meu interesse por eu querer salvar sua voz quanto fiquei com as suas palavras. Só de missa dos vaqueiros foram 187 troféus! Era cavalo mais bonito, era melhor vaqueiro, pense. Era dito e feito, não perdia uma. Eu me espantava com os números, depois buscava na memória as estantes cheias de troféus. Esse era meu avô. O livro ainda não ficou pronto, vô. Já vai fazer dois anos nessa luta vã, é verdade. É que tô aprendendo a lidar com meus canivetes. Já adianto ao senhor que parte de seu depoimento ganhou forma. O velho Pedro ganhou vida na minha história. Um personagem que já veio pronto. Obrigado por sua generosidade mesmo na ausência. Lembro de suas histórias e até dá vontade de acreditar em dias melhores. Mas estamos em julho de 2020 e o mundo é um câncer a céu aberto. Estamos em uma tarde de vento mentiroso, e eu sou alguém habilidoso na arte de catar canivetes.

Oxe, e você não é o sabidão? Mas é broco mesmo, viu. Hahaha... Esse que a gente tá catando é feijão de corda por causa dessas cordinhas que levanta as bages pra cima, ói. Tá vendo? É só pegar e puxar. Agora o feijão de arranca é diferente. Fica pequenininho o pé. Não dá pra catar de bage em bage. A gente tem que deixar secar e arrancar o pé com tudo pra depois bater. Por isso feijão

de arranca, porque arranca o pé todo.

Nessa hora eu quase pisei numa codorna que camuflava sua existência em seu ninho. No meio da roça, do nada, aquele bicho levanta voo. Barulho infernal. O coração bate nos dentes e volta. Tá aí a importância de conservar os dentes cerrados. Me fez olhar pro céu. Uma asa branca passava excitada pelo cheiro de chuva, justo na hora. Justo na hora, lembrei do meu livro que não sai. Um livro inteirinho pra avisar que faz muito tempo que a asa branca voltou pro sertão.

Vai ver o livro sai esse ano, vô. Essa coisa das palavras virem até à boca e encontrar os dentes cerrados é meio desgastante. Mas confesso que tem lá seu prazer. Um escritor, seus masoquismos e canivetes. E mais essa sensação de que tudo é experimentação. Exercícios. Esse texto, por exemplo, vô. Partiu de um bloqueio com o tal livro que não sai. Aliás, por mais três razões esse texto toma forma.

A primeira – e mais importante – porque ontem eu estava olhando pro meu mural de imagens (gatilhos) e parei um instante na figura de Gustav Klimt. O pintor austríaco praticamente só pintou mulheres. Quando sua mãe morreu, percebeu que entre as mulheres pintadas não havia registrado a imagem da mulher que o colocou no mundo para pintar mulher. Não ter pintado sua mãe foi o arrependimento que Klimt levou ao túmulo. Depois, me veio aquela frase dele, naquele filme de 2006: A morte está à nossa volta. É julho de 2020 e eu não posso cometer o erro de Klimt.

A segunda razão é que devo participar de um concurso literário local. Penso em mandar este. Daí já se espera a pergunta é um conto ou uma crônica? Eu responderia que é um texto literário. Tão fuga quanto os caras jogando futebol dentro do mato. Tão fuga quanto o voo da codorna que temia ser esmagada. Tão fuga quanto as lagartas enclausuradas no milho, enquanto comem a ponta da espiga antes mesmo do dono. Tão fuga quanto a asa branca que passava anunciando algo que não entendi. Mas me mostrarão duas caixinhas e eu terei que separar minhas palavras como se separasse o lixo. Tá bom, é um conto.

A terceira razão é porque percebi que lidar com as palavras foi a melhor forma que encontrei para debulhar meus canivetes. Sim, palavras são canivetes. Em todos os sentidos, palavras são canivetes.



CONTO ESTUDANTE





VICTOR HENRIQUE BISPO JASON

Conquistou o 1º Lugar. Aracajuano, estudante e amante da arte de ler e escrever.

NATASHA TRAQUINAGEM

Toda noite o trem recolhia sua última leva de passageiros às onze da noite. Naquele dia, não foi diferente. A cidade dormia silenciosamente. Nas ruas havia apenas os gatos, cachorros e alguns andarilhos que cochilavam um sono leve enquanto se protegiam do frio agasalhados em lençóis velhos. No silêncio da cidade, alguém não identificado deixou um cesto coberto de mantas na porta da igreja na praça sede e correu avulsamente em direção à estação. Pretendia apenas fugir daquele lugar. Eram dez e quarenta e cinco da noite. Tudo era silêncio. A passageira comprou um bilhete, olhou ao redor desconfiada e partiu deixando todo aquele silêncio para trás.

Ao amanhecer, a cidade acordava em conjunto: homens trabalhadores se levantavam rotineiramente às cinco da manhã e partiam a cumprir suas ocupações. O Padre Heitor levanta-se cedo também. Responsável por toda a igreja, Era importante que tocasse o sino que despertava toda a cidade e anunciava a chegada do dia. Como de costume, ele levantou, banhou-se, tocou o sino e abriu as portas da igreja, pronta a receber os fiéis e grupos de oração da casa. Mas uma surpresa naquele dia atrasaria sua rotina tão regrada.

- É uma menina! – exclamou o Heitor ao achar a cesta largada na porta de sua igreja.

E realmente era uma menina. Natasha foi encontrada aos prantos, com fome, sede e desnuda embalada por lençóis numa cesta largada na porta da igreja. “Uma Maria-ninguém” assim se referiam as bocas fofoqueiras da cidade à menina de alguns poucos meses de vida. Entretanto, esse não foi o pior apelido referido à menina. Quando criança, as poucas meninas que aceitavam brincar com Natasha não entendiam o motivo dela não ter pai, não ter mãe e ainda ser criada por um padre (alguém que fazia votos de castidade).

- É filha de chocadeira? – questionava uma das crianças, inocentemente.

- Pior, ela é filha do padre – Respondia outra, zombando da menina Natasha.

Foi entre zombarias e humilhações que a menina de pele marrom, cabelos trançados, pés descalços e roupas largas cresceu. Sob a tutela do padre Heitor, Natasha passava seus dias brincando na rua e criando problemas com os outros moradores da cidade e ao fim da tarde, voltava à igreja pra banhar-se e

ir dormir. O padre cumpriu a tarefa de cuidar da menina até o fim de sua vida, alimentando-a, vestindo-a e dando-lhe um teto.

Quando Heitor morreu, Natasha já não tinha mais a inocência de uma criança. Na rua, aprendeu muito sobre a vida, amadureceu cedo e agora que beirava a adolescência sentiu o peso da responsabilidade de suas escolhas pesar sobre seus ombros.

Natasha nunca havia ido à escola. O pouco que aprendera (ler, escrever e fazer as operações) foi repassado por Heitor. Agora, só haviam duas opções para a menina: estudar ou trabalhar. Seguindo sua intuição, Natasha decidiu vender as poucas coisas que havia ganhado do padre em seus onze anos de convivência e investiu o lucro em livros e fardamento. Desabrigada, Natasha pôs em prática um projeto antigo: montou com tábuas e pregos que conseguiu num aterro, uma casa na árvore, num terreno baldio sobre um pé de mangueira onde ia se deliciar nos verões calorosos da cidade.

Já que não haviam vagas suficientes para todas as crianças da cidade, as vagas da escola eram garantidas por concurso. O desafio meritocrático colocava os alunos mais pobres e incultos em páreo duro às crianças de famílias ricas. As poucas crianças pobres que conseguiam vagas se mantinham exceção. A maioria que não conquistava uma vaga, recorria às humilhações de servir às famílias poderosas da maioria elitista que entravam com folga.

Sabiam que ali estava assinada a sua sentença sobre um futuro de possibilidades incertas, ou certezas indesejáveis.

Foi na escola que conheceu Catherine. Recém chegada na cidade, a professora jovem de 20 e poucos anos de idade, recém-formada, viera preencher a vaga em aberto de docente. O apego da professora pela menina se fez ao notar a capacidade de Natasha em aprender e ensinar. Entretanto, a estadia de Natasha não foi longa. Sem dinheiro para manter o custo dos livros e despesas com a educação, logo Natasha foi expulsa da instituição.

Além de não conseguir arcar com os custos do estudo, a insistente tentativa de usar o que aprendia na escola para dar aulas preparatórias para os jovens miseráveis da cidade (a fim de serem aprovados no concurso) também fazia a equipe diretiva se assustar com o aumento de alunos pobres na instituição e repudiar cada vez mais a jovem Natasha.

A amizade da aluna com a professora a levou a tentativas fracassadas de escondê-la na sala de aula pra dar prosseguimento aos estudos da menina. Quando a fofoca chegou aos ouvidos da direção da escola, Natasha foi retirada à força e humilhada publicamente e Catherine, demitida.

Sem perspectiva de futuro naquela cidade minúscula e vendo seu trabalho ser boicotado pelas famílias poderosas da cidade, Catherine decidiu retornar à capital de onde veio. Levou Natasha consigo, prometendo à menina estudos e melhores condições de vida lá.

Retornaram muitos anos depois. Natasha agora era uma mulher. Exalava

feminilidade, não era mais aquela menina descuidada e insegura. Era uma mulher firme, potente. Havia se formado não havia muito tempo em Direito, e conquistou respeito em seus poucos anos de carreira na magistratura. Em uma mão, carregava uma mala anunciando um período de estadia indefinido. Na outra, segurava pelos braços Catherine, que agora era uma senhora de quarenta e alguns anos de idade, com algumas rugas no rosto marcado pelo tempo. Natasha a considerava uma mãe, e ela a considerava uma filha.

Assustaram-se ao chegar na praça sede da cidade, e avistar ao redor o mesmo cenário de quase duas décadas atrás. Parecia que tudo havia congelado no tempo: as casas eram as mesmas; as crianças correndo descalças pelas ruas; idosos carregando baldes pesados de roupas em direção ao rio; a miséria e a pobreza e a mesma disparidade entre quem serve e quem é servido. Homens e mulheres de cor em sua maioria, que herdaram as ocupações escravocratas de seus antepassados, servindo as mesmas famílias que outrora usurpou seus avós e tataravós. Seguiam em suas ocupações num grande círculo hereditário do tempo: os de hoje cumprem a mesma função de seu antecessor. Os de amanhã, por sua vez, cumprirão a mesma função dos de hoje.

A única instituição de ensino existente no lugar continuava a insistir no mesmo método que propagava a desigualdade e o analfabetismo na cidade. Observando isso, Natasha voltou a organizar aulas para os moleques analfabetos da cidade. Queria a todo custo incentivar aqueles meninos a estudar e acabar com aquele ciclo hereditário vicioso. Cada aluno interessado, cada criança que entrava e se mantinha estudando era uma conquista considerável para Natasha, por mais que fossem exceções à regra.

Tendo passado algum tempo, a menina notou que, por mais esforço que fizesse para que alunos entrassem na escola e se mantivessem lá, o fato de se manterem sempre sendo exceções não alterava em nada aquele sistema estamental de desigualdades sustentado pelas famílias poderosas daquele lugar. O problema dali era político.

Sabendo disso, decidiu repensar sua organização. Queria fazer mais por aquele lugar que muito havia lhe ensinado na vida. Era ano de eleição municipal e Natasha decidiu lançar candidatura.

Numa atitude de coragem, decidiu investir tudo o que tinha em sua campanha: seu tempo, seu conhecimento e seu dinheiro. Escolheu como vice chapa, a professora Catherine.

Sabia que não conquistaria uma população iletrada com discursos acadêmicos, então dedicou-se ao mais óbvio: ensinar ao povo os seus direitos. Mesmo iletrados, todos sabiam distinguir direitos e deveres. Só não tinham conhecimento de quais eram eles.

- A educação é um direito de todos! Está escrito aqui! Votem pelos seus filhos se querem que eles possam entrar na escola e saber ler! Suas crianças têm muito mais a oferecer ao mundo que servir famílias brancas ricas que sustentam

todo esse caos e miséria que essa cidade vive há décadas! – Gritava pelas ruas a candidata. Admirada pela massa pobre da cidade, Natasha sabia que poderia ganhar com folga, e mesmo com os boicotes da população de classe alta da cidade, nada impediu Natasha de conquistar seu lugar ao sol. A prefeitura era sua.

Sua primeira medida: desapropriar a instituição de elitistas que se mantiveram por anos como única opção de ensino da cidade. Agora, as matrículas eram livres, e adultos não alfabetizados também poderiam voltar a estudar.

Todos os níveis de ensino básico seriam ofertados a partir de agora abertamente a toda a comunidade. Famílias poderosas da cidade agora custeariam a partir de impostos sobre grandes fortunas, a educação dos filhos de seus empregados.

Inaugurou-se também na cidade um orfanato para que as crianças desabrigadas pudessem ter um teto, comida e bons livros. No jardim do prédio, uma surpresa: na mangueira mais alta, havia uma casa na árvore abandonada.



MILENA CAROLAINE D. DA SILVA

Conquistou o 2º Lugar. Natural de Paulo Afonso-BA, estudante e desbravadora da leitura.

A DEUSA SHIVANI

Era uma vez uma deusa que se chamava Shivani, ela era muito poderosa e bonita, mas muitas pessoas nunca a tinham visto, pois ela morava no alto de uma montanha. Ninguém se atrevia ir até lá, pois tinham medo dela. Um certo dia ela foi atacada e envenenada por uma cobra e ficou desmaiada por vários dias, todos os habitantes próximos da montanha ficaram preocupados com Shivani, mas não sabiam o que fazer.

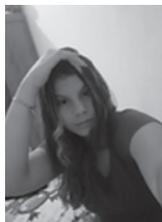
Um dia um jovem rapaz que se chamava Noah saiu de sua cidade em busca da flor que tinha o poder de curar, pois sua mãe estava muito doente e precisava dessa flor para lhe curar. No caminho Clara, ela estava passando por entre as árvores da floresta que ficava a casa da deusa. Noah se aproximou de Clara e lhe perguntou, se ela sabia onde encontrar a flor que cura. Clara ficou pensativa e em seguida respondeu que a flor ficava no palácio da deusa Shivani no topo da montanha, mas para chegar até lá ele precisava de muita coragem e determinação. Noah não se abateu e disse que estava disposto a enfrentar o que fosse para conseguir a flor, Clara então decidiu ajudá-lo. No caminho, eles enfrentaram vários desafios até chegar ao topo da montanha. Ao chegar ao palácio da deusa eles souberam que a flor estava sobre a proteção de Shavani e só ela sabia onde encontrar, mas ela estava desacordada, pois tinha sido picada por uma cobra mágica venenosa.

Noah não se abateu e pediu para vê-la, mesmo temendo um pouco, porque essa deusa era muito arrogante e não tinha o costume de ser boazinha com ninguém. Mas ele não teve escolha a não ser enfrenta-la. A deusa Shivani dormia profundamente, Noah disse que podia acordá-la, era só sugar o veneno que estava em seu corpo, e assim o fez.

Shivani acordou e soube o que tinha acontecido. Ela ficou muito grata a Noah, e perguntou o que podia fazer para recompensá-lo. Ele então disse que precisava da flor que cura para salvar sua mãe. Ela logo respondeu que para ter a flor ele teria que matá-la, pois só quando ela morresse que se transformaria na flor que cura. Noah ficou muito triste, pois não ia fazer isso com ninguém,

muito menos com uma pessoa que acabara de salvar.

Shivani percebeu que ele era uma pessoa bondosa, logo lhe entregou uma caixa com uma flor bem pequena dentro dela, e disse: -- aqui está o que você quer. Pois você é uma pessoa boa e honesta, que não precisa fazer mal a ninguém para conseguir o que quer. Ele agradeceu e foi embora com a flor. Sua mãe foi curada. Noah ficou muito feliz e voltou a montanha para ver Shivani outra vez. Ele percebeu que o que falavam dela era exagero, pois não tinha conhecido pessoa mais doce e gentil que ela. Sua doçura agora encantava a todos. Shivani e Noah se apaixonaram e ficaram juntos e felizes para sempre.



MARIA ELIZA DA SILVA ARAÚJO

Conquistou o 3º Lugar. Santabrigidense, estudante e amante da leitura.

O ÚLTIMO MÊS DE VIDA

Era uma vez Priscila uma linda jovem de 18 anos. Ela tinha acabado de descobrir um câncer e o mesmo já estava em fase terminal. Numa consulta, o médico afirmou que ela teria no máximo um mês de vida. Naquele momento a garota agradeceu a Deus por tudo e disse que estava preparada, que nada podia fazer se não entregar tudo nas mãos do Criador.

Continuou sorridente, aproveitando os últimos dias da melhor forma possível. Tinha muitas questões para resolver e decidiu três coisas para fazer antes do fim. Como morava sozinha, a primeira ideia dela foi adotar um bichinho de estimação, Estrela.

E ainda, disse que quando fosse para o céu, a vizinha tomasse conta daquela inocenta amiga e muito fiel. A segunda missão dela aprender tocar violão. Contratou um grande profissional e tudo deu certo. O professor deu grande apoio. Já a terceira era aprender a andar de bicicleta. Uma amiga se ofereceu ajudar e até tentou, demorou ensinando, mas chegou o dia da guerreira sair pedalando pelo vilarejo e esbanjando contentamento. Parecia uma despedida... E era!

Já chegou em casa pela noite, muito cansada, porém realizada. Convocou a vizinha e fez a entrega de sua melhor amiga e solicitou que tomasse conta, que fosse a segunda mãe de Estrela. Disse que estava no melhor momento da vida dela, que sempre é tempo de comemorar o presente e que temos que ser feliz do jeito que for. Depois disso, deu um forte abraço nas amigas e faleceu.



CRÔNICA





ROBISON SÁ

Conquistou o 1º Lugar. Portofolhense, professor, escritor e um desbravador da leitura e escrita.

SAUDADE DO IGUAL EM UM MUNDO DIFERENTE

O dia hoje não amanheceu como de costume. Abri a porta do meu quarto e ainda assim me senti trancado. Abri a porta de minha casa e a rua pareceu-me uma prisão. Precisei ir à padaria, mas pensei, pensei, o coração acelerou de medo do inimigo microscópico que se agigantou diante do mundo e o colocou aos seus pés. Um ceifador de vidas, com sua navalha imperceptível e incombustível, dando cortes certos nas artérias vitais.

Olhei para dentro, procurei o meu escudo mais resistente e acabei por me lembrar que o meu rival somente atacava em pontos definidos, como nos olhos e na boca. Nesse caso, o escudo deveria proteger esses pontos fracos e amenizar o risco de morte, caso eu precisasse enfrentá-lo em um combate corpo a corpo.

Com a devida proteção nos olhos e na boca, dirigi-me até a porta uma vez mais. Ao segurar o trinco, o rascunho de uma lembrança assombrosa me atormentou. Parece irreal, mas consegui, com minha mente modificada pela clausura, enxergar milhares, talvez milhões, desses combatentes ferozes no trinco da porta da minha casa, aguardando o meu toque para invadir-me completamente.

Soltei o trinco com a velocidade de um meta-humano. Eu não podia sair desse jeito. Precisava me equipar melhor, afinal, eu sairia sozinho para uma guerra contra incontáveis inimigos.

Tornando a fechar a porta, voltei, peguei um borrifador em uma estante na sala e encharquei minhas mãos com álcool. Ao lado, de uma caixa dormente, saquei um par de luvas e vesti minhas mãos, protegendo-as de uma invasão inimiga.

No regresso para a porta, ocorreu-me uma lembrança ainda mais macabra: até esse instante, mais de 100 mil soldados humanos brasileiros já haviam sido abatidos pelo exército oponente. No mundo, mais de 700 mil dos nossos soldados jaziam. Em todo o globo, até agora, mais de 19 milhões de combatentes humanos já tinham experimentado o ataque direto do destruidor de mundos.

"Será que estou exagerando em chamá-lo de 'destruidor de mundos'?", pensei.

"Cada vida ceifada significa a destruição de vários mundos. O mundo de

quem perdeu a vida e de todos aqueles que o amavam”, respondi-me.

Diante desse pensamento, recuei. Minhas pernas cambalearam. A fome desapareceu.

“Seria inteligente cruzar as barreiras formadas por milhões de desafetos somente para comprar pães?”

Recuei um pouco mais. Fui até a porta do quarto, olhei para a minha esposa ainda dormindo, protegida, intacta. Fui até o outro quarto e vi o sono angelical de minha filhinha de 07 anos, também incólume. O meu medo acabou se multiplicando.

“E se eu trazer os ceifadores para dentro de minha casa? E se eles se alojarem na sacola dos pães ou nos próprios pães? E se eles se alojarem em minhas roupas ou em minha pele? E se...?”

Ouvi o suspiro profundo de minha filha. Aproximei-me dela e senti o seu coração pulsando vividamente. Era assim que eu gostaria que ele continuasse. O combate iminente não envolvia só a mim, mas também aqueles que eu tanto amo.

Da rua, ouvi voz ecoantes, que despertavam com o sol da manhã. Ouvi também alguém tossir e imaginei 3 mil gotículas, viajando a 80 km/h, conduzindo até 200 milhões de partículas virais. Mais distante, ouvi o som típico de um espirro e dessa vez minha mente criou a imagem das 30 mil gotículas que viajavam a incríveis 320 km/h e conduziam centenas de milhões de partículas virais. Um calafrio invadiu-me.

Minha esposa acordou. Ela olhou para mim com um sorriso radiante, deu-me um bom dia e perguntou se estava tudo bem comigo. Falei que sim, mas minha garganta ficou obstruída.

Poucos minutos depois, minha filha também acordou, chamou o meu nome, como de costume, deu-me um abraço e fez algumas lágrimas escorrerem pelos cantos dos meus olhos cansados da prisão. Estava decidido: eu não iria mais à padaria. Não dá para arriscar tanto. Definitivamente, não dá.

Todos fomos para a cozinha e, enquanto o cheiro do café penetrava nossos olfatos, relembramos cenas vividas em um mundo diferente do atual. Falamos sobre as nossas viagens, sobre os lugares que conhecemos, sobre as comidas deliciosas que comemos, sobre as risadas que demos no carro durante as viagens.

“Às vezes, bate uma saudade do igual nesse mundo diferente.”

Hoje, elevarei ainda mais a muralha de proteção a mim e a minha família. Lutarei de dentro de casa, sabendo que estamos sob cerco constante, mas tentando prolongar a segurança de todos aqueles que tanto amo. Além disso, mantenho a fé de que venceremos essa guerra e poderemos respirar ares cheirosos uma vez mais.

“Adiarei o combate até que seja possível uma vitória nessa guerra.”



JOSÉ BARROS DOS ANJOS

Conquistou o 2º Lugar. Natural de Santa Rosa de Lima-SE, professor, Membro Fundador da Academia Municipalista de Sergipe.

AQUI É O MEU LUGAR

Andar pelas ruas agradáveis desta cidadezinha típica do interior é revisitar memórias inesquecíveis que nunca morrem dentro de nós. É ter encontros e reencontros com o eu interior. É emocionante saber que várias gerações de homens e mulheres que me antecederam viveram grande parte ou toda uma vida neste lugar; hoje eu sou a continuidade da história dos meus antepassados, eles estiveram aqui e cederam o espaço para as futuras gerações. É o ciclo da vida. E entre um ou outro passo dado começo a viajar em pensamentos entre a beleza visual indescritível das paisagens naturais que me rodeiam e o afeto que eu tenho pelas pessoas, que representam o maior patrimônio deste lugar.

De longe é possível enxergar o término e o início de cada rua sem perder de vista o encanto único de cada esquina marcada pelo desgaste do tempo. Ah! Morar nesta cidadezinha do interior, onde o ritmo de vida é devagar, onde as pessoas vivem sem pressa, porque não é preciso pegar avião, não existe trem-bala por aqui, tampouco há o vai e vem frenético de pessoas correndo contra o tempo para chegar a algum lugar, essas coisas são da cidade grande. Não ouse perguntar a quem mora aqui se deixaria de viver neste lugar, a resposta seria uma riqueza de detalhes de motivos pelos quais jamais o deixaria.

É o melhor lugar do mundo para se viver; há lindas montanhas e céu azul durante o dia; ao cair da noite, é visível o brilho das estrelas, sem falar do espetáculo da lua cheia, isso me faz lembrar as várias estórias em tantas rodas de conversas em torno do bicho lobisomem, as quais eram de causar arrepios. Como é contagiante sentir o vento suave na minha face, só isso bastaria para afirmar que vale a pena estar aqui, viver aqui, ouvir o cantar dos pássaros a cada amanhecer sem precisar que eles estejam na gaiola, como trazem música aos nossos ouvidos, e, nos fins das tardes, existe o espetáculo do pôr do sol. Eu vejo também as pessoas sentadas nas calçadas de suas portas para jogarem conversa fora, comportamento típico de cidadezinhas do interior, da nossa gente e da nossa cultura. Essas coisas e outras trazem equilíbrio e paz para a alma. Não têm preço, não se compram nas vitrines das lojas luxuosas nos endereços mais caros nas grandes metrópoles, porque simplesmente não são vendidas.

Não importa o que os outros pensam e dizem a respeito do lugar onde a gente vive. Há quem diga que é um lugar feio, mas para mim é belo; ainda existem aqueles que omitem suas origens por sentir vergonha e negam as suas raízes; outros jamais admitem falar o nome da sua terra natal; já eu faço o contrário, grito para o mundo todo ouvir que melhor lugar não há para se viver e descansar. Ora, é verdade que a beleza está no olhar de quem só enxerga o que quer ver, e isso depende do amor e do respeito que cada um de nós cultiva em relação à nossa gente e ao nosso lugar. Portanto, penso que não há lugar melhor ou pior, há lugares diferentes, com belezas diversas e identidade cultural peculiar.

De repente, a voz da minha memória revisita as suaves e estridentes badaladas do velho sino secular que fica no alto da torre da igreja matriz. É uma tradição incorporada ao nosso cotidiano ouvir o soar do sino através de ondas sonoras que percorrem toda a cidade, anunciando a celebração da missa dominical, às vezes festiva, as alvoradas, ou mesmo a partida de alguém que acabou de morrer. E, quando o sino avisa através das suas badaladas pausadas, todos se perguntam: quem morreu? Impossível esquecer as badaladas do velho sino, que desperta em muita gente um sentimento de pura nostalgia. Ah! Ele ainda resiste ao tempo.

O caminho que faço pelas ruas desta cidadezinha pode até ser o mesmo, mas a vida não é a mesma. A cada dia eu tenho um reencontro não só com o meu eu, mas também com as vivências e com a história deste lugar maravilhoso que guarda mistérios, desperta curiosidades e encanta os olhares de quem vem visitar a pacata cidadezinha do interior do Estado de Sergipe chamada Santa Rosa de Lima, um cantinho do Brasil.



JOSÉ THIAGO DANTAS COSTA

Conquistou o 3º Lugar. Monte-alegrense, estudante e fundador da Plêiade Cavalo-do-Cão.

MORTE SEVERINA

A morte é o maior e mais absoluto fato. Tudo que um dia nasce, cedo ou tarde, morrerá. A morte é o principal ponto histórico na vida de um sujeito e de uma civilização. E há de se notar também, o tipo de Morte. Nada é mais instigante do que a morte matada. Ah, ela é sempre servida em um prato cheio de emoções gordurosas e controversas, e a mente humana nunca está preparada para mastigá-la por inteira.

João Caçarola, desde que chegou, sempre foi gentil e doce com todos. Mas a morte matada em cidade pequena mexe no tempo e no espaço, muda o passado e o futuro. Enganos e coincidências são apenas distrações. Tudo tem um certo propósito. E a morte do pobre coitado, morto debaixo de sua cama, tinha o maior dos propósitos: encerrar as artimanhas de um ladrão de galinha, um estuprador, um assassino sem coração. A prova de todas as suas maldades escorregou da sua mão: um pequeno 38 sem registro.

Agora a humildade e a simplicidade são apenas uma máscara para quem escondia as piores verdades. Gente do mundo todo veio testemunhar os seus olhinhos fechados, a sua expressão congelada, sua palidez inacessível. Não houve uma alma humana que lhe cobrisse com o cobertor. Não tinha mãe, nem pai, nem irmãos. Surgira na pequena cidade do nada, quase que de paraquedas. Aqui e ali, pessoas que nunca o viram comentavam suas más obras. Ninguém se perguntava sobre o assassino. A verdade do assassino é a verdade de um Deus. Não, não... o sertão não é mais de cabra valente. O cabra macho morreu e evaporou faz tempo. Não é mais a era do finado Lampião, do Zé Sereno, do Brilhante, do Pé de Foice. Os novos vingadores vestem farda, usam chapéus de cowboy, andam de cima para baixo numa Hilux descendo a lenha nos malandros, colocando-os para ouvirem de perto o som estridente da descarga de suas motos.

São os novos soldados do mato. Diz a lenda, que para entrar nesse grupo é preciso morar na caatinga durante um mês. É preciso sofrer e beber o sangue de uma galinha viva, passar sede, beber o próprio mijo. Mas diferente de Lampião, o sujeito que sai desse mato para subir em uma caminhonete e prender presepeiro, tem uma identidade que não é a dele. É um cabra macho

pós-moderno sem nome.

O novo cangaço pertence ao Estado. Assim, não faz nenhum sentido perguntar quem matou uma pessoa, quando quem a matou foi o próprio Estado. Mesmo o soldado, aquele que não teve pudor em matar um pobre coitado debaixo de sua cama, não abriu a mínima brecha para o pesar da culpa. Ele sabe que metade da culpa pela morte do morto é dele próprio. Foram as decisões erradas que o mataram. A outra metade, não é culpa, e sim a responsabilidade do Estado. O soldado não pode ser assassino. O soldado sequer tem nome. É um filho querido da burocracia. É nesta que sua culpa se dissipa. Entretanto, a culpa não é bicho fácil de se livrar, é preciso colocar a arma na mão do falecido, para não sofrer da culpa dolosa. Tudo isso é caminho de roça para o soldado e por isso ele caminha de olhos fechados. Ao contrário do coitado, o soldado do mato não tem escolha. A obediência ao seu pai é o seu maior princípio. O seu pai diz que preserva a vida, o bom filho entende. Entendeu que o seu pai escreve errado por linhas certas.

O novo cangaço também não é tão novo. Ele existe desde quando o Estado era um recém-nascido. Talvez esse tipo de comboio seja datado desde antes do próprio Lampião. Um conselheiro, uma república, uma “matadeira” e um massacre: canudos nos mostrou a força desse Deus recém-nascido, que ainda não dominara a sagrada arte de escrever errado por linhas certas.

E o João Caçarola? Ninguém sabe, ninguém viu. E essa é, realmente, a pura verdade. Ninguém sabe, ninguém viu, é muito mais que um reflexo de medo. Um bom pai não quer medo dos seus filhos, quer respeito. O Estado é a verdade e o seu filho não é ninguém desde o dia em que se formou soldado. Os possíveis dedos-duros desconhecem, porque desconhecem. Diante dos mistérios desse tipo de morte, as pessoas não procuram mais assassinos, procuram justificativas. Em vida, João Caçarola era um Zé Ninguém. Depois de morto pelo Estado é a pessoa mais sem prestar do mundo. A morte é a fatalidade arbitrária do destino, e no sertão já se deu muito por fome, por sede, emboscada e por rixa. Agora, temos uma antiga e contemporânea morte Severina: a morte matada pelo Estado.



CRÔNICA ESTUDANTE





KAUÃ ALVES DOS SANTOS

Conquistou o 1º Lugar. Portofolhense, estudante e membro do projeto “A Poesia indo à Escola”.

FLORESER DA ESPERANÇA

Certo dia, andando em uma estrada de “chão” parei para observar o sertão, e nessa minha apreciação, pude perceber que uma das únicas coisas que tem em abundância no sertão é o clima quente e árido e uma planta chamada mandacaru.

Depois de algum tempo, observando essas características nordestinas, comecei a ligar a semelhança dos sertanejos com a essa tal planta. E se o mandacaru for a reencarnação de um sertanejo? Se assemelharmos o mandacaru ao mesmo, rapidamente encontraremos algumas semelhanças.

Veja, assim como os sertanejos, o mandacaru também precisa sobreviver muito tempo com a ausência da chuva. Similarmente, os espinhos do mandacaru se comparam a pele sofrida desse povo, que trabalha vários dias abaixo de um sol que em certos períodos ultrapassa os 38 graus. No entanto, ambos são ricos por dentro.

Mesmo sendo um povo muito castigado, carrega no seu coração o amor, coincidência, pois o mandacaru traz água dentro de si, o principal responsável pelo florescer do amor sertanejo. Talvez, o mandacaru seja a recordação de um alguém que lutou bravamente nesse solo e nunca desistiu, e agora está ali, materializado em uma planta, que como homens e mulheres sertanejos, consegue sobreviver e florescer sem muito rancor.



MARIA LUCYELMA F. DE MELO

Conquistou o 2º Lugar. Portofolhense, estudante, membro da Plêiade Cavalo-do-Cão e participou do projeto “A Poesia indo à Escola”.

Heróis escondidos

Em pleno chão rachado, açudes secos e cactos. O sertanejo tem tudo para desanimar, mas desanimação não consta no seu dicionário, pelo contrário mesmo com problemas ele insiste em prosseguir... Sim, esta é umas das características que me orgulha no sertanejo, sua persistência!

Ao longo do tempo, até agora o homem do sertão sempre sofreu, nem que seja pelo preconceito, seca ou falta de consideração. Também temos que ressaltar que nas veias de qualquer sertanejo corre sangue, não qualquer sangue, o sangue de seus irmãos. Muitos mortos por batalhar em busca de seus direitos, como nossos irmãos canudenses, e seu líder Antônio conselheiro. Os do movimento MST, que lutam por um palmo de terra. Também temos o destemido bando de lampião ou aqueles que durante a primeira república migraram para o norte em busca de melhorias. Realmente temos uma vasta lista de heróis a ser explorada, meus caros leitores.

Cabe ressaltar que nesse chão tão esnobado por alguns, encontraremos as sertanejas, que são belas, doces, protetoras e “machas”. Durante os séculos passados sem existência de água encanada, a mulher caminhava quilômetros atrás de água, ia as roças colher e plantar com seu marido, cuidava do gado, tirava palma e silagem, como algumas fazem até hoje. As sertanejas também são ótimas mães, elas cuidam de seus filhos como a se mesmo ou mais ainda. Podem ter um ou dez filhos sempre olharam para cada um do mesmo jeito, amam e protegem sem limites a cada um de seus genitores. Ressaltaremos nesse meio às nossas professoras Sergipana, que lutaram em um mundo onde falta alfabetismo. Nossas curandeiras, que em tempos de escassez de medicamentos usavam seus velhos métodos para a cura. E as costureiras, que irei ressaltar minha mãe, assim como em outras gerações, trabalha para esconder a nudez de quem não tem um shopping a sua disposição.

Em meio a caatinga, sertanejos lutam para salvar seu rebanho, quando tudo se encontra seco, esses destemidos heróis acordam a madrugada para retirar palma, ir atrás de água ou silagem para poder tirar um pingo de leite, que mesmo sem valorização é o seu bem precioso. Quando chove os dias se tornam menos excessivos, mas passarão para a luta da planta e posteriormente

para a da colheita.

Também temos caros leitores, cidadãos sergipanos dignos de qualquer reconhecimento mundial, por suas pesquisas e sua filosofia excelente. Como o nosso adorado Raimundo Eliete, que é alto conhecedor de qualquer área do sertão, sendo ela geográfica, humana, filósofa ou a antropóloga. Sim, quem conhecer este jovem senhor nunca esquecerá de seus conhecimentos e de sua força de vontade para que as riquezas do sertão sejam valorizadas, pensando bem ele já é uma das nossas maiores riquezas.

Porém, em um mundo escuro e pequeno, habita a nossa mídia impiedosa, quando o assunto é o sertanejo e sua labuta diária, ela não tem dor e nem piedade. Só olham o lado vergonhoso e faminto, o lado heroico e corajoso passa despercebidos pelas lentes das câmaras e pelos olhos de quem as manuseiam...



MATHEUS ALVES BARROS

Conquistou o 3º Lugar. Gararurensis, estudante, devorador de livros e um exímio escritor.

O SONHO DO SERTANEJO

Era um dia frio e chuvoso. Corri para a varanda da minha casa sentindo a brisa leve a soprar no meu rosto, trazendo consigo o cheiro da terra molhada da intensa chuva que caía lá fora. Ao observar aquele espetáculo, meus olhos se encheram de lágrimas, pois já fazia um bom tempo que o céu não chorava no meu Sertão.

O lugar onde vivo é pequeno, territorialmente falando, porém encantador, devido às suas belezas, cultura e história.

Lugar de gente trabalhadora, simples e cheia de fé. Como dizia Euclides da Cunha, ao narrar a Guerra de canudos no Sertão da Bahia, O sertanejo é antes de tudo um forte. E é verdade, concordo com renomado autor. O sertanejo não arreiga o trabalho, o cansaço, além disso, trava uma luta diária pela sobrevivência.

Ao acordar, arregaça as mangas e vai à luta. É uma vida difícil, de trabalho pesado, ainda com uma forte tendência ao trabalho braçal, principalmente, para àqueles que vivem da agricultura de subsistência. Assim, não tendo recursos financeiros para a compra e manutenção de máquinas, fazem todas as tarefas de forma manual.

O sertanejo também é caracterizado devido ao sentimento de muita fé. Nesse sentido, a população do meu pequeno lugar é fortemente tomada por tal devoção. Então, roga ao padroeiro São Mateus, que deu origem ao nome do lugar, para que mande chuvas para molhar esse solo.

Retomando a minha história, enquanto eu estava a admirar tamanha beleza, percebi que nossa prece tinha sido atendida. O sertão estava em festa e, nesse momento, meus pensamentos se dirigiam apenas ao agricultor. Só imaginava a felicidade do homem do campo naquele instante. Não é que eu seja egoísta, talvez eu pense que o agricultor é o mais atingido diretamente no período da

seca. Como cantava o saudoso Luiz Gonzaga, conhecedor de nossa gente, “Não posso respirar, não posso mais nadar, a terra tá morrendo, não dá mais para plantar, se plantar não nasce, se nascer não dá...”, ou seja, a agricultura é a única fonte de renda da maioria dos sertanejos, e se não tem chuva não tem renda. É uma triste realidade.

No momento da chuva, meu peito estava inflado de tanto orgulho e o meu coração... Ah, meu coração! Quase saindo pela boca, pensei que fosse enfartar. Então, sem pensar duas vezes, eu pulei a janela da pequena varanda e, vibrando de alegria, corri em direção à chuva. Dancei na chuva, com os pés descalços, e feito um pinto molhado, como diria a minha mãe. Por um instante, parei e observei mais uma vez o meu Sertão, não estava mais seco. Eu já imaginava que em poucos dias a paisagem do meu povoado estaria revestida de verdes contagiantes. De repente, tudo desaparece. Sem chuvas, sem verde, sem casas... E quando um barulho vindo do telhado me acorda, infelizmente, descubro que tudo não passava de um sonho. Então, eu levanto da cama e acendo à lâmpada, ainda meio cabisbaixo e com sono. Mas, o som que vinha do telhado continuava cada vez mais forte. Caminho até a porta da varanda que dá acesso para a rua. E para a minha alegria, o que era sonho começa a se tornar realidade. Logo, vejo a chuva forte abençoar aquele solo velho e rachado e me deleito de tanto prazer.



POEMA





FRANKLY ROLIM

Conquistou o 1º Lugar. Aracajuano, professor, historiador e Membro da Academia de Letras de Aracaju.

DEUS EX MACHINA

Na medida do possível
Eu alinho os astros
Enquadro-os no céu com minhas mãos.
Molduro a imensidão
Em mim
E me encontro
Em algum lugar das estrelas.
Parte de mim é universo
E a outra parte é verso
E solidão

Às vezes, me despallavro
Desato
Volto ao abismo do nada
Onde o fluido mar
conduz o espírito à criação.
Preciso nascer de novo
antes que eu me perca
no léxico de velhos hábitos
Para não sucumbir,
no cruel desatavio do
Deus Ex machina



IASMIM SANTOS FERREIRA

Conquistou o 2º Lugar. Gloriense, estudante, professora, escritora e Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras.

PUM BÁ, PUM BÁ

Ao desfile cívico do Brasil

Marcha, marcha
Levanta!
Direita, esquerda!
Não perde o ritmo
do Brasil mítico:
Samba, mulata!
Marcha, marcha

Pum bá, Pum bá
Pum barará!

Marcha, menina
Dos olhos tira a mecha,
Olha firme e marcha

Pum bá, Pum bá
Pum barará!

Marcha, menino
Marcha, pretinho
E esquece dos seus
Que matam, ó Brasil

Pum bá, Pum bá
Pum barará!

Marcha, marcha,
Que a macha dos machos desmacha
Os sonhos seus, filhinho

E a bala do Estado desmacha
Pumm! Pumm!

Das mães pretas se ouve
a chama:
-Acode, os filhos teus, ó Brasil!

Pum bá, Pum bá
Pum barará!

Marcha, marcha
esquece que outrora
desmancha a Amazônia
na marcha do fogo nas matas

Pum bá, Pum bá
Mata, mata negros já!

Pum bá, Pum bá
Queima, queima sem parar!

Pum bá, Pum bá
Ó mãe gentil, onde vai parar?



ALEX XELA LIMA

Conquistou o 3º Lugar. Natural de Paulo Afonso-BA, escritor e desbravador da arte da palavra.

PÁTRIA QUE ME PARIU

Chega de tanta matança,
De revólver na mão de criança,
Tanto de um lado só da balança
E tanta gente sem ter
O que comer.

Chega de tanta ignorância,
Zum-zum-zum de ambulância,
A paz a uma grande distância
E tanta gente sem sorrir
Por não ter onde dormir.

Onde está a esperança,
O sorriso da criança,
O princípio da paz?

Onde está o amor?
O noticiário: que horror;
Assim não dá mais!

Meu Deus onde estou vivendo,
Com meus versos morrendo
Sem apoio, direção?

Pra quê jurar a bandeira,
Ser um soldado de primeira
Sem poder defender sua opinião?

Meu Deus, que pátria é essa?!
Que pátria é essa?!...
Essa que me pariu?...

É duro acreditar,
É duro amar,
Mas eu a amo,
Melhora Brasil!



POEMA ESTUDANTE





ALANY NUNES MACEDO

Conquistou o 1º Lugar. Natural de Poço Redondo-SE, estudante e amante do universo da leitura e escrita.

POEMA DE LÁGRIMA

Há um abismo dentro de mim
Enquanto uma pedra
Bloqueia meu caminho
Como se chama esta pedra?

Mas não se preocupe
Meu coração chora aos prantos
Vamos sorrir, sorrir com minhas lágrimas
Chuva de lágrimas

Em meu rochedo
Eu tenho proteção
Mas porque esses monstros me seguem até aqui?
Este forte que me libertar, me aprisiona.

Borboletas voam pela janela
Até em dias sombrios
Elas percebem que essa água é salgada
Eu a chorei

É culpa daquela dor
Esta que me domina
Que me cala
É ela a culpada

Mas não importa, certo?
Minhas suplicas se tornam inaudíveis enquanto choro.
Mas não se preocupe.
Sorrirei com minha dor, sorrirei com minhas lágrimas.



MATHEUS ALVES BARROS

Conquistou o 2º Lugar. Gararureense, estudante, devorador de livros e um exímio escritor.

AS CINZAS DO MANTO VERDE

Me parte o coração
em ver o que aconteceu,
um crime ambiental
que o mundo comoveu,
trazendo caos e tristeza,
presenciando a beleza,
que no fogo se perdeu.

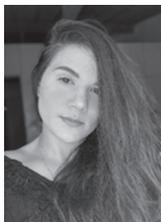
Minha querida Amazônia
pelas cinzas foi tomada,
perdendo seu belo verde
com suas matas queimadas
e seus animais feridos
pelas chamas atingidos
já não têm uma morada.

Sua fauna e sua flora
aos poucos estão morrendo,
é muita diversidade
que o mundo está perdendo,
triste é essa situação
de ver que o nosso chão
com o fogo está sofrendo.

O desmatamento avança
tão veloz e sem parada,
vidas que ali habitam
acabam prejudicadas,
por culpa do ser humano,
que por atos desumanos,
a própria casa degrada.

O cantar dos passarinhos,
o soar das correntezas,
dos rios que aqui percorrem,
hoje expressam só tristeza.
Uma rica vegetação,
que beira sua extinção,
cambaleia na fraqueza.

Ah, minha bela Amazônia!
Pro mundo és importante.
Não canso de repetir,
digo isso tão constante.
Da terra és o coração
Que abraça toda nação
Com seu verde radiante.



MARIA LUCYELMA F. DE MELO

Conquistou o 3º Lugar. Portofolhense, estudante, membro da Plêiade Cavalado-do-Cão e participou do projeto “A Poesia indo à Escola”.

RECLUSÃO

Liberdade poética foi presa em rimas
Deixando-se frustrar
Deixando a imaginação naufragar
E poeta preso em lágrimas.

Tempo não passava
Versos não fluíam
Angústia da regra esmiuçava.

Lápis queria denunciar
Borracha não queria desobedecer
Papel estampava amargura
Imposta a silenciar.

Poeta como grande lutador
Foi se encorajar
Debruçando-se em si libertar.

